

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA MICHELIS DE LIMA FERNANDES

A POLITIZAÇÃO DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DAS CONVERSÇÕES
SOBRE O TEMA ELEITORAL DOS BRASILEIROS E ARGENTINOS NAS
FANPAGES DOS JORNAIS ESTADÃO E CLARÍN EM 2018 E 2019

CURITIBA

2021

MARINA MICHELIS DE LIMA FERNANDES

A POLITIZAÇÃO DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DAS CONVERSÇÕES
SOBRE TEMA ELEITORAL DOS BRASILEIROS E ARGENTINOS NAS
FANPAGES DOS JORNAIS ESTADÃO E CLARÍN EM 2018 E 2019

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Linha de pesquisa: Comunicação e Política
Orientador: Prof. Dr. Emerson Urizzi Cervi

CURITIBA

2021

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Sheila Barreto (CRB 9-1242))

Fernandes, Marina Michelis de Lima

A politização do Facebook: uma análise das conversações sobre o tema eleitoral dos brasileiros e argentinos nas fanpages dos jornais Estadão e Clarín em 2018 e 2019./ Marina Michelis de Lima Fernandes – Curitiba, 2021.

143 f: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Urizzi Cervi

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021.

1. Comunicação Política. 2. Eleição. 3. Redes Sociais. I. Título.

CDD 302.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARINA MICHELIS DE LIMA FERNANDES** intitulada: **A POLITIZAÇÃO DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DAS CONVERSÇÕES SOBRE O TEMA ELEITORAL DOS BRASILEIROS E ARGENTINOS NAS FANPAGES DOS JORNAIS ESTADÃO E CLARÍN EM 2018 E 2019**, sob orientação do Prof. Dr. EMERSON URIZZI CERVI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

10/02/2021 11:35:59.0

EMERSON URIZZI CERVI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

10/02/2021 11:46:41.0

CAMILLA QUESADA TAVARES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO)

Assinatura Eletrônica

10/02/2021 14:59:40.0

MAURÍCIO AUGUSTO PIMENTEL LIESEN NASCIMENTO

Avaliador Interno (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO/UFPR)

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar um ciclo, as pessoas sempre aguardam pelo momento em que poderão comemorar e agradecer àqueles que ofereceram apoio e suporte durante a caminhada. Mas comigo isso sempre funcionou um pouco diferente, dado que nunca fui adepta às demonstrações exageradamente emocionais. Não gosto das grandes declarações e as projeções que as acompanham. E criar grandes perspectivas em alguém dói, porque renega a simplicidade do relacionar-se com alguém. Acredito que o colocar-se em relação ao outro deveria implicar sempre na leveza da troca, já que é de nossa natureza deixar e receber um tanto, sem embutir no outro a necessidade de corresponder.

Por isso, quando penso em todas as pessoas que estiveram comigo durante esses dois anos, posso dizer que somente um agradecimento em texto seria pouco para expressar o sentido que representa, para mim, tê-los como amigos. Pois as palavras aqui colocadas não dão conta de indicar, em plenitude, o quão fantástico é ter a oportunidade de sermos contemporâneos, precisamente nesse tempo da história de nossa existência. Devo agradecê-los pelo simples fato de existirem, já que certas pessoas não precisam falar para serem entendidas. Deleuze fala que ser amigo de alguém é uma questão de percepção. Não se trata de ideias em comum, mas sim de linguagem em comum. E é assim que nasce a compreensão e a amizade.

E é interessante porque quando lembro de cada uma dessas pessoas, reconheço que seus olhares sobre mim me fizeram enxergar a minha própria pessoa. O simples fato de estarmos diante de alguém já adiciona novas perspectivas sobre quem somos e, então, não podemos mais ser quem éramos ontem. A noção que construí sobre mim ao longo dessa trajetória jamais poderia ser auto-referenciada, na medida em que foi atravessada pelas sensações que os outros me causaram. Tampouco este trabalho poderia resultar de um esforço exclusivamente meu. Ele carrega, implicitamente, a contribuição de vários.

Li uma vez em um livro de Valter Hugo Mãe que o inferno não são os outros, porque o homem sozinho seria apenas um atributo indiferenciado no planeta. Ser quem somos implica necessariamente naqueles que nos rodeiam. A beleza das trocas reside exatamente aí, não aquelas comprometidas com a grandeza, mas as

despretensiosas e fluídas, que sutilmente adicionam sentido e humanidade à nossa existência diária.

Haja vista que não vivemos de grandes eventos, nossa trajetória é criada a partir de pequenos acontecimentos, corriqueiros, que gradualmente alteram o sentido de nossas vidas. Por isso, os adjetivos que aqui utilizo são deveras emocionais, mas junto a eles acompanha a simplicidade intencional sob a qual despejo em forma de relato os meus artifícios mais pessoais. É um ato singelo, confesso, posto que minha personalidade não permite fazê-lo de outra forma. Resta aqui apenas, deixar que o pensamento livre atue, desejando, ainda, que estas palavras encontrem as pessoas nas quais me inspiro no momento em que escrevo.

Primeiramente agradeço aos meus pais, Luciane e Jeferson, por todo o esforço, paciência e investimento em minha formação, humana e profissional, desde a infância. Não importa quão longe eu vá, todos os caminhos me levarão até vocês, porque mesmo crescendo, sempre retornarei as minhas origens para lembrar da grandiosidade contida nos gestos mais simples aprendidos em casa. Também não posso deixar de citar meus irmãos, João Victor e Rafael, que passaram uma vida crescendo ao meu lado. A convivência com cada um deles me adicionou novas possibilidades de ler o mundo. Vocês são meu início, meu meio e meu fim!

Quero agradecer também ao Murilo, meu companheiro de todas as horas, por todo o carinho, respeito e conhecimento compartilhado. Gosto muito da leveza desta relação, das conversas profundas (e das toscas), do nosso “comunismo dos livros”, da nossa anarquia, da hora do café, dos passeios de bicicleta e todas as outras coisas que criamos juntos. Não fosse isso, Curitiba seria apenas uma cidade cinza.

Portanto, obrigada por potencializar meu mundo com as suas cores.

Aos meus amigos do mestrado, Djiovanni, Naiza, Fernando e Romão agradeço a acolhida, os momentos de risada e a oportunidade de podermos superar as coisas juntos. E aqui não posso deixar de lembrar, com imenso carinho, da Rafaela Sindorski, por tanta generosidade e delicadeza em me acompanhar e dividir sua experiência. A beleza do conhecimento está na possibilidade de cada um de apropriar-se dele de modo particular, e com você aprendi a sensibilidade em saber ouvir e ensinar.

Um agradecimento especial ao professor Kevin, pela gentileza em aceitar revisar meus trabalhos, sendo muito atencioso e detalhista. Ao professor Pedro Aguiar, um grande obrigado por todo o incentivo desde minha entrada no Mestrado e também por todas as dicas, muito inteligentes e úteis. Obrigada professor Danillo Bragança, o qual conheço apenas virtualmente, mas que tornou-se um bom amigo, sempre muito preciso em suas indicações literárias e resenhas de livros.

Quero expressar minha gratidão à professora Camilla Tavares, por ter sido a primeira pessoa a me colocar em contato com a pesquisa acadêmica. É uma honra trabalhar com você novamente, dessa vez não mais como orientanda e orientadora, mas como avaliadora e mestranda. Espero que você saiba que cada conquista minha será sempre sua também. Ao professor Maurício Liesen, agradeço a competência, não só como avaliador deste trabalho, mas em saber compartilhar sua sabedoria de maneira tão justa e inspiradora. Ao professor Emerson Cervi, meu orientador, agradeço todas as contribuições destinadas ao desenvolvimento desta pesquisa, bem como pela oportunidade em poder aprender a amadurecer ao longo desses dois anos. À CAPES pela concessão da bolsa. Por fim, à Scarlet, Marlon, Renato, Maria Aline e Mirna, meus últimos agradecimentos.

RESUMO

As redes sociais online alteraram as formas de interação entre as pessoas, desencadeando efeitos diversos que refletem na vida política e em outras instâncias sociais. Devido as características específicas do meio online, este trabalho parte de uma linha teórica que leva em consideração aspectos emocionais que ganham vazão nas redes sociais online, desconsiderando-a como esfera pública consensual. Para tanto, a tarefa desta pesquisa é analisar comparativamente como os comentadores de dois jornais tradicionais discutiram o tema eleitoral no *Facebook* nos anos de 2018 e 2019. As páginas escolhidas para subsidiar o corpus da pesquisa foram os jornais Diário Clarín e Estado de São Paulo. A pergunta que guia essa investigação é: Como o contexto eleitoral de cada país diferencia a conversação entre brasileiros e argentinos sobre o tema eleitoral no *Facebook* e quais foram os principais temas articulados por eles? Assim, o objetivo desse trabalho é analisar as conversações políticas no *Facebook* a partir de nichos temáticos formados pelos comentadores das matérias eleitorais dos jornais Clarín e Estado de S. Paulo, verificando quais características aproximam ou distanciam os brasileiros dos argentinos a respeito da disputa eleitoral. O corpus é composto por 317.559 comentários da *fanpage* brasileira e 586.601 comentários da *fanpage* argentina. As hipóteses são: 1) existem diferenças qualitativas no uso do espaço dos comentários entre brasileiros e argentinos; 2) comentadores brasileiros e argentinos utilizam os comentários para panfletar suas preferências eleitorais. Para testá-los, a metodologia aplicada foi a de análise de conteúdo automatizada, onde se fez uma leitura léxica com auxílio do software Rstudio. Dentre os principais achados, destaca-se o fato de que as conversações na *fanpage* brasileira estavam mais centradas na polarização entre PT e Bolsonaro e formavam classes mais homogêneas, ao passo que os argentinos focaram na crise econômica e seus tópicos de conversação estão mais dispersos e heterogêneos.

Palavras-chave: Conversação. Facebook. Redes Sociais Online. Eleições. Argentina. Brasil.

ABSTRACT

Online social networks have changed the forms of interaction between people, triggering diverse effects that reflect on political life and other social instances. Due to the specific characteristics of the online medium, this work is based on a theoretical line that takes into account emotional aspects that gain a spot in online social networks, disregarding it as a consensual public sphere. The task of this research is to analyze comparatively how the comments of two traditional newspapers discussed the electoral theme on Facebook in the years 2018 and 2019. The pages chosen to support the research corpus were the newspapers *Diário Clarín* and *Estado de São Paulo*. The question that guides this investigation is: How does the electoral context of each country differentiate the conversation between Brazilians and Argentines about the electoral theme on Facebook and what were the main themes articulated by them? The objective of this paper is to analyze political conversations on Facebook based on thematic niches formed by commentators on the electoral articles in the newspapers *Clarín* and *Estado de S. Paulo*, verifying which characteristics bring Brazilians and Argentinians apart from the electoral dispute. The corpus consists of 317,559 comments from the Brazilian fanpage and 586,601 comments from the Argentine fanpage. The hypotheses are: 1) there are qualitative differences in the use of the comment space between Brazilians and Argentines; 2) Brazilian and Argentine commentators use comments to show their electoral preferences. To test them, the methodology applied was that of automated content analysis, where lexical reading was performed with the aid of the Rstudio software. Among the main findings, it was identified that the conversations on the Brazilian fanpage were more focused on the polarization between PT and Bolsonaro and formed more homogeneous classes, while Argentines focus on the economic crisis and their topics of conversation are more dispersed and heterogeneous.

Keywords: Conversation; Facebook; Online Social Networks; Elections; Brazil; Argentina

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de comentários distribuídos por mês no Estado de S. Paulo.....	97
Gráfico 2 – Número de comentários distribuídos por mês no Diário Clarín.....	98
Gráfico 3 - Distribuição de termos por classes (CHD) da página Estado de S. Paulo.....	106
Gráfico 4 – Matriz de co-ocorrência na página do Estado de S.Paulo.....	113
Gráfico 5 – Perspectiva comparada entre tópicos 2 e 3.....	116
Gráfico 6 - Distribuição de termos por classes (CHD) da página Diário Clarín.....	118
Gráfico 7 – Matriz de co-ocorrência na página do Diário Clarín.....	123
Gráfico 8 - Perspectiva comparada entre tópicos 4 e 1.....	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de palavras gerada pelos comentadores do Estado de S.Paulo.....	101
Figura 2 – Nuvem de palavras gerada pelos comentadores do Diário Clarin.....	104
Figura 3 – Tópicos estruturados em Estado de S. Paulo.....	115
Figura 4 – tópicos estruturados em Diário Clarin.....	125

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A CONVERSAÇÃO E A COMPLEXIFICAÇÃO DAS INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS EM REDES SOCIAIS ONLINE.....	22
2.1 Economia da informação no Facebook e o contraste da opinião pública na esfera informal.....	23
2.2 A formação da conversação em ambiente de interação online e as novas formas de relacionamento.....	33
2.2.1 Conversação privada e conversação pública.....	36
2.2.2 Conversação em redes sociais online.....	39
2.3 A “Facebookzação” da política e a disputa conflitual dos enunciados coletivos.....	41
3. ANTAGONISMOS E POLARIZAÇÃO: A REALIDADE ELEITORAL DO CONTEXTO BRASILEIRO E ARGENTINO.....	51
3.1 A polarização entre PT e Bolsonarismo: o caso brasileiro em 2018.....	54
3.2 Efeito Macri x Kirchnerismo: o caso argentino em 2019.....	57
3.3 Rupturas políticas e restauração de hegemonias: o que aproxima os ciclos eleitorais?.....	62
4. SINGULARIDADES E DIFERENÇAS ENTRE CONVERSADORES BRASILEIROS E ARGENTINOS SOBRE O TEMA ELEITORAL.....	73
4.1 Quality Papers: o perfil das páginas analisadas e o papel da cobertura midiática.....	74
4.2 Estratégia metodológica: análise de conteúdo comparativa e lexicometria automatizada.....	85

4.2.1 Consideração sobre a coleta de dados e operacionalização dos dados.....	93
4.3 Apresentação dos resultados.....	97
4.3.1 Resultados Gerais.....	98
4.3.2 Distribuição dos grupos lexicais e discussão comparativa dos resultados.....	107
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135

1. INTRODUÇÃO

As conversas que nascem nas redes sociais são geralmente associadas a comportamentos tidos como agressivos e ofensivos. Não são raros os relatos de pessoas que envolveram-se em discussões políticas na internet e terminaram ameaçadas ou extremamente ofendidas. A experiência de ter acesso a amplos canais de informação e de reação imediata ao conteúdo consumido fez com que o leitor/usuário adquirisse certa autonomia dentro da cadeia interativa ‘emissor-receptor’. No entanto, justamente por existir um fluxo rápido e diversificado de reações sendo registradas diariamente nas redes sociais, a aparente liberdade de comunicação pode, em muitos casos, converter-se em intolerância generalizada.

Conforme será apresentado na sequência, alguns autores localizados na área da comunicação política consideram tal fenômeno como algo naturalmente esperado dentro da relação humana, principalmente quando se trata de temas sensíveis à opinião pública. Para além disso, também não se deve ignorar o fato de que as próprias interfaces digitais são projetadas com a finalidade de prender a atenção do usuário durante longos períodos de tempo. Por levarem o nome de ‘redes sociais’ e funcionarem sob a lógica de uma ‘economia da atenção’, estes espaços investem em estímulos que são direcionados para aspectos emocionais e afetivos, o que também colabora para que a característica das trocas interativas sejam mais ordinárias do que necessariamente preocupadas com algum critério formal de discussão.

Desde o escândalo envolvendo as empresas do *Facebook* e *Cambridge Analítica*, o acesso a manipulação de dados dos usuários das redes sociais foi uma pauta que ganhou força nas coberturas jornalísticas ao redor do mundo (Bruno, Bentes, Faltay, 2019). O uso político das informações retiradas via plataforma online colocou em questão a confiabilidade dos resultados eleitorais, principalmente associado a campanha de Trump em 2016 nos Estados Unidos. Embora não se tenha indícios exatos sobre a atuação da empresa de dados nos países, há indícios de que esta tenha atuado em países latino-americanos.

Combinado a esse contexto, outros elementos indicavam graves problemas éticos no tocante a proliferação de informações dentro das redes sociais. Sobretudo durante os anos eleitorais de 2018 e 2019 o escândalo das *fake news* foi um

elemento a mais que colaborou para intensificar as guerras narrativas na internet (Recuero, Gruzd, 2019). As incertezas sobre a origem exata dos materiais e a rápida pulverização dessas notícias, normalmente relacionadas aos candidatos da disputa eleitoral e seus apoiadores, influenciou também na formação de grupos e nichos de usuários cujas práticas discursivas objetivavam desmoralizar aqueles que discordavam politicamente de suas opiniões.

Considerando o exposto, tal discussão de fundo acompanhará o desenvolvimento desta pesquisa, que pretende analisar comparativamente os principais eixos temáticos formados entre os conversadores brasileiros e argentinos no espaço destinado aos comentários de *posts* eleitorais no *Facebook*. As *fanpages* escolhidas para mediar essa investigação foram os jornais Estado de São Paulo (Estadão) e Diário Clarín. A escolha das *fanpages* levou em conta a expressividade dos jornais nos países de origem, o número de seguidores no *Facebook*, e o perfil de cobertura eleitoral realizada por eles. Com o intuito de compreender como os comentadores discutiam o tema eleitoral na rede social em questão, o corpus foi gerado a partir de matérias especificamente sobre a cobertura eleitoral de 2018 no Brasil e 2019 na Argentina.

Por existir uma demarcação contextual e política atravessando ambos os processos eleitorais, e também por o período de disputa intensificar os fluxos discursivos nas redes sociais, a importância desta análise está no fato de que ainda são recentes os estudos que tomem as conversações como objeto de análise. Os estudos que investigam o tema pelo prisma da análise comparativa são ainda mais raros no campo específico da comunicação. No caso deste trabalho, portanto, uma das contribuições está no acrescentar novos olhares para a formação de opinião política via rede social.

Assim, o objeto empírico de investigação são as conversações dos consumidores de conteúdo eleitoral das duas *fanpages*. A pergunta que guia esse estudo é a seguinte: Como o contexto eleitoral de cada país diferencia a conversação entre brasileiros e argentinos sobre o tema eleitoral no *Facebook* e quais foram os principais temas articulados por eles? Acredita-se que o contexto eleitoral pode interferir na forma de manifestação e nas conversações nos dois países. Também, olhar para ambos os casos comparativamente permite identificar a ocorrência de

termos na conversação dos comentadores e entender de que maneira essa proximidade estatística facilita a visualização de grupos e nichos temáticos.

A novidade que as eleições brasileira e argentina oferecem é a interferência cada vez mais incisiva das redes sociais online, fenômeno gerado em grande parte pelo engajamento de compartilhamento e de conversação dos usuários. Do ponto de vista exclusivamente político, podemos destacar algumas aproximações entre os países, como o período similar de permanência no poder de governos de esquerda e direita, e também o período de tempo como democracias oficialmente consolidadas (Fontenelle, Guazina, 2016). Naturalmente, sistemas e contextos semelhantes são aspectos relevantes ao projetar um estudo comparativo, porque facilitam a manutenção da equivalência entre os dois objetos investigados.

Em relação a isso, tanto Argentina quanto Brasil revelam ciclos políticos que tendem a se repetir nesses países, ainda que sempre desencadeando novos desfechos. Isso porque duas hegemonias partidárias alteraram a governança em períodos de tempo similares. No Brasil, em 2018, Jair Bolsonaro – deputado federal (à época), militar reformado, auto declarado conservador e então afiliado ao Partido Social Liberal (PSL) – venceu a disputa pela Presidência do Brasil em um segundo turno contra Fernando Haddad (PT), dando forma a um embate entre opositores e o movimento #EleNão, marcado pela rejeição a Bolsonaro. Essa vitória representou uma novidade na cena política do país, na medida em que rompeu com uma polarização historicamente demarcada pela disputa entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB).

Na Argentina, em 2019, temos a queda de popularidade do então presidente, Mauricio Macri, que vencera o kirchnerismo, corrente política que comandou o país durante doze anos, entre 2003 e 2015. O país ingressou no ano eleitoral assumindo uma crise de ordem econômica relacionada ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Ao contrário, porém, do caso brasileiro, a candidata da tradicional esquerda argentina, Cristina Kirchner, cede estrategicamente o protagonismo da chapa de disputa ao candidato Alberto Fernandez, assumindo o cargo de vice-presidente. Tendo em vista o passado histórico político do país, havia conhecimento de que essa era uma virada tática de combate contra a polarização entre Macri e o populismo kirchnerista,

situação que outrora garantiu a dupla vitória de Macri, nos anos de 2015, nas presidenciais e 2017, nas legislativas (Natanson, 2019).

Em todo caso, apesar da polarização ser uma característica comum em ambos os contextos eleitorais, algo que é naturalmente esperado em qualquer disputa política, as divergências se estruturaram a partir de fatos políticos distintos. Mesmo que existam algumas tendências comuns, são dois momentos diferenciados, o que torna imprescindível assumir um olhar circunstancial para os dois países. O que não se deve desconsiderar, neste caso, é que a influência e intensificação do uso das redes sociais durante essas coberturas eleitorais em específico, bem como as novas formas de organização e mobilização oportunizadas por esse espaço foram elementos novos tanto na disputa de 2018 quanto em 2019. Já é sabido atualmente que os sites de relacionamento são operacionalizados por lógicas binárias que facilitam a formação de bolhas ideológicas, o que por vez também faz inflar comportamentos agressivos e de rejeição direcionados aqueles que não compartilham dos mesmos valores políticos.

Nesse sentido, estudar a conversação dos usuários brasileiros e argentinos nos espaços de comentários das matérias eleitorais é importante porque se trata de um tema cada vez mais necessário aos estudos em comunicação e política. Segundo dados do *Latinobarómetro*, cujo relatório foi publicado em fevereiro de 2019, até 2018 a rede social mais utilizada na América Latina foi o *WhatsApp*, que ultrapassou o *Facebook*, rede social preferida em 2010. Ademais, as informações extraídas dessa amostra de pesquisa de opinião indicam que as duas redes sociais permanecem líderes de uso entre a população latino-americana.

Por as redes sociais serem expressivas e muito presentes no cotidiano das populações, as últimas eleições, num geral, receberam um investimento intenso de material de campanha via redes sociais. Isso pode ser percebido no uso do *Twitter* pelos candidatos da disputa, pelas correntes de apoio a votos no *whatsapp*, na comunicação entre representantes e representados no *Facebook* e até pelo agenciamento político que se intensificou nas redes, tanto no contexto eleitoral quanto no tocante a outros temas sensíveis, como por exemplo maioria penal, violência de gênero ou formação da bancada evangélica (Cervi, Cavassana,

Massuchin, 2018; Sindorski, Cervi, 2019; Reis, Zanetti, Frizzera, 2020; Menezes, 2018).

Como as formas de interação social foram alteradas com o uso das redes sociais, seus efeitos na vida cotidiana são inegáveis. De um modo geral, observa-se a influência da internet e dos dispositivos móveis na forma de fazer política da atualidade, manifestando características distintas daquelas observadas no período anterior à era da conexão móvel, o que suscita um arcabouço teórico e empírico próprio (e em construção) na comunicação.

Inicialmente, na área da comunicação e política -- especialmente na tradição dos estudos sobre deliberação, a internet foi pensada de maneira idealizada, como um espaço oportuno para a participação e deliberação de questões comuns entre os cidadãos. Atualmente, porém, são numerosos os trabalhos acadêmicos que comprovam uma experiência prática um tanto diferente, onde os usuários utilizam os espaços mais para uma mera manifestação de posição do que para a troca argumentativa (Brugnago, Chaia, 2015; Aldé, Escobar, Chagas, 2017; Barros, Carreiro, 2015; Ortellado, 2017; Santos, 2014). Há também os estudos que se dedicam a descrever as novas práticas de ativismo digital, como dos autores Malini, Antoun (2013), Bentes (2018), Di Felice (2012). Estes, também distantes dos estudos sobre deliberação e democracia digital, abordam o tema a partir das lentes do ciberativismo, utilizando-se da visão de autores multidisciplinares como Bruno Latour, Judith Butler e Foucault, por exemplo.

Se com o advento da web 2.0, a campanha digital de Obama em 2008 e a onda de manifestações que se sucederam, a internet passou a ser descrita como uma rede colaborativa e interconectada (Castells, 2009; Jenkins, 2015), hoje, já se questiona os limites dessa investida. Isso porque aquilo que prometia oportunidade de trocas e de experiência cívica se revelou, ao longo do tempo, como uma catapulta para a manifestação de comportamentos radicalizados e antidemocráticos (Silveira, 2015).

Através de uma roupagem esperançosa e otimista, alguns autores apostaram que o futuro do ambiente político e social assumiria gradativamente novas funções, como por exemplo a de articular os movimentos sociais pela internet, e até possibilitar uma revolução na comunicação política, prometendo novos avanços em uma 'democracia digital' (Gomes, 2005). Os movimentos que são realmente

democráticos e mobilizados dentro do espaço digital se configuram mais como práticas provisórias, centradas em problemas específicos, do que como ações universais e duradouras.

Esse tipo de ação política digital tem também a sua importância, principalmente porque abre brechas de transformação (Bentes, 2018), porém seus agentes mobilizadores diferem-se dos cidadãos comuns que comentam nos espaços de conversação da web. E mesmo que as redes sociais possam ser ferramentas úteis para a mobilização política e civil, conforme já foi observado e comprovado em diversos casos, é preciso demarcar um limite entre o que pode ou não ser tolerado nessa participação ativa dentro das redes.

Isso se deve ao fato de que nem sempre todas as pautas são lícitas quando, paradoxalmente, se utiliza da liberdade de voz permitida pelo sistema democrático para reforçar justamente aquilo que o viola e o desestabiliza como projeto político igualitário (Popper, 1971). Raciocínio complementar, de Chantall Mouffe (2005), diz que há limites no pluralismo de ideias e nem todas as lutas são legítimas dentro das sociedades democráticas. Nesse caso, certas exclusões são necessárias, mas as razões devem ser encaradas em termos políticos, nunca em termos morais. Na visão da autora, os antagonismos políticos tem sido intensificados por divergências de natureza moral, o que termina por transformar os adversários em inimigos, que devem ser extinguidos, já que não existiria 'direita' ou 'esquerda' e sim 'certo' e 'errado'. A política no regime da moralidade, portanto, forja uma situação na qual os indivíduos tendem a denunciar os seus adversários com a finalidade de obter um alto conceito do próprio valor moral (Mouffe, p.73).

Deve-se reconhecer o fato de que o conflito está plasmado no político, de modo que a dissociação entre esses dois aspectos é impossível, já que as articulações hegemônicas se desenvolvem em uma arena de conflito. Se toda ordem política se baseia em uma forma de exclusão e toda ordem política é a expressão de uma hegemonia, a negação do caráter conflitivo na sociedade é, em grande medida, uma visão antipolítica (Mouffe, p.2). Entendendo que o projeto político consensual aprofunda os antagonismos, a saída apontada pela autora é priorizar uma abordagem democrática agonística, que crie condições para que esses conflitos encontrem canais de expressão legítimos.

Então, para o caso específico deste trabalho, a ideia é reforçar a importância do uso das conversas informais na internet como objetos que são capazes de oferecer reflexões importantes para o campo da comunicação política, sobretudo por conta da dissipação generalizada dos antagonismos via redes sociais. Considera-se, porém, que esses espaços possuem outras potencialidades, diferentes daquelas almejadas nos estudos iniciais sobre democracia digital.

A discussão teórica de fundo considera, também, o papel que os afetos e as emoções exercem sobre a política, principalmente nos espaços não institucionalizados. Porque são nessas arenas que a crônica cotidiana passa a incorporar questões políticas de interesse comum. Sendo assim, a tarefa desta pesquisa, trabalhando a análise em função da teoria, é também a de fazer uma reflexão sobre as maneiras pelas quais os eleitores e as conversas políticas mudaram e continuam mudando em aparência e funcionalidade em reação à presença do *Facebook*.

Em acordo com o exposto, delimitamos um objetivo geral, que é analisar as conversações políticas no *Facebook* a partir de nichos temáticos formados pelos comentadores das matérias eleitorais dos jornais Clarín e Estado de S. Paulo, verificando quais características aproximam ou distanciam os brasileiros dos argentinos a respeito da disputa eleitoral. Levou-se em conta as diferenças contextuais entre os dois ciclos eleitorais em questão, que apesar de semelhantes, também diferem-se em alguns aspectos históricos e de cultura política.

Durante a coleta do material, isto é, na raspagem de comentários de posts sobre campanha eleitoral, observamos que boa parte dos comentários que eram publicados nas matérias eleitorais tinham a função de estabelecer conflitos, objetivando meramente atacar ou ofender superficialmente. Os recursos expressivos eram, portanto, emocionais, fazendo prevalecer uma circulação de sensações afetivas, o que motivou a pensar em um esquema de análise que permitisse averiguar em perspectiva macro esses comportamentos dos conversadores no *Facebook*. Tal situação foi viabilizada pelo emprego do método de análise de conteúdo automatizada com auxílio do software estatístico *R* e o pacote *Rainette*¹.

¹ Comumente utilizado em análises de conteúdo, lexicometria e no método de Reinert

A metodologia utilizada aqui combinou os métodos de análise quantitativo e de lexicometria para dar conta do alto volume de dados que se obtém da rede social. A proposta foi entender o problema em perspectiva probabilística, mensurando numericamente e estatisticamente as informações cabíveis sobre os textos publicados em forma de comentário. A comparação entre os dois países esteve embasada pelos resultados que já foram levantados pela literatura, servindo como guias de interpretação dos resultados.

O tratamento metodológico comparativo surgiu como uma possibilidade de oferecer novos desdobramentos às discussões científicas vinculadas à comunicação política, principalmente no que tange às eleições de dois países importantes da América Latina. Embora inicialmente muitos trabalhos já tenham dado conta de explorar os debates em torno dos conteúdos das redes sociais, aqui, a diferença está no sentido de observar como esse fenômeno de análise atravessa aspectos eleitorais e políticos próprios do contexto latino-americano, especialmente no Brasil e Argentina.

À luz de novas abordagens, adotou-se a premissa de que a teia de comentários aparentemente dispersos do *Facebook* nos oferecem padrões e tendências ampliadas que devem ser analisados através de uma ótica empírica de estudo. Há de se reconhecer que um fenômeno se manifesta de distintas maneiras, a depender de atributos próprios de cada caso, o que eleva a necessidade de trabalhar os operadores teóricos, adaptando-os ao objeto deste trabalho, que são as conversações geradas por argentinos e brasileiros sobre o tema eleitoral nas *fanpages* de dois jornais tradicionais.

Nesse caso, o intuito foi identificar e apropriar-se do aporte teórico que trata desse movimento de conversação nas redes em sua diversidade, detectando, então, fatores comuns subjacentes à realidade política específica dos dois países escolhidos para compor o repertório desta pesquisa. Apresenta-se uma possibilidade de medir comparativamente as diferenças e semelhanças das conversações que nascem nas redes sociais online, não ignorando o contexto político polarizado das eleições de 2018 e 2019.

Para aprofundarmos essa questão, temos como objetivos específicos: 1) Comparar entre as duas *fanpages* (Clarín e Estadão) os termos que foram mais

utilizados nas conversas sobre as disputas eleitorais para, posteriormente, contrastar as diferenças entre os conversadores de cada país; 2) verificar, por meio da co-ocorrência de termos, como o tema eleitoral está sendo pautado pelos conversadores a partir de nichos temáticos; 3) compreender, com auxílio da literatura, em que medida os contextos eleitorais explicam posições mais ou menos radicais entre os comentadores.

Assim, pretendeu-se compreender como o contexto político de cada país instigou conversas mais ou menos conflitantes em cada polo temático de opinião eleitoral. O que parece acontecer, num primeiro momento, é que se aprofunda um clima de conflito entre os participantes das conversas, que se manifestam nesses espaços para emitir opinião, mas sem qualquer interesse em mudá-la, colocá-la à prova ou estruturá-la com argumentos sólidos. Essa demonstração de opinião é muitas vezes intencionada e carregada de tentativas de redução ao outro, injúrias e indiferenças (Figueiredo, Guimarães, 2018).

Discutiremos que esses comportamentos radicalizados nas redes sociais online tomaram força notadamente durante as eleições de 2018 e 2019, devido às significâncias discursivas que influenciaram nos discursos dos candidatos – mas, por outro lado, tais animosidades também podem ser explicadas por outras perspectivas. Conforme apresentamos nos próximos capítulos, qualquer tema que seja polêmico pode desencadear violências verbais contra aqueles que apresentam pontos de vista conflitantes (Amossy, 2011). Essa é uma característica naturalmente esperada porque, sendo a conversação um produto social que existia antes do computador, todo comportamento agressivo e polarizado que se observa em rede é, na verdade, algo que já acontecia antes e que, talvez, são reforçados em virtude de alguns traços próprios de interface das ferramenta digitais (Recuero, 2010). A respeito disso, Mouffe (2005) baseia-se na tese do filósofo político Carl Schmitt para explicar que a tentativa de eliminação do outro integra a relação “nós-eles” construída nas relações antagônicas, cujas diferenças não são respeitadas pelos sujeitos que desejam silenciá-las.

Dado esse movimento, um dos desafios dessa pesquisa é o de ler o quadro de interação dos usuários ativos dentro desses espaços de conversação das redes sociais online, justificando as implicações dessas movimentações na política,

utilizando-se, para isso, novas abordagens teóricas. Inspirada pela concepção do político elaborada por Mouffe (2015), a ideia seria recuperar a importância das paixões, do pluralismo e do dissenso como categorias fundamentais às análises que tecem as pesquisas sobre teoria política contemporâneas.

Isso afasta a pesquisa, em princípio, do horizonte deliberacionista e dos teóricos ancorados pela esfera pública proposta por Habermas (2014). Em virtude da tradição teórica de estudos em comunicação e política ter oferecido, ao longo do tempo, categorias de análise ancoradas em um tipo ideal/normativo, cremos que estas formas nos distanciam das características concretas do objeto de pesquisa. A compreensão das conversas originadas em redes sociais requer um manejo de perspectivas teóricas e abordagens diferentes daquelas cuja autoridade discursiva apoia-se em natureza racional de interação entre indivíduos.

Com isso, o trabalho segue dividido em quatro partes. Para além da introdução, temos dois capítulos teóricos, um capítulo reservado para o desenvolvimento metodológico e análise dos resultados, finalizando com as considerações finais. O segundo capítulo disserta sobre o papel das interações sociais na formação da opinião pública, atentando para as alterações que são provocadas pelo ambiente da rede social online. Neste capítulo levantaremos também questões pertinentes ao campo da comunicação ao legitimar a informalidade da conversação como ação política.

Em seguida, no terceiro capítulo, esmiuçaremos os elementos contextuais das eleições de 2018 no Brasil e 2019 na Argentina, destacando em quais aspectos os ciclos eleitorais aproximam-se ou distanciam-se. Outra discussão também reservada ao capítulo três será sobre a categoria do conflito como elemento inevitável das relações sociais. No capítulo metodológico, explicaremos o percurso analítico da pesquisa, o perfil das páginas dos jornais escolhidos, e a discussão do resultado comparativo entre os conversadores brasileiros e argentinos. Nas considerações finais oferecemos os principais avanços e resultados de análise, os limites desta pesquisa, bem como indicamos os desdobramentos que poderão ser testados em pesquisas posteriores.

2. A CONVERSAÇÃO E A COMPLEXIFICAÇÃO DAS INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS EM REDES SOCIAIS ONLINE

O presente segmento se destina a dialogar com a linha de estudos que trata dos processos de conversação originadas nas redes sociais online. O desígnio é o de ler as manifestações de opinião dos usuários ativos nas redes sociais e as suas implicações, utilizando-se, para isso, novas abordagens teóricas. Dentre as possibilidades de manifestação política, tem destaque o ato de conversar, pois este envolve os sujeitos participantes em um ambiente informal.

Por conta da natureza coloquial das conversações políticas das redes sociais, estas afastam-se, *a priori*, dos esquemas normativos que visam a construção consensual da esfera pública (Habermas, 2014). A nosso ver, não seria possível analisar o conteúdo dos leitores de matérias eleitorais no *Facebook* apoiando-se em teorias que legitimam a autoridade discursiva pelo caráter racional de interação entre indivíduos, como aquelas encontradas nos estudos de Schudson (1997), Mansbridge (1999) e Chambers (2003) por exemplo.

Os trabalhos alternativos à tradição deliberacionista são recentes na área de comunicação e política. Desses, os que tomam as conversações como referencial de análise são menos numerosos. Isso se deve ao fato de que as tecnologias de informação evoluem de tal maneira que dificultam e impõem entraves à tarefa de teorizá-las (Teixeira, 2011). Também, devido à complexidade que todo tema político carrega consigo, por natureza, a dificuldade decorre da maneira como as narrativas se formam na internet, geralmente assumindo uma roupagem menos formal, revelando comportamentos que não são lineares, tampouco facilmente presumíveis (Freire, 2016).

Já foi observado em outros trabalhos que a natureza das interações mediadas por redes sociais online se mostram pouco porosas a debates inclusivos e não coercitivos, apelando para posições radicais e até mesmo antidemocráticas (Massuchin, Carvalho, Mitozo, 2017; Brugnago, Chaia, 2015; Santos, 2015; Mendonça; Sampaio, Barros, 2016). O que, no entanto, não significa que esses materiais gerados via rede social não ofereçam pistas relevantes para estudos

acadêmicos situados no campo da política e da comunicação, apesar de suas características radicais (Teixeira, 2011).

As conversações cotidianas não poderiam encaixar-se em fóruns de debates formais, já que “o fato é que o modelo de esfera pública que exige dos cidadãos um engajamento e racionalidade constantes parece ser pouco correspondente à realidade social contemporânea” (Marques, 2006, p.183). Por o ambiente da internet apresentar dinâmicas específicas, portanto, pensa-se a democracia não a partir de uma troca de argumentação pública “racionalizada”, mas como uma arena de conflitos que está ligada de maneira indissociável ao político (Mouffe, 2005). Na comunicação especificamente, autores como Marques e Martino (2016), Teixeira (2011), Aldé, Escobar, Chagas (2017), Recuero (2013) e Marquês e Guimarães (2018) se aproximam em maior ou menor escala dessa concepção de política como espaço de conflito.

Levando em conta a tônica deste trabalho, compreender as gramáticas conversacionais que são próprias da política desses espaços, especificamente, quando conectados em redes sociais online, adicionam novas perspectivas sobre o tema. Além do mais, as diferenças e similaridades entre os comentadores devem nos oferecer pistas sobre como as disputas narrativas políticas desenvolvidas na internet adquirem uma dinâmica própria, em especial nesses territórios, e quais tendências eleitorais resultam disso. Colocar os comentadores argentinos e brasileiros em perspectiva comparativa é, portanto, o caminho para atingir este objetivo de pesquisa, na medida em que permite observar o fenômeno de perto e tecer relações representativas.

2.1 Economia da informação no *Facebook* e o contraste da opinião pública na esfera informal

As pesquisas sobre o tema das conversações políticas, sobretudo na comunicação (Maia, 2004; Marques, 2011; Sampaio, Barros, Morais, 2012; Sampaio 2012; Marques, Maia, 2010), reforçaram, ao longo da sua trajetória, uma visão idealizada sobre os modos de sociabilidade humana, fornecendo como base

para o pensamento político-comunicacional atual categorias como empatia e reciprocidade. Essa visão sustentou a ideia de que existiam comportamentos desejáveis, presentes em relações transparentes entre indivíduos racionais, e comportamentos arcaicos, cuja solução seria eliminá-los (Teixeira, 2011). Ignorava-se, de certa forma, que o conflito é inerente a qualquer relação, seja ela social ou política.

A persistência em normatizar o debate cívico ofusca o fato de que boa parcela dos usuários de redes sociais não utilizam esses espaços para fins reflexivos. Salvo casos direcionados, como fóruns e grupos específicos, facilitados por temas fixos, mediações e códigos de conduta (Strandberg, Berg, 2013), não haveria como garantir que, em uma rede que agrega inúmeros perfis e que circula informação em alta escala e velocidade, um debate civil formal se manteria.

A noção de esfera pública não só não deve ser aplicada à rede, como também é um conceito estéril às práticas democráticas sob o contexto tecnológico e cultural contemporâneo. O que Habermas teoriza sobre uma esfera pública consiste no encontro entre atores que, a partir de procedimentos deliberativos racionais, buscam um acordo consensual sobre uma questão de interesse em comum. Esta concepção implica que os indivíduos supostamente envolvidos nesse processo seriam agentes livres e racionais, orientando seus interesses a partir de deliberação. As deliberações, por sua vez, são imaginadas em termos racionais, discutidas entre sujeitos que apenas discordam entre si, mas que compartilham das mesmas concepções sobre a questão analisada (Dean, 2013).

Mas embora seja evidente que o surgimento da internet e seus espaços de interação tenham ampliado o acesso à informação de maneira inquestionável, isso não significa que a noção de esfera pública contribuiria, necessariamente, com o desenvolvimento do pensamento sobre a questão das comunicações em rede. Para Dean (2013), não basta apenas criticar a exclusão das mulheres, minorias étnicas e raciais e a classe trabalhadora da esfera pública. A inclusão dessas pessoas no ciberespaço não resolve o problema da ambiência hostil que se criou nas redes sociais, porque elas funcionam de maneira sexista e racista, já que há uma “ideologia de publicidade a serviço do capitalismo comunicativo” (Dean, 2013, p.98).

O aspecto econômico dessas plataformas deve ser considerado, na medida em que estas redes são projetadas para instigar o engajamento de seus usuários, o que

estimula comportamentos mais sociais e emocionais do que necessariamente racionais e orientados. Na visão de Bentes (2018), existe uma “economia narrativa” que ativa uma linguagem de confronto e ataque entre “*haters*” e “*lovers*”. A ecologia dessas plataformas, portanto, cria um ambiente de consumo, numa ordem que é mais comunicacional e emocional do que informacional (Lemos, 2009). Ao contrário do que se pensava, a oferta de informações e acesso ampliado não produz democracia, mas algo completamente diferente: o capitalismo comunicativo (Dean, 2013).

Com o decorrer do tempo e a evolução desses meios digitais, o crescimento veloz dos usos das redes sociais conquistou a atenção das empresas de comunicação, que viram nesses sites a possibilidade de um investimento comercial. Essas empresas não se interessaram pela internet por seu potencial democrático ou deliberativo, mas foram atraídas, principalmente, pelo acesso aos dados pessoais e ao direcionamento de anúncios de vendas a públicos personalizados (Van Djick, 2016). Nesse caso, mais do que meramente comunicar, é de conhecimento geral que as redes sociais e as empresas que as administram investem no monitoramento das atividades humanas e seus rastros digitais, e o fazem com a finalidade de produzir relatórios úteis aos estudos intencionados à aperfeiçoar a indução de comportamento dos usuários (Bruno, Bentes, Faltay, 2019).

Nessa forma de capitalismo desenvolvido via plataforma, em vez de se criar distribuições mais justas e equilibradas de riqueza, ou de permitir modos de vida e práticas de liberdade, o dilúvio de dados informacionais mina as oportunidades e a eficácia política para a maioria dos povos do mundo (Dean, 2013). Nessa mesma linha de raciocínio, o ensaio de Saskia Sassen (1998) sobre a nova economia global leva a crer que a interconectividade e seus artifícios produzem ainda mais distorções sociais e econômicas.

A hipermobilidade dos dispositivos móveis e em rede não permitem somente o super faturamento no complexo dos serviços do capital, como também concede aos mercados financeiros a capacidade de disciplinar os governos nacionais (Dean, 2013). Para Berardi (2005, p.150) o governo é o próprio capital, sendo essa a força capaz de estabelecer os critérios segundo os quais a inteligência deve manifestar-se, concatenar-se e produzir.

A considerar pelas disparidades econômicas e sociais geradas pela lógica econômica das plataformas, bem como pela relação dos governos democráticos com capital, conforme apontam os autores acima, não haveria como pensar na internet como uma esfera pública, já que apenas a inclusão de um público variado não garante alcance de voz e distribuição equilibrada dos materiais. Também, a ultra personalização de conteúdo via algoritmo impede que os usuários tenham acesso a todos os argumentos para uma tomada de decisão plural e conjunta.

A fonte rentável das redes e seus algoritmos torna-se o registro diário da atividade humana, substituindo o trabalho manual pelo criativo. Há uma impossibilidade de medição do valor dessa mercadoria criativa, já que é trabalho mental e não algo quantificável. “A consequência disso é fazer frutificar o trabalho de milhões de pessoas que não gozam de proteções sindicais e nem da herança democrática e operária” (Berardi, 2005, p.135). De acordo com Dean (2013), a proliferação da mídia nos Estados Unidos, por exemplo, faz com que os domínios da vida sejam reformatados nos termos do mercado e do espetáculo, como se fossem reescritos em códigos binários.

Aqui reside um argumento interessante, também, para entender o contraste da esfera pública informal, na medida em que não há aprimoramento democrático. Primeiro porque não se faz uso majoritário da razão, já que a fonte de lucro são os dados pessoais, criativos e íntimos dos usuários. Segundo, porque esse tipo de economia aprofunda as diferenças sociais. Se democracia em sentido geral implica a participação igual de todos os cidadãos, sabe-se hoje que a lógica operacional destas plataformas das redes sociais, como o *Facebook*, compromete-se mais com o mercado, devido a sua natureza de empresa, do que com a política democrática institucional.

Também no que diz respeito a deliberação por consenso, não há como pensar a internet como esfera pública porque ela gera o que Berardi (2005) chama de “paradoxo gerenciador”, que permeia os processos de decisão. Para ele, quanto mais complexa e veloz é a informação, menor é o tempo disponível para examiná-la e realizar a escolha consciente. O que a priori parece ser uma escolha humana é cada vez mais o resultado de “interpretações humanas de decisões automáticas

dependentes da interconexão de dados, de entrada e da elaboração informática programada segundo critérios objetivados” (Berardi, 2005 p.82).

Apesar de haver uma condicionante econômica por trás das ferramentas de engajamento das redes sociais, conforme aqui exposto, fato que dificulta adjectivá-las como democráticas, tanto pela distribuição desigual de informação, quanto pelo fato de que poucas empresas controlam essas redes, as pesquisas na área, em alguns momentos, parecem ignorar os efeitos sociais e políticos provocados por essa dinâmica de capital integrada às plataformas. Estrutura essa pela qual se operam automatismos agressivos e que, portanto, não carregam consigo nenhum tipo de comprometimento democrático.

Ademais, em um plano geral, os trabalhos exploram o papel da sociedade civil nos processos democráticos, porém a participação e o engajamento são medidos a partir de parâmetros normatizados (Sampaio, Bragatto e Nicolás, 2016). De acordo com Gomes (2005), por exemplo, a participação política popular na internet pareceu satisfazer as diferentes compreensões sobre o que seria uma democracia. Para ele, adotando a noção de soberania popular do teórico moderno Rousseau, a forma mais democrática de assegurar uma participação política plena seria via debate e deliberação, garantindo acesso aberto e transparente às coisas públicas. Mas embora a internet tenha parecido vantajosa quanto a reestruturação de uma esfera pública de experimentação cívica, as desconfiças são levantadas, principalmente no que diz respeito ao uso material desses recursos.

A despeito disso, a crítica de Albuquerque (2018) revela uma escassez de perspectivas críticas na agenda de pesquisa em comunicação política, pois grande parte da produção acadêmica constrói perspectivas positivas sobre instituições como ‘e-democracia’ e ‘e-transparência’, temas que deixam de fazer sentido diante de um cenário de crise democrática, ou, nas palavras do autor: na ausência dela. Sobre isso, Han (2012) afirma que o tema “transparência” é tão dominante no campo da política que tornou-se um perigoso fetiche, sobretudo quando está relacionado à liberdade de informação, porque transparência exige uma eliminação total da esfera privada, desencadeando diversos equívocos, como o de pensar que uma maior circulação e quantia de informações levaria necessariamente à tomada de decisões melhores ou acertadas.

Conforme contestam as autoras Bruno, Bentes e Faltay (2019), está em vias de desenvolvimento uma chamada “economia psíquica dos algoritmos”, investimento tecnocientífico e econômico-social no qual o interesse maior está atrelado não somente ao monitoramento das interações e rastros digitais, mas principalmente na tonalidade psíquica e emocional que as ações de curtir, compartilhar e reagir oferecem.

Os acontecimentos mais recentes relacionados aos escândalos de vazamento de dados atrelados ao *Facebook* provam que, para além do uso econômico e eleitoral indevido de dados pessoais– o que por si só já é um problema ético e político, instaura-se uma nova lógica. Nela, os dados pessoais e suas informações psíquicas e emocionais são “a principal “moeda” do modelo de negócios que prevalece nas plataformas digitais; a fonte privilegiada de conhecimento de uma nova ciência de dados; um meio de controle do comportamento, orientado para diferentes fins, do consumo ao voto” (Bruno, Bentes, Faltay, 2019, p.5).

Relacionando o que foi apontado acima pelas autoras com o objeto desta pesquisa -- comentários registrados em *posts* sobre cobertura eleitoral em duas *fanpages* do *Facebook*, é possível reconhecer que estes materiais, que são gerados diariamente, em escala extensa e em rápida velocidade, expõem em nível detalhado aspectos emocionais dos leitores perante as notícias eleitorais. A julgar apenas por esses dados, que representam uma porcentagem muito ínfima do que é produzido no *Facebook* como um todo, já é possível traçar um panorama de como os comentadores se comportam, bem como ter uma mínima noção de quais nomes da disputa eleitoral são mais fortes nas conversações.

Nesse caso, o problema maior é a tendência em romantizar, de maneira acrítica, a centralização técnica da política, a submissão dos aparatos do Estado a esse regime digital que, sabe-se hoje, é fortemente tributário aos interesses econômicos de grandes empresas como *Google* e outras plataformas de *Big Tech*. Pragmaticamente falando é desejável que exista transparência nas atividades políticas dos governos, mas não se pode ignorar o fato de que há uma ideologia de marketing operando nesses espaços, o que torna difícil sustentar as tecnologias como artifícios de aprimoramento democrático (Morozov, 2018).

Para Albuquerque (2018), a importação de perspectivas estrangeiras (principalmente da ciência política norte-americana) e a adaptação destas para a realidade nacional é uma das razões para que os pesquisadores tenham expectativas potencialmente positivas quanto à categoria de transparência e a democracia digital. A literatura internacional mobiliza um princípio instrumental de democracia e, por isso, segundo o autor, seria necessário que os pesquisadores atentassem para o fato de que, para além da função de avaliação da qualidade democrática que é delegada aos agentes privados (algo que por si só já contribui para a instrumentalização da política democrática), existem efeitos de comportamento político que não são levados em conta.

Em parte, os trabalhos da área de comunicação e política se estruturam desta forma porque as tecnologias das quais dispomos hoje se modificam rapidamente, adaptando-se às demandas de seus usuários, o que por consequência adiciona complexidade no exercício de tentar descrevê-las na pesquisa científica. A propósito, uma das maiores questões que temos enquanto pesquisadores é justamente a de acompanhar o ineditismo dos fenômenos que surgem, pois estamos neles inseridos e fazemos parte desses processos.

A predominância de uma abordagem ou tendência teórica acontece, também, em virtude da própria diferença entre os campos “comunicação e política” e “internet e política”, separados por quase uma década de estudos. Enquanto o primeiro trabalha com veículos já bem estabelecidos, como Rádio, TV e os impressos, a outra acompanha, quase que simultaneamente, a evolução do objeto a que se propõem teorizar (Sampaio, Bragatto, Nicolás, 2016).

Alguns pesquisadores atuais, mais identificados com os estudos da ecologia midiática, analisam as ferramentas da internet em perspectiva mais materialista, isto é, em sua natureza prática, atentando para as condições produtivas e suas apropriações. Esse salto é importante porque se assume que o ambiente das redes é mais complexo e abarca dimensões tanto de estrutura tecnológica, quanto de conteúdo e efeito sócio-cultural (Braga, 2008). Isso porque o que acontece nas redes desencadeia processos de produção absolutamente reais, onde o virtual não seria apenas uma mera representação, mas “um plano de práticas sociais efetivas, o

lugar de uma produção econômica específica, o lugar de produção de valor” (Berardi, 2005, p.144).

Vale ressaltar, também, que existem diferenças de natureza estrutural e operacional envolvendo os meios de comunicação de massa e as redes sociais online. Um configura-se como um sistema de distribuição, enquanto o outro está mais para um sistema de circulação. No primeiro sistema, se opera de maneira centralizada e hierárquica, com o objetivo principal de entregar a informação. O segundo, mais flexibilizado, funciona de maneira descentralizada, sem a adoção de uma hierarquia rígida, visando a ampla disseminação da informação (Machado,2008). No segundo modelo o que realmente importa são os potenciais comunicativos que a informação carrega.

Enquanto nos meios de comunicação de massa temos uma relação mais estreita com o trabalho jornalístico, na internet as matérias dos veículos informativos, como os jornais, competem com fontes alternativas de informação, não necessariamente resultantes de filtros editoriais, de modo que a nova economia da informação afeta, inclusive, essa classe trabalhista, já que a instantaneidade permite que o conteúdo se desloque e se dissemine por todos os lugares do planeta. Essa criação de conteúdo não necessariamente precisa vincular-se a algum tipo de compromisso ético ou técnico no seu processo produção informativa.

Deste modo, as redes sociais são desenvolvidas como um espaço para a comunicabilidade e o engajamento das relações, contendo não só perfis comprometidos em informar, mas também páginas de usuários comuns, com a intenção única de consumir outros conteúdos ou de construir laços de amizade. O potencial da informação aqui é verificado mais por sua capacidade de circular e gerar engajamento do que pela qualidade e veracidade do conteúdo em si, conforme explica Antoun (2016):

Depois da revolução do compartilhamento, o poder de publicação migra dos detentores de grandes audiências para os que acumulam mais interações. O valor de uma rede deixou de ser calculado apenas pela quantidade de público de um site, ganhando maior importância o cálculo da quantidade de grupos criados e mobilizados na Internet por alguém (perfil ou coletivo), o que transformou fãs e seguidores em parceiros da produção de uma agenda informativa. Essa é a base das redes peer-to-peer (p2p), a base da cultura do vazamento, a cultura das popularmente chamadas redes sociais. (Antoun, 2016, p.56)

Na visão de Lemos (2009), antes a opinião pública estava diretamente relacionada à agenda dos mass media. Sendo assim, o debate acontecia *a posteriori*, e era dependente da visão que era enquadrada pelos conglomerados de mídia. Por conta disso, pensando no significado do termo ‘comunicação’ como diálogo ou ação de troca informativa, a internet e as redes sociais se encaixariam muito mais como meios de conversação do que como mídia, porque houve a liberação do polo da emissão e uma reconfiguração da paisagem comunicacional, agora mais complexa e descentralizada. Se no auge dos meios de comunicação de massa a conversação era fruto de um consumo posterior, acolhida em um espaço público mais limitado, com o fenômeno das redes, a conversação passou a se dar no mesmo ambiente da produção informativa (Lemos, 2009).

A partilha de informações nas redes sociais online independe da mediação convencional de um meio de comunicação tradicional, nem sequer necessita passar pelo crivo decisório dos filtros de notícia dos jornais da grande imprensa. “Essa relação unidirecional foi superada quando se consideraram as características da comunicação via web, como a descentralização da produção de conteúdo, a multidirecionalidade e a interatividade” (Massuchin, Mitozo, Carvalho, 2017, p. 297).

Trazendo a discussão para o jornalismo, é possível afirmar que as *fanpages* de jornais nas redes sociais, por exemplo, se diferem dos veículos convencionais, porque agregaram um grupo maior de usuários, mesmo que não se saiba com precisão quantos deles são, de fato, leitores do conteúdo. O engajamento da notícia em ambiente online possibilita ao leitor uma reação perante o conteúdo, que recebe e interage com aquilo que é publicado. A audiência pode rebater o conteúdo por meio dos comentários, superando a relação unidirecional que da comunicação pré-web. Na visão de Bentes (2018), essa é uma experiência que altera ontologicamente o jornalismo, que nas teorias clássicas era pensado como terceiro poder, de narrador imparcial dos fatos: “Estamos vendo um deslocamento da comunicação para sua função expressiva e de invenção, nessa conversação de muitos com muitos” (Bentes, 2018, p.167).

Os autores Massuchin e Cervi (2018) argumentam que os usuários das redes sociais têm em mãos ferramentas de engajamento, o que lhes dá poder de decidir o

que fazer com o conteúdo disponibilizado. Os autores identificam essa característica como 'recirculação', que é o atributo pelo qual o seguidor de uma *fanpage* pode compartilhar, curtir, comentar ou apenas desconsiderar o material informativo. Tal fato nos leva a crer que o papel do sujeito que recebe o conteúdo e, posteriormente, faz uso dele, adquire um papel cada vez mais relevante nesse processo.

Resumidamente, tornou-se impossível negar a intrusão da conexão e das redes sociais no exercício das atividades humanas diárias. Seja por consumo, serviço ou entretenimento, os usos da web variaram entre funções administrativas, armazenamento de dados, suporte eleitoral e interações sociais, apenas para citar alguns exemplos. Dentre todas essas possibilidades, em primazia chama atenção os espaços conversacionais que incorporaram a cena cotidiana de 45% da população do mundo, de acordo com o relatório da Global Digital Statshot (2019).

Com o crescimento diário de um milhão de novos usuários, a popularização dessas tecnologias nos leva a crer que, para o bem ou para o mal, diversas práticas sociais se reconstruem. Na visão de Lattman-Weltman (2015), propriedades essenciais da atividade humana, como a política e a sociabilidade, vêm surpreendentemente se readaptando aos processos de incorporação que a revolução tecnológica em curso impulsiona. O que chama atenção é que há um potencial de agrupação de indivíduos espaçados e geograficamente dispersos, causando uma alteração de padrão nas formas de relacionamento. Levando isso em consideração, o próximo tópico elucidará aspectos sobre o conceito de conversação, foco principal deste trabalho.

2.2 A formação da conversação em ambiente de interação online e as novas formas de relacionamento

A intensificação do uso das redes sociais faz com que as interações sociais adquirissem outras potencialidades. Conforme explicado anteriormente, foi o desenvolvimento das novas formas de engajamento e a ampliação da participação digital que influenciou a literatura sobre internet e política a começar, num geral, de maneira "mais otimista e normativa quanto a possíveis potenciais e efeitos benéficos

dos meios digitais para regimes democráticos” (Sampaio, Bragatto, Nicolás, 2016, p.288).

Aqui neste espaço, porém, busca-se evidenciar que essa condição depende do uso que se faz destes espaços. As redes sociais online podem representar tanto um ambiente de colaboração aberta, conversação e engajamento, quanto um espaço para manifestações de discursos agressivos e subversivos. Pensa-se que existem fluxos de comportamento que vão se definindo e, naturalmente, alteram-se com o tempo e com as práticas interativas proporcionadas pelo digital.

Rompe-se com a ideia de que existe uma clara oposição entre o que acontece no ambiente online e no off-line, porque eles estão cada vez mais interpenetrados (Van Djick, 2016). Não há como fazer uma separação entre o comportamento digital e aquele manifesto off-line. O que acontece é que os usuários apresentam graduações, ou pequenas diferenciações, que são respostas ao desenho dessas plataformas. As redes sociais não poderiam configurar-se como um fenômeno virtual à parte do real. Tampouco teriam o poder de conceber formas de sociabilidade tão diferenciadas daquelas que acontecem fora desses espaços. A sociedade, por sua vez, também não pode ser tida como o ponto de partida exclusivo para a justificação de determinados comportamentos que são observados web.

O entendimento é de que há uma relação mútua entre os usuários e as plataformas, criando um processo duplo de interconexão, onde os sujeitos gerem comportamentos e se fazem gerir por uma série de características que são próprias das redes sociais. Sabe-se hoje que as redes sociais alteraram as condições de negociação de sentido entre os cidadãos, principalmente em virtude da atuação das bolhas algorítmicas, ativadas por informações cedidas através do histórico de atividades dos usuários. Tal situação provoca efeitos cognitivos que fortalecem percepções artificiais sobre os fatos, envolvendo pessoas e máquinas dentro desse processo refratário (Silva, 2018).

Mas para melhor compreender esses processos de agenciamento e comportamento em rede social, é necessário elucidar, primeiramente, o que se toma como referência de interação neste trabalho, bem como as diferenças entre a conversação no online e nos espaços offline. Isso porque a conversação não surgiu dentro das redes sociais, ela foi transposta e adaptada dentro dessas plataformas.

Cabe aqui, portanto, discutir quais são os limites e as potencialidades desse artifício quando manifestado nestes espaços de comentário das redes.

Esse é um ponto relevante a ser discutido, também, porque o conceito de conversação é impreciso na área da comunicação. Através da discussão teórica apresentada ao longo deste trabalho, é possível notar que as pesquisas localizadas no campo tratam este tema sob perspectivas variadas, sendo a tradição deliberacionista a mais predominante. Apesar disso, os trabalhos originam-se de esforços empíricos de investigação científica, que privilegiam o aspecto da conversação em seu potencial analítico, de forma a dificultar uma unificação teórico conceitual sobre o que seria 'conversação'.

Embora o objetivo principal desta pesquisa seja também analítico, o esforço aqui é de colocar em diálogo os trabalhos que ajudaram a pensar o conceito de conversação em chave de interpretação alternativa ao tradicional cânone deliberativo do campo da Comunicação Social. A busca por outras definições se justifica pela necessidade de articulação entre a teoria e o objeto, entendendo que as redes sociais não podem enquadrar-se como esferas públicas.

Isso decorre do fato de que essas plataformas são projetadas com finalidades mercadológicas, tendo como fonte de lucro os artifícios emocionais e o trabalho criativo dos seus usuários. De acordo com Dean (2013), as pesquisas que tomam a web e a comunicação como objeto não podem deixar de reconhecer os antagonismos e os conflitos que se manifestam dentro desses espaços, permeando e estruturando a rede.

O imperativo econômico que atravessa a lógica operacional das redes sociais e afetar o potencial democrático que poderia existir na internet, acaba por criar bolhas de perfil ideológico, visando o engajamento emocional em detrimento das trocas deliberativas racionais. Tal condição coloca em evidência que os usuários da web, mesmo quando bem intencionados quanto à uma vontade de deliberar questões de interesse comum, jamais poderiam ser considerados agentes completamente livres.

Por conta disso, não é objetivo desta pesquisa entrar no mérito das discussões sobre democracia institucional. O trabalho se atém, portanto, as formas de manifestação dos conversadores em um momento específico, que no caso é o eleitoral brasileiro e argentino em 2018 e 2019. É válido lembrar que o foco são as

interações sobre o tema eleitoral praticadas pelos internautas em *fanpages* de jornais.

Como se sabe, a partir do que já foi produzido até agora nos estudos em comunicação, que boa parte do material publicado defende um conceito deliberativo de conversação, e que esse não é o fio condutor dessa pesquisa, optou-se por partir de um movimento negativo: essas referências não serão trabalhadas. Então, será evidenciado na sequência de que maneira compreendemos o conceito de conversação e interação em rede social. Fazemos isso considerando, principalmente, que o antagonismo está presente na vida política e social, já que o conflito é inevitável e se manifesta sob várias formas e em vários espaços. A internet seria apenas um desses espaços. Mas de certo modo, ela contribui para que o conflito seja potencializado (Dean, 2013).

Em um estudo sobre os participantes e comentadores dos *blogs* de política, durante o período anterior à febre das redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*, Aldé, Escobar e Chagas (2007) identificaram que o ato de emitir opinião nesses espaços se sobressaía ao ato de elaborar discussões mais consistente. Os internautas se valiam dos comentários para fins meramente expressivos, de contestação, pouco importando se haveria ali uma construção consensual a respeito dos assuntos sobre os quais comentavam. Os autores afirmaram, também, que os *blogs* se assemelhavam a “botequins” virtuais, cujos temas mais polêmicos como guerra, eleições e escândalos políticos, por exemplo, despertavam o interesse até daqueles que pouco se engajariam nas discussões.

Sobre isso, Ruth Amossy (2011) ressalta o potencial da polêmica ao agregar e incorporar cidadãos comuns nas questões políticas, legitimando os espaços menos institucionalizados como também frutíferos para a constituição democrática. A polêmica como variante discursiva serve como ferramenta de gerenciamento dos conflitos sociais, já que estes são inevitáveis nas sociedades plurais. Argumento complementar, de Dean (2013), diz que a web é um site de conflito, isto é, as redes são fluxos de comunicação que transformam os assuntos em verdadeiras questões de contestação.

Não se pode deixar de lembrar que esses fluxos de comunicação estão sempre e necessariamente situados dentro de uma hierarquia e desigualdades naquilo que ela

chama por “capitalismo comunicativo”. O que, de todo modo, não exclui o fato de que uma verdadeira democracia reconhece os pluralismos sociais e os esforços comprometidos nessa causa. Ao focar na contestação em detrimento do consenso, a democracia reconhece que os antagonismos são inevitáveis à vida política (Dean, 2013).

2.2.1 Conversação privada e conversação pública

Os assuntos polêmicos e temas sensíveis à opinião pública são os terrenos pelos quais se abrigam a polêmica e a contestação, elementos chave para colocar temas em discussão. Por isso, a conversação é uma parte não só da vida cotidiana e cultural, como também da política. A conversação, a partir da língua e das interações sociais por ela abarcadas, estabelece relações de poder, bem como ajuda a dar forma ao pensamento dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade (Burke, 1995). Deste modo, a entonação, o vocabulário, os pronomes de tratamento e demais estilos utilizados são aspectos que revelam muito sobre o indivíduo que emite e a sua posição na cultura social em que ele está inserido.

Em seu livro intitulado “A arte da conversação”, Burke (1995) coloca a conversa e a linguagem como um domínio que traz contribuições interdisciplinares relevantes, levando em conta, principalmente, o potencial sociolinguístico da habilidade comunicativa do falar e expressar ideias. A conversa, nesse caso, carrega em sua natureza um potencial transformador na sociedade. Em sua força ativa, ela pode funcionar tanto como instrumento de controle, quanto resistência, a variar pelo repertório linguístico que é acionado por aquele que emite a fala. A conversa aqui é parte integrante das convenções da linguagem e das manifestações cotidianas.

A despeito da conversação precursora aos modos de sociabilidade da *web*, o teórico da opinião Tarde (2005) define-a em função dupla, como fonte e fator invisível da opinião, que flui a todo tempo e em diversos lugares em cursos desiguais, sendo “todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez” (Tarde, 2005, p.75). Em suma, vista como conquista social das civilizações ou, nas palavras do autor, “flor estética das civilizações”, a conversação seria uma componente social importante para a

propagação de ideias e sentimentos, onde “num domínio geográfico cada vez mais vasto, ela é uma das características mais importantes de nossa época, pois explica em grande parte o poder crescente da opinião contra a tradição e a própria razão” (Tarde, 2005, p.77).

Conforme já descrevia Tarde (2005) no final do século XIX, os cafés, os salões e outros espaços de circulação cotidiana, são locais onde se conversa, convertendo-se em verdadeiras “fábricas de poder”, pois as atitudes políticas são expostas pela mídia e “remastigadas” pela conversação - ato esse que é condição para a transformação do poder. Seria possível supor, deste modo, que nas cenas sociais em que há pouca modificação, as conversas certamente são mais escassas e tímidas.

Mesmo que sem a pretensão de alterar a ordem da vida política e econômica, a conversação funciona similarmente a um impulso, sendo a potência capaz de movimentar/alterar a vida política. Politicamente, não seriam tanto as conversações e discussões parlamentares, e sim as conversações e discussões privadas, que importa considerar: “É aí que o poder se elabora, enquanto, nas Câmaras de deputados e em seus corredores, o poder se desgasta e, frequentemente, se avilta” (Tarde, 2005, p.121). Para o sociólogo, a imprensa é somente uma das causas da opinião e, sendo a mais recente, estuda-se habitualmente antes. Porém, quando se discorre sobre os elementos formadores da opinião pública e o comportamento das multidões, a conversa é um ato anterior ao surgimento da imprensa que merece também protagonizar os estudos sociais.

A imprensa e a conversação estariam postas, ao longo da história da sociedade, em condição retroalimentada, haja vista que de nada adiantaria existirem os jornais por si só. Seus discursos não teriam nenhum efeito duradouro nos sujeitos, do mesmo modo que uma conversa sem o alimento da imprensa também se sustentaria com muita dificuldade. Os fatos que acontecem dentro dos espaços institucionais, como parlamentos e câmaras, quando não são publicizados, não têm nenhuma ação sobre os indivíduos. Estas atividades ganham destaque e divulgação justamente pelo potencial que possuem em instigar a conversa e a opinião pública, caso contrário, corresponderiam a meros protocolos de poder (Tarde, 2005).

Portanto, é na troca de ideias, no ato de exprimir uma opinião, que os seres humanos conseguem comunicar suas impressões e necessidades. Certamente, os

políticos só se popularizam ou são desacreditados na medida em que se conversa sobre suas atuações e propostas de carreira. Importante ressaltar aqui que a conversação que é descrita por Tarde (2005) e apropriada neste trabalho, difere-se daquela utilizada inicialmente pelos teóricos da deliberação, pois está situada no domínio privado e, portanto, voltada para a interação social, ordinária e corriqueira. Ao passo que a conversação pública é moldada por interesses institucionais e demandam outros tipos de abordagens.

Entende-se que as conversas estão sempre relacionadas ao mundo real, os assuntos e as formas mudam conforme o quadro social em que estão inseridas, variando em qualidade etc. Nisso, “a conversação se encontra sujeita ou se nutre de várias fontes, constituindo, por isso mesmo, uma espécie-de mediação cotidiana do conjunto das relações sociais, da difusão de ideias e da formação das condutas que têm lugar na sociedade” (Rüdiger, 2011, p.15).

A essa altura, não se pode negar que as conversas, mesmo que atravessadas por contextos corriqueiros, foram historicamente tão importantes quanto as deliberações que acontecem nos espaços mais formais de elaboração de opinião pública. Porém, interessa aqui entender como ela é manifestada na internet, sabendo que a interação face a face ativa efeitos distintos dos observados na interação virtual.

2.2.2 Conversação em redes sociais online

Conforme dito anteriormente, a conversação privada é independente e se desenvolveu junto com o surgimento da linguagem e as interações sociais do homem em sua cultura. Vimos que ela é orientada por impressões e necessidades da vida humana, estendendo-se, também, de modo posterior, aos domínios políticos e a mídia. No entanto, convém aqui questionar se essa diferenciação entre a conversa social/privada e a conversa pública ainda faz sentido no contexto atual, já que estas duas esferas estão cada vez mais entropostas. Em consonância com o tema principal desta pesquisa, nossa intenção aqui é situar que traços a conversação perde ou apresenta quando é transposta ao ambiente das redes sociais online.

A conversa que se desenrola nas redes sociais é entre sujeitos diversos, portadores de diferentes realidades sociais e culturais, que muitas vezes não

possuem nenhum vínculo, em meio a informações variadas que se dispersam em uma temporalidade quase imediata. No espaço digital, privamo-nos de algumas noções estéticas que uma conversa entre dois corpos presenciais sustentaria. Postos face a face, por exemplo, os interlocutores agem uns sobre os outros não apenas pela linguagem em si, mas também por olhares, gestos, timbres de voz etc.

A pesquisadora Raquel Recuero (2009) reúne em sua pesquisa diversas informações sobre como compreender as redes estabelecidas na internet a partir dos atos de conversação. Esta abordagem, embora ainda em fase de gênese entre os pesquisadores do campo da Comunicação no Brasil, já foi bastante explorado por autores estrangeiros, como é o caso de De Moor e Efimova (2004), que integram a abordagem de “Análise de Conversação”. Essa vertente surgiu entre os anos de 1960 e 1970, nos estudos do campo da Etnometodologia e da Antropologia e o foco das pesquisas estava voltado para as estruturas das conversações (Recuero, 2009).

Os trabalhos de Análise de Conversação são interessantes porque, além da compreensão da comunicação estabelecida entre os indivíduos, entende-se que estas práticas de construção de discurso estão mais relacionadas ao dia a dia das pessoas (Recuero, 2009). A perspectiva desta abordagem diferencia-se daqueles que buscam nos atos de fala características políticas institucionais. O objetivo, desta forma, era olhar para as dinâmicas das conversações.

Um dos diferenciais da conversa transposta para o computador, está o anonimato em detrimento da identificação. Para além disso, também é destacável o fato de que o tipo de mediação específica do computador permite com que as interações se estendam no tempo, bem como que sejam acessadas de maneira assíncrona (Recuero, 2009).

O fato de o meio online servir como uma espécie de ferramenta de armazenamento de dados também nos sugere a função de memória que essas redes sociais desempenham. Diferente da conversa entre indivíduos no espaço físico, na rede as mensagens não se perdem, mas ficam salvas. É importante ressaltar que isso não necessariamente significa fácil acesso ao que foi dito, pois como se sabe, o fluxo de mensagens é instantâneo e veloz.

Na visão de Antoun (2016), o processo de conversação contínua presente no meio das redes sociais configura alterações no agir coletivo e social. Isso porque hoje

os usuários vivem em função da linha do tempo de suas redes sociais. Estas *time lines* funcionam como espaço de registo em constante atualização, sendo a informação mais atual e engajada aquela que aparecerá primeiro, em acordo com o padrão de preferência traçado através dos rastros digitais do usuário. Por ser uma rede que depende ativamente da atividade de seus alimentadores, os usuários, Antoun (2016) afirma que a conversação do público define o meio. Essa atividade muitos para muitos termina por gerar um efeito de sobreposição dos enunciados discursivos no regime de economia da atenção algorítmica (Antoun, 2016).

Conforme o exposto, as tecnologias conectivas exercem um papel relevante no desenvolvimento da comunicação, mas essa função não deve ser superestimada (Rüdiger, 2011). Embora seja inegável que temos experimentado um momento de expansão dos nossos canais de comunicação, a mediação nem sempre mostra os resultados que idealizamos em uma troca interativa, o que não significa ser necessariamente um problema.

O interesse deste trabalho é justamente compreender, a partir da conversação dos usuários da rede social, como o tema eleitoral é abordado. Entende-se, de antemão, que estas são manifestações ordinárias, sem pretensão consensual ou comprometida com o uso argumentativo racional. Sabendo da importância que as conversas realizadas por indivíduos comuns nos espaços de sociabilidade podem adicionar contribuições igualmente significativas ao campo da Comunicação, a ideia principal deste tópico foi compreender que tipo de informação podemos obter a partir da observação dos conversadores sobre o tema eleitoral em 2018 e 2019.

Em diálogo com as interpretações aqui colocadas, olhar para os termos que se presentes na conversação dos brasileiros e argentinos, nesse caso, nos oferece o perfil da comunicação estabelecida pelos comentadores durante o processo eleitoral de seus países. Em outras palavras, podemos compreender como cidadãos comuns, voltam a atenção para um assunto de interesse geral.

Conforme vimos, os modos de falar e conversar se alteraram com o advento da internet e seus sites. O desenho de cada plataforma é responsável por moldar certos padrões de interatividade, a variar conforme as ferramentas de conversação disponíveis. A forma exclusivamente textual, por exemplo, limita as experiências estéticas que uma conversa face a face proporciona. O uso de *emojis* e a

possibilidade de reagir aos comentários, no *Facebook*, indicam novos esforços das redes em captar as trocas não estritamente verbais entre os usuários. Por conta disso, no tópico a seguir, apresenta-se a configuração das narrativas especificamente no *Facebook*, explicando a manifestação de comportamentos emocionais nesta rede social, bem como a cristalização de polos hegemônicos de opinião de seus usuários via conversação.

2.3 A “Facebookzação” da política e a disputa conflitual dos enunciados coletivos

As redes sociais são utilizadas por cidadãos comuns para fins de sociabilidade, conversação e consumo de conteúdo. Esses espaços podem ter função política e seguem lógicas estruturais particulares, estando em patamar diferente daquele ocupado pela imprensa e pelas mídias tradicionais. Para que se compreenda as relações de interatividade e as questões políticas, é preciso discorrer sobre as singularidades do ambiente do *Facebook*. Aqui, apresenta-se com mais detalhes a concepção de ‘político’ elaborada por Mouffe (2015) para explicar as características conflitantes dos comentários publicados em matérias de cobertura eleitoral durante o recorte desta pesquisa. Também, falamos sobre a relação afetiva que está implicada no uso das redes sociais e seus reflexos políticos.

Já se reconhece que as redes sociais estão fortemente demarcadas por comportamentos de radicalização e polarização. Isso acontece porque existem características próprias de mediação das ferramentas digitais que catapultam certos tipos de comportamentos indesejáveis na política democrática. Acredita-se, dessa forma, que as narrativas antidemocráticas e os comportamentos agressivos das conversações solicitam novos encaminhamentos que deem conta dos efeitos políticos dessas interações conflitantes nas redes sociais online.

Há de se reconhecer que a cultura das redes sociais e, principalmente, do *Facebook*, vem convergindo e assumindo o protagonismo no papel de circulação de informação e opinião pública. De acordo com Fausto Neto (2008), as tecnologias de comunicação mais atuais re-significam as dinâmicas de interação social e simbólica. Tal situação requer “uma mudança de postura por parte do cientista, postura essa

que propicie ampliar o foco e entender que o indivíduo não é o único responsável por ser portador de um sintoma, mas, sim, que existem relações que mantêm esse sintoma” (Gomes, 2016, p.15).

Isso tem a ver com a pesquisa de Barros e Carneiro (2015) quando dizem que a existência das conversações nas redes sociais não pode ser um fenômeno à parte, uma divisão separada da sociedade, na medida em que interfere nas ações do sistema político. Nesse caso, as formas de interação via *Facebook* e as redes sociais num geral, podem ser entendidas como resultado de um novo relacionamento mútuo entre processos de socialização e realidades sócio-políticas, potencializando determinadas formas de enunciação e conversação. Essa situação, por sua vez, condiciona e determina tanto nos processos de significação quanto na atuação comunicativa dos dispositivos e seus usuários (Gomes, 2016).

Temos, hoje, uma realidade distinta que, por consequência, também altera as dinâmicas discursivas de nosso tempo. Neto (2008) acredita que a natureza operacional automatizada de nossos meios transforma nossos sistemas tecno-simbólicos em redutores de complexidade. De fato, o *Facebook* pode ser considerado um facilitador da ligação entre sujeitos geograficamente distantes, da assincronia e da rapidez de circulação dos mais variados conteúdos. Mas afinal, quais seriam as características dessa alteração/facilitação no potencial comunicativo que o fenômeno do *Facebook* pode exercer nas conversações?

Dentre as possibilidades interativas ofertadas pelo desenho da plataforma das redes sociais, destaca-se a descentralização da produção de conteúdo, a multidirecionalidade e a alta capacidade de interatividade. Estas permitiram que barreiras limitantes como espaço e tempo fossem superadas e cedessem lugar a um espaço de engajamento contínuo. Em outras palavras, com a aderência à rede social e dos dispositivos tecnológicos móveis, as pessoas podem reagir a qualquer conteúdo produzido, em qualquer momento e lugar, agregando novos significados à informação que ali se consome ou reproduz.

Em especial, no *Facebook*, o engajamento pode ser manifesto em três atos: compartilhar, curtir e comentar; sendo o último tido como o engajamento maior, justamente por demandar mais esforço em relação aos outros (Massuchin, Cervi, 2018). Atualmente, a função de curtir ampliou possibilidades, onde o internauta tem a

opção de escolher reagir ao conteúdo com “amei”; “haha” e “ual” etc. Essa pode ser considerada uma boa representação do que a rede enxerga como estratégico no ato de engajamento de seus usuários. As reações indicam que o *Facebook* sabe a que quer dar vazão: emoções e afetos. O engajamento está, portanto, nos signos afetivos da plataforma. O simples ato de dar *like* dispensaria, nesse caso, qualquer consideração que seja mais vagarosa. Para Van Dijck (2016), a opção do *like* é uma maneira fácil de ajudar os algoritmos a codificar um vasto relatório de dados sobre gostos, preferências e afetos.

As inovações técnicas continuamente alteram e impactam as formas comunicativas, variando conforme os contextos e as relações nelas estabelecidas. Qualquer processo que envolva um meio comunicativo, bem como construções enunciativas, seja verbal ou não verbal, incide diretamente nas relações sociais (Gomes, 2016). No caso do *Facebook*, as opções de sociabilidade são codificadas e, assim, se converte a atividade das pessoas em formas manipuláveis, dados sobre as rotinas cotidianas dos usuários que serão gerenciados por interessados comerciais (Van Dijck, 2016).

Crítico em relação a necessidade de exposição e de conexão via redes sociais, o filósofo Byung-Chul Han (2017) diz que o excesso de exposição gera a hipercomunicação. Para ele, o problema é que os afetos e os sentimentos criam condições para o desenvolvimento de um mercado que consome intimidades. Uma consequência disso seria uma espécie de tirania da intimidade personalizada que elimina o caráter público do espaço do agir comum e gera a publicização da vida e das pessoas.

Na esfera política, um dos maiores problemas é que a intimidade das pessoas torna-se tão pública que “as mídias sociais e sites de busca constroem um espaço de proximidade absoluto onde se elimina o fora. Ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais” (Han, p.80, 2017). As bolhas ideológicas fortalecidas pela ação dos algoritmos do *Facebook* são uma evidência de que as redes muitas vezes propiciam o encontro com si mesmo em detrimento do encontro com o outro e com o pluralismo de ideias.

A forma com que essa lógica afeta nas relações sociais é o que Silva (2017) chama de percepção artificial. Nela, uma falsa impressão de hegemonia é alimentada,

colaborando para a cristalização de determinadas crenças e posturas. Pensando do ponto de vista eleitoral, por exemplo, é comum que as disputas de segundo turno reduzam as opções de voto através de um maquiagem típico de confronto entre narrativas eleitorais, moldando rapidamente as opiniões do eleitorado. De modo similar, os filtros algorítmicos são arquitetados para produzir uma estabilização ideológica. O resultado é que os conteúdos contrários à tendência de escolha demonstrada previamente pelo padrão de acesso do usuário tornam-se invisíveis (Silva, 2017). Do ponto de vista político, a criação de binarismos não contribui qualitativamente para o fortalecimento da democracia e pode ter reações de opinião bastante negativas.

A combinação das redes sociais com o uso dos dispositivos móveis gera o que Van Dijck (2016) chama de “necessidade de conexão”. Tal necessidade de conexão cria uma relação de dependência tanto dos usuários quanto das plataformas, de forma com que o *Facebook* segue rastros de desejos e preferências e reduzem as relações entre pessoas, coisas e ideias em meros algoritmos (Van Dick, 2016). Para Tucheran (2017), é visível a relação entre práticas antigas e os aplicativos dos celulares, onde se modifica a lógica subjetiva de relacionar-se socialmente. O que antes era tido como vínculo hoje é tido como conexão, estabelecendo identidades performáticas e flexíveis, que se alteram conforme a necessidade dos sujeitos: “a relação entre a nossa atualidade a as tecnologias digitais é que estas são o ambiente e as novas condições da experiência” (Tucheran, 2017, p.3).

No estudo de Recuero (2016) afirma-se que a comunicação mediada por computador é uma maneira de sistematizar certas características da interação face a face e simulá-las na fala. As redes sociais seriam, então, subsequentes das práticas sociais e alteram os sentidos e convenções da interação. Para a autora, a conversação online, por exemplo, seria um tipo semelhante àquele praticado oralmente, mas que é diferente justamente porque obedece a configurações pré-estabelecidas. Ao observar os padrões de uso das redes sociais, Recuero (2016) descobre que sem a presença síncrona dos integrantes, a falta de contexto tende a tornar-se um grande problema.

Outro fato elencado foi o de que a representação do *self*, isto é, a representação criada a partir de perfis, poderia também causar um certo distanciamento físico,

gerando atos de ameaça, violência discursiva e tentativa de desestabilização do outro, geralmente acionando o humor como recurso. Sobre o uso emocional da plataforma, os pesquisadores Marques e Guimarães (2018) descrevem o conteúdo como multidimensional, indo além da mera troca verbal, abarcando metáforas e codificações que influenciam na maneira pela qual as mensagens explícitas farão sentido. No referido estudo, os comportamentos abarcavam atos de performatividades diversas, disputas por imagens, ódio e constrangimento da expressão alheia.

Já em meados de 2014 o cenário do *Facebook* foi descrito por Santos (2014) como dominado por práticas de mobilização de discursos de ódio e intolerância, principalmente partidária. As conclusões de Cleto (2019) são de que no distanciamento físico do suporte virtual há um certo encorajamento a comportamentos de ataque contra “o outro”. Para ele, a violência simbólica e física pode ser compreendida como um reflexo das sociedades polarizadas, cujo perfil rejeita qualquer possibilidade de construção consensual.

Os autores Cleto e Corrêa (2018) identificaram, também, através de uma entrevista feita pela Folha de São Paulo com um grupo eleitores do candidato Jair Bolsonaro, que a ciberesfera formou um forte sentimento identitário, onde discursos alinhados e hegemônicos refletiam comportamentos marcados pelo desejo de eliminação do inimigo e adversário político, características que circulam também fora desse espaço específico da internet.

As pesquisas mais recentes reconhecem, portanto, que nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*, que é uma das redes mais utilizadas na América Latina, se reforça um tom agressivo que é observado também fora desses espaços. Como em qualquer relação social, as pessoas procuram estar próximas de grupos de afinidade de interesses, e no caso da internet, isso acaba por formar bolhas de opinião, gerando um efeito cognitivo de pertencimento (Silva, 2017).

Os usuários interagem na rede social para sustentar pressupostos que já estão previamente definidos. Isso faz com que o projeto de uma democracia digital se inviabilize. A “polarização afetiva esvazia o conteúdo programático dos debates e estimula uma visão estereotipada dos adversários políticos, convertidos em inimigos extermináveis” (Cleto, 2019, p. 3). Por isso, foi preciso questionar o sentido libertador

e progressista da internet, já que “a rede beneficiou em um primeiro momento a diversidade de perspectivas, inclusive aquelas contrárias à democracia e à liberdade (Silveira, 2015, p. 215).

Sobre o tema, Silva (2017) explica que as lógicas operantes das redes na internet hoje promovem uma “refeudalização da esfera pública”, já que a opinião pública passa a ser moldada por técnicas científicas programadas para essa finalidade; submete até mesmo o Estado a esse modelo; e produzem um falso efeito no público de que suas impressões são e frutos de uma crítica pessoal espontânea. Para a autora, a “era das trevas tecnológica” se define em virtude de práticas investidas por empresas como *Google* e *Facebook* que produzem subjetivações nas esferas sociais: “É nesse contexto que emerge um vencedor nas urnas: a partir do confronto entre grupos que tendem a fundamentar suas escolhas pela ativação de gatilhos condicionados e grupos que tendem a investir na razão autônoma”(Silva, 2017, p.274).

Com base nisso, ao abordar contextos como o eleitoral nas redes sociais online, dificilmente encontraríamos trocas argumentativas consensuais, como se almejava inicialmente nos estudos em comunicação e política. A começar porque há uma estrutura financeira nestas plataformas que impede o acesso livre e equilibrado a todos os pontos de vista, dificultando ainda mais a consolidação de uma esfera pública. As informações são entregues de maneira desigual, privilegiando aquelas que são de preferência do usuário. Outro ponto a ser considerado é a própria vasão dos aspectos emocionais na internet, que é predominantemente marcada por motivações humanas, ancorada por agitações que são difusas, esparsas e incipientes (Teixeira, 2011). Com relação a isso, tanto a sociabilidade humana quanto a própria linguagem são tidas como ambivalentes e não teríamos grandes avanços no pensamento político atual se continuássemos classificando esses comportamentos manifestos na informalidade como algo irracional ou não político (Mouffe, 2005).

Uma democracia moderna pode ser investigada, também, por outras abordagens que não a racionalista instrumental, porque mesmo que o consenso e a racionalidade sejam desejáveis como meios para atingir determinado fim, “isso não nos deveria levar à conclusão de que, na “ausência” de ambos – as aspas importam –, debates

como os que acontecem na internet tenham pouca ou nenhuma legitimidade e relevância, precisamente por não conformarem uma esfera pública” (Teixeira, 2011, p.203). A questão aqui é entender que o uso material das redes sociais a torna um espaço mais afetivo e conflitivo do que racional. Tal fato não reduz a importância política que esses espaços possuem.

O conflito, característica constitutiva da política, da linguagem, da comunicação e da sociabilidade em geral, está presente em maior ou menor medida em todas as interações. Sendo inevitável, ele só se converte em problema quando assume formas antagônicas de intolerância e inimizade relacionadas à existência do outro. Para Mouffe (2005), no agonismo, o conflito pode ser saudável porque estimula os sujeitos a engajarem-se nas questões comuns. Nisso, vê-se o outro como um adversário respeitável e legítimo. Esta visão é uma forma oposta ao consenso, porque para a autora toda formação de consenso baseia-se em alguma forma de exclusão. Na democracia radical, as diferenças e a expressão de afetos são constitutivas do agonismo e se sobressaem em relação ao uso público do melhor argumento racional, com finalidade consensual (Mouffe, 2005).

Por conta disso, a divergência de opiniões é algo natural e esperado dentro da linguagem humana, mas em certos momentos se aguçam as visões que são contraditórias até torná-las inconciliáveis, na dicotomização (Amossy, 2011). A grande questão é que a dicotomização não desencadeia somente bolhas de grupos identitários, mas também trabalha para que os grupos se afirmem através da destruição da imagem do outro (Amossy, 2017).

A distinção entre amigo/inimigo que indesejavelmente pode emergir das relações sociais configura o que Mouffe (2005) nomeia por antagonismo: “Isso acontece quando se acredita que o ‘eles’ está questionando a identidade do ‘nós’ e ameaçando sua existência” (Mouffe, 2005, p.15). Há uma ausência de mecanismos que funcionem como “válvula de escape democráticas” para as paixões e os afetos, atravancando a dinâmica pluralista, o que por consequência transforma o outro da condição de adversário para o status de inimigo - que deve ser eliminado. Na prática, as formas essencialistas de identificação e valores morais rígidos tomam o lugar do confronto no projeto de democracia agonística de Mouffe (2005).

A comunicação instantânea que acontece no *Facebook*, por exemplo, obedece essa mesma lógica, pois existe uma refração naquilo que é visto como opinião/pertencimento hegemônico. A realidade é que existem determinados enunciados dominantes que moldam as relações materiais de poder e de dominância nesses espaços. Os algoritmos, por sua vez, reproduzem esse mesmo funcionamento no ambiente digital, pois são programados para mecanizar aspectos da sociabilidade humana. Se a própria linguagem e seus signos são materialmente dados e políticos, então a técnica de padronização das atividades executadas dentro dessa estrutura não teria como operar diferente.

Tal visão é interessante porque torna possível pensar que as formas essencialistas de identificação citadas por Mouffe (2005) representariam, nesse caso, uma dificuldade do projeto democrático atual em conciliar essas relações marcadas pelo fluxo de trocas e de relações de força que integram o campo afetivo social. O que se nota atualmente no *Facebook* é que existem formações identitárias essencialistas e outras que formam uma contra-cultura. Todos esses polos parecem estar em busca de uma hegemonia coletiva de enunciação.

Os efeitos disso podem ser observados na violência verbal e nos discursos marcados pela phatos: “Não nos impressiona, portanto, ver que a exacerbação de oposições se concretiza, in loco, numa divisão em grupos antagônicos, em que cada um afirma sua identidade social, opondo-se e fazendo do outro o símbolo do erro e do mal” (Amossy, 2017, p.58).

Com base no assunto, o que a literatura aponta é que, na verdade, as novas mídias, como o *Facebook* e outras redes sociais, entrelaçam afetos e ideologias em seus discursos, onde se pode apreender uma tensão entre a busca pela troca e a presença da incivilidade (Figueiredo e Guimarães, 2018). Ao que tudo indica, existe uma compensação psicológica por parte dos participantes nas redes sociais, que exercem algum tipo de efeito catártico em suas formas de expressão via plataforma online.

Esse pode ser um efeito da “sociabilidade conectada” presente no ecossistema tecno-cultural comentada por Van Dijck (2016). Para a autora, o *Facebook* é uma das principais plataformas da cultura da conectividade e representa um novo estrato de organização da vida afetiva e cotidiana. Não há um consenso sobre os efeitos das

experiências acima relatadas serem positivas ou negativas, pois os resultados variam conforme um fluxo de relações no interior desse ecossistema digital. É por conta disso que as redes sociais online num geral devem ser consideradas produtos inacabados, que se modificam conforme os usos e os significados que neles circulam.

O que se buscou aqui foi interpretar esse fenômeno com o auxílio das elaborações teóricas que estão acessíveis sobre o tema, centralizando a discussão a partir do caso do *Facebook*. Quando se pensa que a linguagem mobiliza o campo material através de relações políticas de poder, as características observadas através do uso das redes sociais não representam necessariamente uma novidade, já que fazem parte também do campo afetivo e social.

No entanto, é inegável que exista um novo estrato de organização da vida social e política na internet. Conforme veremos no próximo capítulo, os contextos eleitorais do Brasil em 2018 e da Argentina em 2019 foram fortemente influenciados por fluxos afetivos e também pelo estabelecimento de diferenciações identitárias polarizadas em torno do tema político. É preciso considerar que durante esses dois anos eleitorais, a presença e o uso das redes sociais por ativistas políticos, candidatos e comentaristas num geral foi um fator determinante nessas eleições.

Isso se deve ao fato de que a economia narrativa dessas plataformas baseia-se numa “memética virótica” que produz instantaneamente *lovers* e *haters* (Bentes, 2018). Desta forma, tanto no Brasil quanto na Argentina pareceu estabelecer-se um conflito entre os apoiadores dos candidatos da disputa, que declaravam-se publicamente como “maioria” e instigavam uma ordem de controle binária, do tipo “petista e não-petista”, “liberal e comunista”, o que contribuía para a formação de grupos identitários essencialistas, situação que se adequa a tendência anti-democrática dos antagonismos teorizada por Mouffe (2005). No capítulo a seguir, será explicado, a partir do caso eleitoral do Brasil e da Argentina em 2018 e 2019, como os contextos eleitorais específicos desses dois países influenciaram nessa lógica bipartidária que foi observada nas redes sociais online.

3. ANTAGONISMOS E CONFLITOS: A REALIDADE ELEITORAL DO CONTEXTO BRASILEIRO E ARGENTINO

Na atualidade, as técnicas de interação e sociabilidade abarcadas pelas redes sociais online vem alterando-se continuamente, criando uma nova ambiência comunicativa que é utilizada pela elite política para fins eleitorais e de engajamento. Como ambientes agregadores de informação, essas redes são instrumentos de análise que permitem aferir sobre organizações políticas e também sobre a opinião pública. No Brasil, por exemplo, os comentários de natureza conflitante praticados no ambiente online não se limitaram apenas a esse espaço específico, refletindo em outras esferas sociais, a exemplo de junho de 2013 e das eleições de 2018.

A ideia aqui é verificar como o conceito de conflito e radicalização, já observado nos trabalhos de Cervi, Carvalho e Massuchin (2018), Silveira (2015), Cleto e Corrêa (2019), Aldé, Escobar, Chagas (2007), Santos (2014) e Reis, Zanetti, Frizzera (2020) influencia na formação de nichos de interesse de comentaristas brasileiros e argentinos no tocante ao tema eleitoral de 2018 e 2019. A radicalização aqui é entendida como a expressão de visões e posicionamentos críticos e extremistas, sem espaço para reflexões e reavaliações (Archetti, 2015), enquanto que o conflito é tido como elemento constitutivo da política (Mouffe, 2015).

A conjuntura política do período de análise leva a crer em uma possível radicalização polarizada e conflitante entre nichos específicos de opinião entre as discussões político-eleitorais do *Facebook*. Pensa-se, no entanto, que existem similaridades e disparidades entre os contextos eleitorais do Brasil e Argentina, que servirão como elementos de interpretação do estudo comparativo de comentaristas desta pesquisa. A ideia é de que os enunciados narrativos desenvolvidos nos espaços de comentários das *fanpages* dos jornais Clarín e Estadão possuem dinâmicas de organização próprias, que obedecem tendências eleitorais específicas para cada caso.

No Brasil, em 2018, Jair Bolsonaro – ex-deputado federal, militar reformado, auto-declarado conservador e então afiliado ao Partido Social Liberal (PSL) – venceu a disputa pela Presidência do Brasil em um segundo turno contra Fernando Haddad (PT), dando forma a um embate entre o anti-petismo e o movimento #EleNão,

marcado pela rejeição a Bolsonaro. Essa vitória representou uma novidade na cena política do país, na medida em que rompeu com uma polarização historicamente demarcada pela disputa entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB).

Para além disso, outras circunstâncias tornaram a corrida eleitoral singular, como a falta de um candidato mandatário, devido ao impeachment sofrido por Dilma Rousseff (PT) em 2016; a rejeição do pedido de registro de candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), considerado inelegível com base na Lei da Ficha Limpa; e a ausência do presidenciável eleito em debates televisionados, dificultando a discussão entre os postulantes do segundo turno.

Por outro lado, na Argentina, em 2019, temos a queda de popularidade do então presidente, Mauricio Macri, que vencera o kirchnerismo, corrente política que comandou o país durante doze anos, entre 2003 e 2015. O país ingressou no ano eleitoral assumindo uma crise de ordem econômica relacionada ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Ao contrário, porém, do caso brasileiro, a candidata da tradicional esquerda argentina, Cristina Kirchner, cede estrategicamente o protagonismo da chapa de disputa ao candidato Alberto Fernandez, assumindo o cargo de vice-presidente. Tendo em vista o passado histórico político do país, havia conhecimento de que essa era uma virada tática de combate contra a polarização entre Macri e o populismo kirchnerista, situação que outrora garantiu a dupla vitória de Macri, nos anos de 2015, nas presidenciais e 2017, nas legislativas (Natanson, 2019).

A particularidade do caso argentino reside na questão de que Maurício Macri foi o único candidato a se consolidar efetivamente como força política de expressão popular desde o governo de Raúl Alfonsín, durante uma janela de tempo de três décadas e meia. Estes foram os únicos líderes não peronistas que chegaram a garantir legitimidade eleitoral no país. A volta ao centro, de Cristina Kirchner, eliminou qualquer chance de elaboração de uma concorrência peronista alternativa, fortalecendo-se contra Macri, sobretudo por conta da fraqueza política que este candidato enfrentou frente a depressão da economia do país (Natason, 2019).

Ademais, como se pode notar, ambas as situações revelam ciclos políticos que tendem a se repetir nos países, ainda que sempre desencadeando novos desfechos.

Isso porque duas hegemonias partidárias alteraram a governança em períodos de tempo similares, tanto na Argentina quanto no Brasil. Há, também, forças progressistas e populistas que dão rostos a história política dos dois países, franqueando distintos processos e reações ideológicas (Svampa, 2019).

Em todo caso, apesar do crescente uso das redes sociais durante a cobertura eleitoral, bem como das novas formas de organização e mobilização políticas oportunizadas por esse novo espaço, a presença de opiniões polarizadas entre esses dois países se estruturaram a partir de fatos políticos bastante distintos. Mesmo que existam algumas tendências comuns, são dois momentos diferenciados, o que torna imprescindível assumir um olhar circunstancial para os dois países.

Destacadamente os anos de 2018 e 2019 no Brasil e Argentina tornaram visíveis traços de uma “campanha polarizada e radicalizada, com alta carga emocional, que levou a uma eleição disruptiva (Abranches, 2019, p. 14). Algo que não surgiu de repente, tendo em vista que a oposição das bases governistas, colocadas como inimigas a serem derrotadas, nasceu de uma noção moralista e de ordem econômica (Santos, 2015). Essa oposição de inimigos construída em cima de uma divisão “nós/eles” é fruto de projetos democráticos que não trabalham para transformar o antagonismo em agonismo, já que na falta de canais legítimos de expressão, “a discordância tende a assumir formas violentas, e isso vale tanto para a política interna como para a internacional” (Mouffe, 2015, p. 20).

Esse fato é que nos move a analisar esse fenômeno em perspectiva mais ampla, considerando ambos os países como objetos de estudo. Entende-se que os dois momentos eleitorais distintos oferecem desdobramentos para a discussão do campo da comunicação política. No ponto a seguir, levanta-se as singularidades dos dois ambientes eleitorais que, apesar de distintos, revelam importantes destaques a se fazer nos estudos sobre democracia. Ao assumir essa finalidade, também será feita uma reflexão sobre as formações antagônicas destes países e o que isso implica nas reações autoritárias e indesejáveis que se formam nas redes sociais online.

3.1 A polarização entre PT e Bolsonarismo: o caso brasileiro em 2018

O processo eleitoral brasileiro em 2018, realizado em dois turnos, demarcou uma conjuntura política particular, principalmente quando comparada a eleições anteriores. O primeiro turno da disputa daquele ano contou com a participação de 13 candidaturas, entre elas, estavam figuras políticas tradicionais como Ciro Gomes (PDT); Fernando Haddad (PT); Geraldo Alckmin (PSDB); e Marina Silva (Rede). Mas apesar da forte identificação partidária dos brasileiros pelos partidos do PT e PSDB desde 1994 (Borges, Vidigal, 2018), três fatos notáveis mudaram completamente o caráter da eleição de 2018.

O primeiro deles foi a candidatura de Jair Bolsonaro, lançado pelo partido Partido Social Liberal (PSL), que vence o segundo turno contra o candidato petista como direito de apenas 8 segundos de aparição no Horário de Propaganda Gratuita Eleitoral (HGPE). Outros candidatos como Haddad, Alckmin e Meirelles (MDB) tiveram mais de 1 minuto de aparição em propaganda eleitoral televisiva. Geraldo Alckmin, por exemplo, com 39 vezes mais tempo de TV, não chegou a atingir 5% dos votos (Cleto, Corrêa, 2019).

O segundo acontecimento marcante diz respeito ao ex-presidente Lula, principal nome do Partido dos Trabalhadores, ter sua candidatura impedida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A prisão de Lula, no dia 7 de abril de 2018, o tornava ilegível pela Lei da Ficha Limpa. Soma-se nessa conjuntura o desgaste político que o partido sofreu desde o processo de Impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a greve dos caminhoneiros às vésperas do processo eleitoral, gerando uma crise de abastecimento em todo o país. Durante o período, houve uma forte adesão popular nos protestos, onde a única liderança destacada era Jair Bolsonaro, tido como alternativa à classe política tradicional. O terceiro fato de destaque em 2018 foi o golpe de faca sofrido por Jair Bolsonaro, que aconteceu no dia 6 de setembro de 2018, o que já revelava o acirramento de ânimos durante aquela eleição.

Com isso, a nova direita, que durante o processo de queda de popularidade do PT concentrava apoio no candidato tucano, migrou sua preferência para uma nova figura política, que aparecia como uma solução contra todas as mazelas do sistema

político brasileiro. Cleto e Corrêa (2019) definem essa força de apoio como inicialmente desarticulada, mas que alcança seu pico de aderência entre 2014 e 2018, com a pauta da operação Lava-Jato em alta na cobertura midiática.

De acordo com uma pesquisa do DataFolha, realizada em agosto de 2018, um cenário que contasse com Lula como candidato resultaria em 19% das intenções de voto para Bolsonaro contra 39% em Lula, demonstrando que a não participação de Lula foi significativa no resultado final, cujo vencedor foi Jair Bolsonaro, com 55,13% dos votos. A polarização dividida entre PT e Bolsonaro foi cristalizada de tal maneira que, no primeiro turno, candidatos como Ciro Gomes, Marina Silva e Alckmin atingiram 12,47%, 1% e 4,76% respectivamente. Além disso, essa foi a primeira vitória contra um candidato petista desde 1998.

A ascensão de Bolsonaro foi uma situação inesperada porque em trinta anos de vida pública, o candidato alterou de partido nove vezes, apresentou 172 projetos e obteve aprovação em apenas dois deles. Pertencendo a um partido nanico, com apenas uma filiação partidária, a chapa foi composta por dois militares, fato que adquiriu apoio de um vasto grupo de eleitores. Apesar da popularidade do candidato ter crescido em grande escala após a sua exposição no programa de humor da TV Bandeirantes “CQC”, não era esperado até 2018 que Jair Bolsonaro viesse a se tornar, de fato, presidente da república (Cleto, Corrêa, 2019).

Desde então, Bolsonaro foi identificado como uma nova figura política da ultradireita conservadora, com forte apelo popular e apoiador de pautas eleitorais polêmicas. Nos discursos públicos do candidato, destacavam-se promessas de resgate dos valores morais da família brasileira, a adoração de símbolos nacionais e o desprezo por políticas sociais implantadas durante os governos do PT. Como exemplo desse quadro, temos: “Jamais iria estuprar você, porque você não merece”; “o erro da ditadura foi torturar e não matar”; “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desapareçam” (Cleto, Corrêa, 2019).

Além da nova onda conservadora na política brasileira, outro ponto de destaque foi que, diferentemente do que se assistia nas eleições anteriores, despontou-se uma cultura política digital fortemente demarcada pela crise das instituições tradicionais,

na qual o *Facebook* passou a ser uma das principais fontes de informação política dos agentes mobilizadores (Ortellado, 2017). A vitória de Bolsonaro com 10 pontos a mais que Haddad, candidato do PT, foi resultado de diversos acontecimentos políticos anteriores ao ano eleitoral de 2018, cujo desfecho teve relação com os novos usos políticos das redes sociais.

Na análise de caráter conjuntural realizada por Cleto e Corrêa (2019), vê-se que nas manifestações de 2013, por exemplo, reuniram-se uma pluralidade de reivindicações associadas ao transporte urbano, que vieram a se desdobrar em múltiplas pautas, atacando o complexo político em sua integridade. Os momentos subsequentes alçaram uma crise de representatividade política, que passou a ganhar força gradativamente, resultando na inesperada ascensão de uma nova direita no Brasil.

A insatisfação gerada pela cobertura televisivas sobre as manifestações em 2013 levou os ativistas brasileiros a construir suas próprias narrativas, através do uso de aparelhos móveis, nos quais “a possibilidade de se registrar todos os momentos com câmeras de celulares passou a gerar provas instantâneas que contrariavam imediatamente o que a mídia tradicional dizia ou escondia” (Bugano, Chaia, 2015, p.104). A desconfiança contra as instituições não era voltada somente aos partidos e às figuras políticas, mas, de forma generalizada, estava direcionada para os meios de controle e fiscalização democrática, como os jornais, por exemplo. O sentimento de insatisfação generalizada contra a classe política brasileira foi, desta forma, um movimento que cresceu gradativamente até o ano eleitoral, refletindo nos discursos mobilizados pelos usuários e eleitores do *Facebook* em 2018.

Seria indissociável a relação entre a elegibilidade de Bolsonaro e as redes sociais, principalmente porque, diferente do protocolo comum eleitoral que esteve tradicionalmente centrado no Horário de Propaganda Gratuita Eleitoral (HGPE), o candidato teve pouco tempo na televisão, restando apenas a internet como alternativa. Porém, em nível mais metucioso de observação, “elas desempenharam papel central não apenas durante o processo eleitoral como também na construção de um novo modelo de debate público e da própria figura do “mito” – apelido que ganhou o capitão quando viralizaram as primeiras publicações a seu favor” (Cleto, 2019, p.4). O apelido de mito ficou tão famoso que pode ser encontrado, por exemplo,

nesse comentário publicado em outubro em uma matéria de cobertura eleitoral da *fanpage* Estado de S. Paulo: “O petralha só chegou no 2º turno através de fraudes !!! Vamos continuar com mais fervor na campanha do MITO”.

Disso, podemos compreender que o universo brasileiros das redes sociais online demarcaram um ambiente de interação que facilitou a circulação de opiniões opostas e, conseqüentemente, na formação de grupos polarizados de identificação política, comentários como “Petistas e cirocas podem ir morar na venezuela, vcs não irão fazer falta no brasil”; “17 neles , fora PT máfia comunista” e “NÃO PRECISA DE DEBATE BOLSONARO PRESIDENTE” ilustram essa realidade. As mobilizações políticas dos usuários no *Facebook* durante o período eleitoral de 2018 acompanharam de maneira acentuada os padrões de comportamentos que já eram identificados desde as manifestações de pedido de Impeachment de Dilma em meados de 2014.

Naquele período, o que mais se destacou no espaço das redes sociais foi uma espécie de “temor pelo triunfo do mal, notadamente o PT e o comunismo, mais ou menos como a polarização instiga” (Cleto, Corrêa, 2019, p.269). Observou-se um forte sentimento identitário, onde discursos alinhados e hegemônicos refletiam comportamentos fortemente marcados pelo desejo de eliminação do inimigo e adversário político, características que circulam também fora desse espaço específico da internet.

3.2 Efeito Macri x Kirchnerismo: o caso argentino em 2019

O Contexto eleitoral argentino em 2019 foi marcado por uma polarização entre Mauricio Macri (*Juntos por el Cambio*) e a dupla de Alberto Fernández (Partido Justicialista) e Cristina Kirchner (Uniudad Ciudadana). A autora Svampa (2019) explica que a política em termos de polarização acontece na América Latina quando se operam esquemas binários, geralmente atrelados a populismos, resultando na simplificação de espaços políticos e antagonizando quadros (quadro popular x quadro oligárquico).

Outra característica de cenários políticos polarizados é a seleção, hierarquização e sobreposição de determinados antagonismos em detrimento de outros, os quais são relegados e minimizados em termos de relevância e validade na agenda política. “Asimismo, en términos de relación líder/organizaciones, la forma histórica que asumen en la región es el modelo de participación social controlada, esto es, la subordinación de los actores colectivos al líder, bajo el tutelaje estatal” (Svampa, 2019, p.124).

No caso da Argentina em 2019, o cenário de bipartidarismo entre Macri e a chapa Alberto Fernández-Cristina Kirchner gravitou em torno da crise econômica, que tornou-se problema prioritário na agenda do país. De um lado, haviam aqueles que desde 2015 desejavam renovar os ares da política argentina e posicionavam-se contra os candidatos kirchneristas (grupo bastante desgastado por atos de corrupção e processos judiciais). Por outro lado, existiam eleitores que enxergavam na nova chapa uma possibilidade de despolarização, já que Alberto Fernández, sendo “cabeça de chapa” e peronista de centro, representaria uma abertura de diálogo com todos os setores do poder (Svampa, 2019).

Mas apesar do momento político delicado, a situação econômica asfixiante da Argentina remete a uma cronologia anterior aos governos de Macri e dos Kirchners, em 2001, quando o país declarava a suspensão do pagamento de uma dívida externa de 100 bilhões de dólares – um dos maiores defaults da história (Abril, 2019). Depois disso, uma crise de ordem política também se instaurou, porque a situação gerou desconfiança nos investidores e abalou a credibilidade do país no tocante à empréstimos internacionais. Sobretudo, com o aumento da inflação e os índices de pobreza, a população argentina se sentiu prejudicada, fato que repercutiu negativamente nos últimos anos.

Esse abalo econômico aconteceu durante a gestão de Fernando de la Rúa (UCR), que renuncia a presidência em 2001 e é sucedido, posteriormente, por Nestor Kirchner. Após isso, entre 2003 e 2015 a gestão Kirchnerista viveu seu ápice e seu desgaste, em grande parte motivado pelo esgotamento das tentativas de gerir a crise financeira e a insatisfação generalizada da população argentina com as instituições oficiais.

Aqui cabe ressaltar que os governos Kirchneristas completaram três mandatos antes de dar lugar ao governo de Macri (ideologicamente localizado à direita) em 2015. A última gestão de Cristina Kirchner, em meados de 2008, enfrentou conflito com grande parcela das corporações agrárias, momento em que se iniciaram as disparidades de opinião eleitoral. Por a presidente optar por aumentar a retenção agrícola, assumindo uma postura inflexível frente as alternativas de gerir a crise, os setores da classe média portenha saíram as ruas manifestar descontentamento.

A reação negativa desse grupo da população reatualizou antigos esquemas polarizantes que já permeavam a cultura argentina, criando binários entre “peronistas e não peronistas”; “nação e anti-nação” (Svampa, 2019), discursos esses que somaram características vantajosas à figura de Macri, que aparecia como um candidato localizado fora dos esquemas tradicionais dos partidos Justicialista e União Cívica Radical. Os seguintes comentários, publicados às vésperas das eleições em outubro, são exemplos da situação relatada por Svampa (2019): “sno voten a esta corrupta q nunca hizo nada por la gente”; “son tipos sin escrúpulos estos K. No se inmutan cuando mienten y estafan a la gente. DESPIERTEN LOS QUE LOS VOTARON”; “de 5 de pobres que decía tener el Kirchnerismo ahora le tiran todos a Macri, los mismos que decían no contarlos porque los estigmatizaban.. me da asco está gente”.

Ademais, a elegibilidade de Macri no ano eleitoral de 2015 foi marcante por ser a primeira vez na história do sistema partidário argentino que o líder de uma coalização (*Cambiamos*), feita entre um partido tradicional (UCR) e outros partidos pequenos, conquista a presidência (Mauro, 2020). Sobre isso, o autor Mauro (2020) chega a falar que o partido Propuesta Republicana (PRO), criado por Macri em 2005, foi uma reação à crise política argentina de 2001. Nesse contexto, Macri apresentava-se como a “verdadeira mudança” e também prometia a abertura da economia, investimentos em infra-estrutura e a eliminação da pobreza no país.

A expansão e o desenvolvimento do partido PRO na Argentina se justifica pela adesão tática de redes de expansão territorial. Através da aglutinação de algumas alianças realizadas com outros também pequenos partidos, opositores ao Kirchnerismo, houve uma personalização de liderança na figura de Macri (Svampa, 2019). A estratégia do partido foi fazer girar quadros políticos ao redor do candidato,

consultores e figuras políticas extrapartidárias, variando de acordo com as necessidades do momento e fortalecendo essa força política em níveis locais (Vommaro, Gené, 2017).

Inicialmente, a estratégia eleitoral foi bem sucedida porque permitiu o ensaio de alianças e a captação de estruturas políticas disponíveis nas províncias argentinas, principalmente na Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA), um terreno historicamente propício para o crescimento de novas forças partidárias. Gradativamente, então, o partido conquistou espaço nas eleições nacionais e provinciais, aderindo também alianças com uma base de dirigentes peronistas que era contra o modelo de condução partidária da época, influenciado indiretamente por Cristina Kirchner (Mauro, 2020).

Apesar das promessas de crescimento econômico que a elegibilidade de Macri sustentava, o que sucedeu foi uma piora nas taxas de desemprego, regressão social e consequente agravamento da pobreza na Argentina (Svampa, 2019). O governo precisou recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e as negociações forçaram a adoção de medidas de austeridade, que alavancaram uma reprovação popular ainda maior contra a elite política argentina, onde “el macrismo, que había llegado al poder con el objetivo de «normalizar», ordenar y relanzar la economía tras una década de populismo kirchnerista, observaba pasmado cómo las principales variables enloquecían” (Natason, 2019, p.5).

Com o congelamento dos preços dos alimentos básicos e o aumento das tarifas de serviço público, o contexto eleitoral de 2019 acirrou ainda mais a disputa entre Macri, declarado conservador e liberal, e a oposição kirchnerista, declarada peronista. Os resultados, desde as eleições Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias (PASO), etapa prévia à votação de primeiro turno, revelaram que a dupla, localizada ideologicamente à esquerda (tal como no Partido dos Trabalhadores), estava retomando a preferência dos eleitores.

Naquele contexto, a disputa eleitoral esteve inserida no calor da crise econômica argentina, onde as medidas de ajustes fiscais adotadas por Macri ocasionaram a sua queda de popularidade, assunto esse que foi bastante abordado pela imprensa. Conforme aponta um material opinativo publicado em abril de 2019, durante o contexto, uma das mais graves crises econômicas do país já estava completando um

ano. Definiu-se, portanto, um cenário de forte recessão e inflação, o que por consequência gerou muitas incertezas políticas no eleitorado. Um exemplo de como a pauta econômica foi predominante nas eleições de 2019 está no comentário publicado em agosto de 2019 sobre uma matéria que citava o candidato Macri: “Con el estado de la economia y de la sociedad entera no hay transicion tranquila Deberia renunciar hoy mismo”.

Frente a impossibilidade de Macri em mostrar avanços socioeconômicos significativos, no dia 27 de outubro de 2019 o candidato Alberto Fernández vence seu opositor com oito pontos de vantagem. Foi um resultado de 40,5% de Macri contra 48% da outra chapa. Os números evidenciam que apesar da vitória, a oposição se manteve com alta aderência, algo que não era esperado, já que as eleições primárias previam uma larga vitória da chapa kirchnerista, com 15 pontos acima, praticamente o dobro do resultado de outubro.

A estratégia de Cristina Kirchner em reservar-se na vice-presidência foi uma maneira de reverter a paisagem política argentina, sem perder de vista os objetivos de recuperação da força kirchnerista iniciada em 2003 por seu marido, Néstor Kirchner. A fórmula proposta pelos dois candidatos pareceu oferecer uma construção de espaço peronista alternativo, já que Alberto Fernández era uma figura próxima do peronismo tradicional e era, ao mesmo tempo, associado ao antigo governo de Néstor Kirchner. A ideia era estabelecer uma gestão que apostava no diálogo com as outras bases políticas, oferecendo uma saída para os problemas socioeconômicos deixados pela gestão de Macri (Natason, 2019).

Ademais, ao que tudo indica, o cenário de crise no país foi um fator determinante no resultado das eleições. Em um estudo sobre o voto dos cidadãos argentinos em 2019, Ratto (2020) explica que a avaliação da gestão econômica do governo é um dos fatores mais considerados para explicar o voto dos argentinos. Essa é uma pauta frequente na agenda política do país e seu peso se acentuou durante o ano eleitoral de 2019. A gestão de Macri apostou no mercado como uma saída para a situação crítica do país, mas os resultados durante os quatro anos foram negativos e a moeda continuou em constante desvalorização, o que representou uma oportunidade para os antigos candidatos recuperarem estrategicamente seu eleitorado, assim como fez o próprio adversário Macri, aplicando de modo diferente, em 2015.

3.3 Rupturas políticas e restauração de hegemonias: o que aproxima ambos os processos eleitorais?

Sabe-se que um dos principais problemas da pesquisa comparativa é a manutenção das equivalências, pois num geral os objetos a serem comparados pertencem a diferentes contextos de um sistema, conforme afirmam With e Kolb (2004). Com isso, os autores explicam que nas ciências sociais, para tornar o termo equivalência praticável, é necessário operacionalizar a funcionalidade dos objetos de pesquisa nos diferentes contextos do sistema. Isto é, os constructos devem estar integrados em teorias equivalentes, o que não significa que os objetos precisem ser iguais, pois isso resultaria em uma pobreza de resultados. As equivalências e diferenças devem, portanto, ser testadas e analisadas a partir de indicadores, construções e das teorias que tangenciam todo o processo de pesquisa.

Em acordo com o exposto, nesse tópico, a intenção é colocar em perspectiva as particularidades e semelhanças eleitorais do Brasil em 2018 e da Argentina em 2019, afim de oferecer elementos que auxiliem na interpretação dos dados referentes aos comentadores brasileiros e argentinos que serão apresentados no capítulo seguinte. A proposta desta pesquisa é fazer um estudo comparativo entre os conversadores dos dois países nas páginas de *Facebook* de dois jornais tradicionais – Diário Clarín e Estado de S. Paulo. Para atender esse objetivo, é necessário que se compreenda os fatos que influenciaram na conversação eleitoral dos brasileiros e argentinos na internet. Nesse sentido, é possível afirmar que o histórico político tanto do Brasil quanto da Argentina afetaram e influenciaram nos tópicos levantados entre os conversadores.

No que diz respeito aos contextos, as eleições de 2018 e 2019 se enquadram àquilo que a literatura identifica como ‘o ciclo das novas direitas’ e da ‘crise do modelo de sistema democrático’ tal como conhecemos hoje. Autores localizados fora do espectro da América Latina, como Hardt e Negri (2016); Berardi (2005) e Castells (2017) explicam que, na verdade, o que a população rejeita não é a democracia em si, mas os efeitos negativos que a democracia liberal causa, variando de acordo com a realidade específica de cada país.

A girada política identificada fora da região da América Latina, demonstrou que existe uma tendência generalizada de adesão e identificação popular por discursos conservadores, a saber: o caso da vitória de Trump em 2017 nos Estados Unidos; Boris Johnson, na Inglaterra, Putin na Rússia desde 2012; e mais recentemente Andrzej Duda na Polônia, apenas para citar alguns. O que há em comum entre esses casos são os discursos de propaganda dos candidatos, amplamente repercutidos na mídia, que sustentam a necessidade de recuperar valores familiares, morais e religiosos. Há também um apelo para a questão econômica, que enquadra-os entre os “novos liberais do século XXI”.

Sobre isso, Berardi (2005) entende que há uma tendência global de prolongamento de jornada de trabalho, deterioração das proteções sociais e desregulação das estruturas públicas de assistência, o que causa uma espécie de “fábrica de infelicidade”. Para o autor, instituições de organização ocidental, como o FMI e o Banco Mundial, adquirem função de ferramenta administrativa de domínio sobre as economias do planeta. Por possuírem esse poder, elas exercem um tipo de pressão sistemática sobre os países em via de desenvolvimento, como é o caso de Brasil e Argentina, “forçando-os a adotar políticas liberais fundamentadas na redução de despesa pública e na penetração das *corporations* globais nas várias zonas de mercado de trabalho” (Berardi, 2005, p.137).

Em consonância, Hardt e Negri (2016) afirmam que, sobretudo em 2011, houve um aprofundamento da crise social, desencadeando ciclos de luta e indignação popular. Para os autores, as economias que são caracterizadas por uma desigualdade extrema geram condições sociais e políticas que aglutinam sujeitos identificados por causas em comum. A consequência, em muitos casos, é a rejeição de todos os partidos políticos e protestos sociais contra a corrupção dos bancos, a insuficiência de moradia e o desemprego.

Na América Latina, Malamud (2020) e Cocco (2018) comentam que o que acontece não é necessariamente um declínio dos governos progressistas, mas sim uma situação de alternância eleitoral. O problema político da região latino-americana é que os governos permanecem durante muito tempo no poder, em alguns dos casos ultrapassando mais de 15 anos. Estes governos recusaram-se a ler criticamente seus

vícios de gestão, que há anos já não eram mais suficientes pra sair das crises que afetaram o continente como um todo (Cocco, 2018).

Entre esses vícios, destaca-se a tolerância face à uma tendência dos governos de esquerda em fazer de seus presidentes “figuras insubstituíveis e continuamente reeleitas, aí compreendido o preço pago pelas mudanças constitucionais que anunciam viradas abertamente autoritárias” (Cocco, 2018). O autor segue concluindo que é preciso tentar outras maneiras de apreender essas rupturas nos ciclos políticos da América Latina. E também que os governos progressistas devem superar suas limitações na capacidade de propor alternativas às tendências econômicas globais do neoliberalismo.

Brasil e Argentina estão ambos imersos em um mesmo contexto, tanto no que se refere ao esgotamento social e político dos seus governos progressistas na América Latina, quanto a virada liberal-conservadora que protagonizou as últimas eleições em nível mais global. Porém, embora os dois países apresentem alguns desfechos semelhantes, atualmente, o maior motivo para justificar essa investigação comparativa são as diferenças internas que originaram essas pequenas rupturas nos ciclos eleitorais de 2018 e 2019.

Conforme explicitado nos tópicos acima, o Brasil, em 2018, rompia com a disputa tradicional entre os partidos PT e PSDB, assistindo a inesperada centralização da figura política de Jair Bolsonaro, um candidato com baixo desempenho político desde a sua atuação como deputado federal do Rio de Janeiro em 1991. Ao passo que, na Argentina, em 2019, Mauricio Macri, entregava a gestão da presidência à chapa Alberto Fernández-Cristina Kirchner, antiga força política do país.

Porém, é preciso elucidar que tanto Macri quanto Bolsonaro foram forças políticas que cresceram rapidamente e romperam com os bipartidarismos que tradicionalmente operavam nas eleições de seus países. No Brasil, a era do PT e PSDB começou em 1994, totalizando 24 anos de presença eleitoral. Na Argentina, a coalizão “Cambiamos”, de Macri, rompia com 12 anos de peronismo (Vommaro, Gené, 2017). As condições que influenciaram esses resultados tem raízes em comum, mas desenrolaram de formas distintas. Em eleições anteriores, os partidos nacionais declarados de direita não eram tradicionalmente competitivos no Brasil e Argentina, fato que mudou com a adesão popular as forças políticas personalizadas

pelo PSL (partido de Bolsonaro em 2018) e também pelo PRO (partido de Macri em 2015).

Para explicar esse movimento, se recorre as principais observações realizadas pelos teóricos da ciência política que se dedicaram a compreender o fenômeno de polarização política e o fim dos progressismos na América Latina atual. Já é uma hipótese entre alguns autores da literatura (Zovatto 2020; Svampa 2019; Natason 2019; Malamud 2020) que os sistemas políticos latino-americanos estão sendo afetados por novas ondas anti-democráticas. Isso porque a predominância de uma estética conservadora e de apelo moral entre os novos candidatos não é um fato restrito a países como Brasil e Argentina.

Esse contexto reflete de maneira particular na região, devido as especificidades históricas dos seus países. De acordo com Caruncho (2020), o triunfo desses candidatos e dos partidos só pode ser explicado se considerarmos as condições conjunturais nacionais, bem como a expertise das novas forças partidárias em identificar as indignações populares e saber aproveitá-las estrategicamente.

Entre os anos de 2015 e 2019, na América Latina, diversos problemas políticos e sociais estiveram presentes, No Brasil, houve o Impeachment de Dilma Rousseff e ascensão de Bolsonaro; Na Argentina o triunfo eleitoral de Macri; a transição equatoriana com Lenín Moreno; a volta de Sebastian Piñera no Chile; além de outras questões políticas severas, como o autoritarismo de Maduro na Venezuela e a repressão na Nicarágua. Todos esses fatos exemplificam como a região num geral está vivenciando o fim de um ciclo progressista (Svampa, 2019). Num balanço realizado por Malamud (2020) a partir dos anos de 2017 a 2019, com 15 processos eleitorais realizados na América Latina, o autor relata que os últimos tempos foram marcados por um forte desprezo pela democracia.

O que Svampa (2019) chama de “giro autoritário” ao referir-se aos cenários de Brasil e Argentina, Malamud (2020) chama de “golpe de pêndulo”. Em linhas semelhantes de pensamentos, os autores indicam que, tradicionalmente, a América Latina alterna entre ciclos de poder autoritários e ciclos de poder sociais de esquerda, de influência chavista (tendência que foi comum no início do século XXI). Mas a principal diferença entre essas viradas nos dois países, na visão de Caruncho (2020), é que apesar da crise, Macri apresentou um estilo mais moderado

republicano, enquanto que Jair Bolsonaro é tido como radical (ultraconservador e reacionário).

Há, de fato, em toda a América Latina, uma certa predominância de elites de caráter oligárquico e uma recuperação do interesse por alianças de natureza cívico-militar, como foi o caso do Brasil em 2018. Mas a divergência entre o caso dos dois países aqui estudado está na trajetória partidária de cada região, incluindo algumas variações de perfil ideológico, fatos econômicos e sociais dos seus respectivos eleitorados e também prioridades de governo (Caruncho, 2020). Por outro lado, o que os unem são as revoltas populares que serviram como terreno para que alternâncias político-eleitorais surgissem na sequência.

Historicamente, na Argentina, o surgimento da força Peronista e do partido Justicialista em meados de 1946 territorializou um estilo funcional bipartidário no país. Esse foi o fato responsável por limitar o potencial das pequenas organizações de direita em expandir-se em nível nacional. Todos aqueles que não se enquadrassem nos esquemas previstos pelo partido da União Cívica Radical (UCR) e pelos Justicialistas (PJ) ficavam restritos a pequenas regiões (Caruncho, 2020). A polarização entre as duas influências políticas argentinas só adquiriu novas formas a partir do ano de 2001, quando o país enfrentou um dos seus piores episódios de crise econômica. O impacto dessa crise acabou por “debilitar el tradicional eje de conflicto peronismo-antiperonismo en la CABA, lo que generó las condiciones propicias para la presentación de un nuevo partido por fuera de las estructuras partidarias e ideológicas tradicionales” (Caruncho, 2020, p.94).

No que diz respeito ao Brasil, os partidos mais tradicionais da direita exerceram importante influência desde meados do século XX. Conforme aponta Malamud (2020), os últimos anos parecem ter recuperado uma imagem própria de outras épocas, marcada por lutas sociais e pela ditadura militar. Houve, a partir dos anos 2000, uma acentuação de conservadorismo nos estratos das classes médias que opunham-se ao projeto de governo levado a cabo pelo Partido dos Trabalhadores (PT). A situação se agravou gradativamente até o resultado eleitoral de 2018. A vitória de Bolsonaro esteve relacionada a legados políticos estruturais, já que a sociedade brasileira tem sustentado um esqueleto hierárquico de organização social, o que a torna fortemente arraigada em hábitos conservadores e tradicionais

Portanto, foi em períodos cronológicos relativamente próximos que tanto Brasil quanto Argentina demonstraram vivenciar ciclos eleitorais semelhantes. A explicação de Caruncho (2020) é que na história política de ambos, houve uma associação entre as direitas e as ditaduras militares, bem como a incorporação de partidos majoritários nacionais. Após isso, uma série de fatores externos e internos contribuíram para o nascimento de novas tendências eleitorais como a de PRO com o Macri e PSL com Jair Bolsonaro.

O fato é que as mobilizações sociais de razão econômica, na Argentina, e de caráter reacionário, no Brasil, tiveram uma expressão política em comum que era o descontentamento em relação à elite política tradicional, o que por consequência agravou a crise das instituições tradicionais e da própria representação política como um todo. Tal fragilidade motivou o surgimento de candidatos que utilizavam-se de uma visão liberal para argumentar sobre as possíveis saídas para os problemas sociais que sempre foram comuns tanto no Brasil quanto na Argentina.

Para Malamud (2020) a perda de confiança do eleitorado esteve fortemente relacionada ao escândalos de corrupção e insegurança da população. Nesse sentido, a Operação Lava-Jato no Brasil foi o principal desfecho político a influenciar uma crise de representação política que se estendeu por toda a América Latina. A segunda fonte do problema esteve na relação dessas eleições com as redes sociais, onde o manejo de ferramentas como o Facebook “se revelou como un plus en el diseño de las campañas, unas campañas cada vez más segmentadas y que buscan objetivos sectoriales, puntuales o incluso ad hominem” (Malamud, 2020, p.468). Por último, outro fator essencial foi o protagonismo das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, que foram responsáveis por estabelecer diversos laços de contato político, inclusive via redes sociais.

As particularidades levantadas, combinadas aos resultados eleitorais, nos levam a crer, por fim, que aquilo que parecia ser uma rachadura dentro de uma base, isto é, o surgimento das novas influências políticas de Macri e Bolsonaro contra as forças tradicionais kirchneristas (peronistas) e o Partido dos Trabalhadores, significa, muitas vezes, apenas uma oxigenação. No caso eleitoral de Argentina em 2019, por exemplo, o que se apresentou como uma ruptura histórica acabou por não romper completamente com a hegemonia Kirchnerista, servindo mais como uma ponte de

restauração e recuperação do antigo sistema tradicional. No Brasil, as incertezas relacionadas a possibilidade de candidatura de Lula e as divergências entre Ciro Gomes e Haddad pareceram enfraquecer os objetivos que eram comuns entre os dois candidatos.

Conforme aponta Malamud (2020), o populismo não desapareceu na América Latina e tampouco está em extinção. Cabe aos pesquisadores da área continuar procurando investigar as coincidências existentes entre os ciclos políticos de cada país e compreender de que forma certos fatos políticos fortalecem a formação de eixos de polarização, bem como colaboram para a acentuação da indignação popular.

Por fim, este capítulo teve por objetivo analisar os antagonismos presentes nos processos eleitorais do Brasil em 2018 e na Argentina em 2019. A ideia foi esmiuçar os fatos políticos que tornavam cada caso particular, mas também relacionar quais elementos contextuais colocavam os dois países em condição de comparação. Demonstramos que o nascimento dos partidos de Jair Bolsonaro e Maurício Macri se deu a partir de trajetórias políticas diferentes. O PSL e o PRO, embora semelhantes em seus discursos e no eleitorado, diferenciaram-se porque o primeiro esteve muito mais atrelado a comportamentos radicais, enquanto que o segundo teve um perfil mais moderado e republicano.

A literatura mostrou que os ciclos tendencialmente motivados por uma agenda liberal de visão econômica são comuns dentro e fora da América Latina, estando relacionado as crises institucionais que afetam o mundo todo e manifestam características específicas em cada país. Ao colocar os ciclos eleitorais de Brasil e Argentina em perspectiva, porém, ficou evidente que estes ainda não foram finalizados. Seria muito incerto dizer que a onda progressista que influenciou governos como o dos Kirchners e do Partido dos Trabalhadores chegou ao fim. Isso porque conforme exposto, a Argentina encontrou novas alternativas de restauração de sua antiga hegemonia política. O que, por sua vez, também não garante que oposições não venham a ser aderidas pelas camadas da população. Conforme foi explicado, essas tendências surgem estrategicamente quando os governos tradicionais se esgotam, apresentando-se como as únicas alternativas restantes. De

certa forma, essas situações irão variar conforme as saídas encontradas por cada governo para manter seus projetos políticos.

Discutimos também que a internet e as redes sociais foram protagonistas nessas novas eleições, desencadeando efeitos diversos que refletiram na política e nos resultados eleitorais. Ressaltamos a importância de recuperar os elementos histórico, políticos e sociais que resultaram na polarização política desses dois países. Nesse sentido, o objetivo desta unidade de capítulo foi o de fazer uma reflexão sobre as maneiras pelas quais cada ciclo político muda em caráter, função e estrutura em reação as medidas que os governos adotam para gerir suas crises, sejam elas políticas ou econômicas.

Já não é mais novidade, portanto, que das múltiplas relações políticas que surgem no tempo, agregam-se amplos grupos e identidades dotados das mais distintas vozes possíveis. Estes, por sua vez, veem nas brechas geradas pelas crises um potencial de circulação e propagação de suas posições em relação as questões públicas. Daí surge a importância em discutir os limites da tolerância democrática e da organização dos grupos conflitantes na democracia.

Como foi possível perceber, a crise política iniciada no Brasil, por exemplo, após a intensa repercussão midiática das manifestações de junho de 2013 e os escândalos de corrupção subsequentes, a participação política brasileira passou por uma nova mudança em sua história, em que “diferenças ideológicas dentro das próprias manifestações rapidamente começaram a transparecer, até o movimento implodir, rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos “ (Bugnago, Chaia, 2015, p.102). Na Argentina, mesmo que mais moderadamente, os grupos de opinião também aproveitaram-se da fragilidade do momento econômico para instigar uma divisão binária pouco saudável para um sistema democrático. Um exemplo disso foi a degradação da imagem dos candidatos peronistas, que apesar de terem raízes em comum e de comporem juntos uma força tradicional no país, apresentaram divergências internas, inclusive quanto ao apoio aos projetos de governo dos Kirchners.

Por isso, um dos maiores desafios da política atual nesses dois países é justamente o de não eliminar o conflito e as diferenças, mas buscar, ao contrário, propiciar novos canais para o estabelecimento delas, num exercício de permitir que

certos fluxos afetivos se liberem, sem por isso recorrer a uma moralização da política como forma de proteção identitária, como foi o caso do Brasil em 2018. Diferentemente do que assistimos nas eleições anteriores, a presença da política no meio digital se acentuou até calhar no fortalecimento de grupos intolerantes em relação aqueles que divergiam. Com isso, circularam diversos discursos que contribuíram para o sentimento de desejo de eliminação do adversário político.

A mobilidade dos aparelhos celulares e a recirculação possibilitada pelas redes sociais, portanto, foram elementos importantes nesse novo estilo de mobilização política que alteraram profundamente o cenário eleitoral de 2018 e 2019, onde fica claro que a cobertura política não era mais uma exclusividade da velha imprensa. Pessoas comuns usavam as redes sociais para postarem as suas próprias visões sobre os acontecimentos. (Silveira, 2015). O crescimento de apoio da rede bolsonarista e o alinhamento do seu discurso hegemônico, por exemplo, só foi possível graças as capacidades aglutinadoras dessas redes sociais (Cleto e Corrêa, 2019)

Sobre isso, Ortellado (2017) explica que o uso da internet e, particularmente, do *Facebook*, reduziu o tempo que era destinado ao consumo de outros produtos editoriais e jornalísticos, estimulando novos processos de interação e de conversação que se deram no espaço online. De certo modo, a circulação da conversação dos usuários do *Facebook* permitiu identificar uma transposição dos limites de espaço da disputa eleitoral, conforme apontam as autoras Massuchin, Mitozo e Carvalho (2017).

Percebe-se que com a aceitação dos usuários pelos canais de expressão oportunizados pelas plataformas de redes sociais online, a forma dos eleitores se relacionarem com a política alterou de maneira significativa, já que o deslocamento da atenção para as plataformas das redes sociais gerou a formação de nichos e grupos de interesses que, além de possibilitarem acompanhar os acontecimentos de maneira instantânea, algo que no espaço tradicional de comunicação não era possível, eles ainda “instigam uma sensação inédita de pertencimento que nem sempre se limita ao universo digital, formando novas identidades, polarizadas e engajadas” (Cleto, 2019, p.3).

Para pensar os desafios da política na contemporaneidade é necessário criar fluxos de passagem pelos quais as identidades coletivas possam expressar suas diferenças, estimulando o confronto democrático de maneira saudável, evitando, assim, assumir uma forma antagônica, ancorada na dicotomia “amigo/inimigo” tão predominante nesses espaços da rede social.

Conforme apontou a literatura, o conflito e a divisão binária de opiniões foi uma característica das eleições do Brasil em 2018 e da Argentina em 2019. Isso ficou bastante perceptível nas conversas registradas nas redes sociais. Outra característica de importante destaque é o fato de que ambos países enfrentaram crises econômicas durante os períodos eleitorais aqui esmiuçados. No entanto, tal situação remonta fatos históricos e políticos anteriores a esses momentos, o que reforça o peso que tal contexto exerceu para o resultado final das disputas presidenciais.

No Brasil, a crise intensificou um sentimento de intolerância e desconfiança contra as instituições democráticas do país, onde um movimento social, associado à sigla do Partido Social Liberal (PSL), cuja força esteve centralizada no personalismo de Bolsonaro, polariza contra os políticos tradicionais da disputa e, principalmente, o Lulismo e apoiadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Na Argentina, a preocupação econômica gera divergências de opinião quanto ao perfil administrativo e político-ideológico que deve orientar a saída do país da crítica conjuntura em que se encontra.

Por isso, é importante que se investigue empiricamente quais foram as tendências gerais das conversações políticas nesses dois países. A ideia é de que a recorrência de uso de termo específicos por determinados grupos dominantes do corpus será útil na compreensão de como esses binarismos/antagônismos se manifestaram entre os conversadores das *fanpages* analisadas. Também, a considerar pelo fato de que a crise é um fator central e comum entre os dois casos eleitorais, a questão é entender se o tema econômico aparece como tema de conversa entre os comentaristas brasileiros e argentinos nas duas páginas do *Facebook*.

Para verificar como os termos mais relevantes da conversação política eleitoral organizou-se probabilisticamente em grupos temáticos, será apresentado na

sequência os detalhes do procedimento metodológico e seus principais resultados como investigação teórica-metodológica comparativa dos casos de Brasil e Argentina em 2018 e 2019. Aqui pretendemos investigar como o contexto de cada país influencia no resultado empírico da pesquisa, considerando que as singularidades e diferenças entre os objetos interfere na forma com que os termos estão associados entre si e em como são utilizados pelos comentadores.

4. SINGULARIDADES E DIFERENÇAS ENTRE CONVERSADORES BRASILEIROS E ARGENTINOS SOBRE O TEMA ELEITORAL

Com o panorama dos quadros políticos do Brasil e da Argentina já apresentados, o capítulo atual tem por objetivo colocar a análise empírica em diálogo com os elementos identificados na discussão teórica do trabalho. A literatura que se dedicou a estudar as manifestações de opinião nas redes sociais online identificaram que a internet passou a protagonizar de maneira incisiva nos últimos anos eleitorais latino-americanos. Embora alguns sintomas já tenham sido levantados, como a presença de radicalização e a evasão de afetos nas conversações, por exemplo, fornecendo a base de diálogo e investigação deste trabalho, essa pesquisa sedimenta no sentido de investigar comparativamente como os conversadores brasileiros e argentinos discutiram política no *Facebook*.

Para isso, foram definidos dois jornais tradicionais de cada país (Estado de S.Paulo e Diário Clarin) e as matérias que forneceram os comentários a serem analisados diziam respeito somente ao tema eleitoral. Optou-se por centralizar no tema eleições porque o que se pretende compreender nessa investigação é como os comentadores brasileiros e argentinos organizaram os principais tópicos das conversações online sobre o ano eleitoral de seus países. Assim sendo, o recorte temporal para a filtragem do material esteve centrado nos meses de julho, agosto, setembro e outubro (até um dia depois do resultado final eleitoral), abrangendo o período de campanha, bem como o resultado dos primeiros e segundos turnos.

O corpus a ser trabalhado corresponde a quantia de 317.559 comentários publicados nas matérias eleitorais da *fanpage* brasileira (Estadão) e 586.601 comentários da *fanpage* argentina (Clarín). É válido pontuar que durante o recorte da pesquisa, a página do Estado de S. Paulo publicou 254 posts e o Diário Clarín publicou 1092, gerando 1346 matérias que forneceram o material de análise. Estes foram posts sobre matérias de campanha presidencial, ficando de fora todos os outros conteúdos que divergiam da temática focada nesta pesquisa.

Acreditamos que a observação sistemática de conteúdos gerados pelos comentadores dos *posts* das páginas dos jornais nos traz ganhos ao compreender as gramáticas que são próprias da política desses espaços, especificamente, quando

conectados em rede. Os veículos jornalísticos escolhidos (Clarín e O Estado de S. Paulo) demonstram posicionamentos editoriais semelhantes, conforme será detalhado adiante.

A ideia aqui é analisar como determinados termos se organizam em grupos de opinião a respeito do tema eleitoral, identificando comparativamente como as classes formada se relacionam ou diferenciam-se entre brasileiros e argentinos. Acredita-se que na presença e ausência de termos estatisticamente relevantes seria possível compreender como as eleições de 2018 e 2019 foram abordadas nas conversações dos usuários da rede social do *Facebook*.

As diferenças e similaridades entre os dois casos eleitorais devem nos oferecer pistas sobre como as narrativas políticas desenvolvidas na internet adquirem uma dinâmica própria, em especial nesses dois territórios, e quais tendências de opinião resultam disso. Colocar os comentadores argentinos e brasileiros em perspectiva comparativa, portanto, é o caminho para atingir esta meta, na medida em que permite observar o fenômeno de perto e tecer relações representativas.

Nos tópicos subsequentes, apresenta-se a abordagem metodológica a ser aplicada no material empírico, especificando os procedimentos de análise adotados e as ferramentas que auxiliaram nesse processo. Em seguida, será feita uma consideração sobre as coletas dos dados que compõem o universo dessa pesquisa, detalhando as adaptações que foram necessárias durante o percurso. Depois, será feita uma passagem pelos jornais, justificando a escolha deles como fonte dos dados de análise e, por fim, serão apresentados os resultados obtidos até o momento.

4.1 Quality papers: o perfil das *fanpages* analisadas e o papel da cobertura midiática

Esta seção tem por finalidade antecipar as informações pertinentes sobre as páginas de *Facebook* que serviram de suporte para o material empírico de análise desta pesquisa. Embora o trabalho esteja preocupado em retirar informações a respeito de conversações, tendo um recorte temático e temporal centrado na questão

eleitoral brasileira e argentina, é importante que se compreenda qual é o perfil das *fanpages* e porquê elas são compatíveis à aplicação do método comparativo.

Pensa-se que por os jornais apresentarem perfis de cobertura e público leitor distintos, isso interfere também no nível de interação entre os usuários na rede social em questão. Deste modo, é possível afirmar que tanto Clarín quanto Estado de S. Paulo divergem no que diz respeito ao contexto de criação de suas redações; influência em seus países de origem; posicionamento e apoio à partidos políticos específicos, bem como no perfil de suas notícias, o que conseqüentemente interfere tanto no material de conversação de seus comentadores, quanto na contribuição de cada um para o corpus desta pesquisa.

Porém, antes de discorrer sobre os motivos que levaram a escolha dos jornais que forneceriam os dados da pesquisa, primeiramente, é importante explicar o porquê da rede social do *Facebook* ser a plataforma escolhida para subsidiar o banco de dados da pesquisa, já que a conversação online não é um fenômeno restrito às redes sociais. Os autores Sampaio e Barros (2012), por exemplo, dedicaram-se a investigar o comportamento dos leitores dos sites de notícia manifestados na seção disponibilizada para comentários. Conclui-se no trabalho que existia ali, para além de um potencial deliberativo, uma possibilidade de enriquecimento informativo e de credibilidade dos jornais. Apesar disso, se reconhece a necessidade de criação de regras e técnicas que garantam a qualidade deliberativa dos debates, o que reforça o fato de que estes espaços não são desenvolvidos visando incentivar esses tipos de trocas harmoniosas.

Outro trabalho que explora de maneira bastante precursora as conversações online é o dos autores Aldé, Escobar e Chagas (2007), que investigavam estes espaços em chave de interpretação alternativa à tradição deliberacionista. O interessante neste momento é entender que, apesar das diferentes lentes de leitura, ambas as pesquisas nos provam que as interações online, mesmo que tenham adquirido força maior no *Facebook*, aconteciam em plataformas que são precursoras a esse rede social. Haveria, então, espaços de comunicação arquitetados com finalidade bastante parecida e que, embora menos desenvolvidas, anteciparam aquilo que o *Facebook* ampliaria mais tarde com opções de reação, *like*, compartilhamento e comentário.

O rápido crescimento e concentração de usuários no *Facebook* fez com que diversos serviços migrassem para a plataforma, considerando o potencial de engajamento e publicidade que a rede oferece. Sobre isso, a autora Specht (2016) dedicou-se a medir qual era o espaço de opinião preferido pelos usuários, colocando em perspectiva as seções de comentário abaixo das notícias e a página de *Facebook* dos veículos. Para fazer isso, foi comparado durante uma semana os comentários dos usuários diante das mesmas notícias no portal e na *fanpage* do jornal gaúcho Zero Hora. A principal descoberta deste esforço investigativo foi de que o *Facebook* tem preferência em relação aos portais, sendo sinalizado como um possível responsável pelo esvaziamento das seções de comentários dos portais de notícia da web.

Isso indica a força de aderência da rede social entre os usuários da internet. Conforme dito nos primeiros capítulos, o *Facebook* é um grande gerador de engajamento. Dentre todas as possibilidades de reação ao conteúdo, destaca-se o espaços dos comentários, que seriam os mais adequados para coletar as conversações dos brasileiros e argentinos durante o ano eleitoral. Isso se justifica, sobretudo, porque a rede social tem sido uma das mais utilizadas pela população latino-americana. Outro aspecto considerado foi o alto volume de interações registrados diariamente na plataforma, o que tornaria a análise mais rica se comparado ao baixo nível de interatividade nos espaços de comentários de portais de notícia fora da rede social.

A pesquisa de Massuchin e Cervi (2018) mostrou que as publicações sobre política e eleições foram as que mais receberam engajamento em *fanpages* de jornais em 2014. Os autores identificaram, também, que dentre as possibilidades de engajamento, o comentário era o que mais exigia do leitor, já que ele teria que formular algo e tonar público para todos. O fato de o *Facebook* estar engajando os usuários em escala maior que outros espaços de interatividade nos leva a crer, portanto, que a importância econômica contida na plataforma centraliza diversas atividades nesta rede social, geralmente associadas à venda. Ao que tudo indica, as empresas jornalísticas parecem reconhecer uma dimensão disso quando migram seus serviços para este espaço.

No levantamento realizado por Silveira (2015) sobre as publicações compartilhadas no Brasil durante as manifestações populares de 2013, foi identificado que a maior parte das postagens referiam-se à jornais de credibilidade no país, sendo a Folha de S.Paulo (até então ativa no *Facebook*) a página que recebeu mais engajamento. Fatos como esses evidenciam que apesar da concorrência com fontes alternativas de informação, as empresas de comunicação continuam a exercer um papel importante dentro do espaço da internet, assumindo gradativamente novas funções. Essa adaptação tornou-se necessária devido ao crescimento do *Facebook* em larga escala, que é hoje uma das empresas que possui o maior banco de dados sobre interações digitais.

Foi em decorrência disso que optou-se por coletar material registrado em *fanpage* de jornais nessa pesquisa. Primeiro por conta do alto grau de engajamento recebido quando estas se transferem para o *Facebook*. Segundo porque leva-se em conta a expressividade desses veículos de notícia em seus países. Por o objeto ser conversação sobre o tema eleitoral, uma plataforma com alto grau de engajamento não seria suficiente para fornecer as informações exigidas pelo problema de pesquisa. Foi preciso buscar um espaço que oferecesse uma cobertura diária de informação eleitoral. A combinação entre *Facebook* e *fanpages* de jornais supre as necessidades geradas pelo objeto porque ativa as dinâmicas conversacionais em torno do tema político-eleitoral.

Ademais, por se tratar de um estudo comparativo, um fator levado em consideração no momento de escolha das páginas era de que houvessem traços em comum entre as *fanpages*. Isso para que a comparação fizesse sentido metodologicamente. Não deixando de atentar, também, para o fato de que seria impossível encontrar dois jornais com todas as características em comum, principalmente porque trata-se de dois países distintos e também de um trabalho centralizado no tema eleitoral.

Vale ressaltar que os diferentes perfis dos jornais Estado de S. Paulo e Diário Clarín não representam um problema para esta pesquisa, pois o estudo comparativo seria fértil em resultados se os objetos não apresentassem um grau de heterogeneidade. Por o foco ser as conversações, o mais importante aqui seria manter o termo de equivalência praticável, principalmente quanto aos contextos

eleitorais. Nesse caso, o primeiro critério decisivo foi o perfil de cobertura política dos jornais.

A história do jornal Diário Clarín se inicia em 1945, quando o Grupo Clarín é fundado por Roberto Noblé em Buenos Aires. De acordo com Silveira (2014), o Diário Clarín é o principal jornal argentino e está entre um dos maiores jornais de circulação em fala espanhola. Em sua versão de papel, o jornal possui uma tiragem média superior a 550 mil exemplares e mais de dois milhões de leitores diários (Silveira, 2014). Em sua página de *Facebook*, o jornal alcança um número de mais de 6 milhões de curtidas.

Em termos de posicionamento histórico político, é importante lembrar que o jornal posicionou-se ideologicamente de maneira extrema durante alguns episódios da história argentina. Um exemplo disso foi o apoio do jornal ao golpe de estado contra o presidente Juan Perón em 1995, criador do Partido Justicialista². No entanto, Clarín manteve, a princípio, um relacionamento relativamente amistoso com os Kirchners, força política que ganhou importância no país em meados dos anos 2000. A gestão de Nestor Kirchner, iniciada em 2003, não apresentava grandes divergências com relação ao campo midiático. O contexto desta administração foi marcada por indicadores de crescimento econômico, o que garantiu que até as eleições de 2007 as relações com o grupo midiático fossem harmoniosas (Dias, 2015).

Foi a partir do ano de 2008 que o jornal se tornou uma das principais forças de oposição ao governo dos Kirchners, quando Cristina Kirchner é lançada como candidata à presidência. Esse fato gerou assimetria entre os interesses do jornal e Nestor Kirchner, que previa a alternância de poder com sua esposa. A evidência do conflito entre o Grupo Clarín e a base governista dos kirchners ficou clara principalmente em decorrência das determinações de Cristina para o aumento de imposto sobre exportação de grãos.

A medida foi uma forma que o governo encontrou para aproveitar os lucros do setor agrário, que encontrava-se em franca expansão (Dias, 2015). Tal contexto nos mostra que, em acordo com o perfil de trajetória do jornal e os seus interesses

² Para mais detalhes, acessar: <http://laboratorios.ufrj.br/lieri/clarin/>

políticos, o perfil do Diário Clarín vai ao encontro da classe social mais patronal e agrária da Argentina.

O autor Dias (2015), em seu trabalho sobre a implementação da lei reguladora dos meios na Argentina, explica que a trajetória do Grupo Clarín pode ser explicada por duas vias: sob a ótica econômica e sob a ótica social. O que fica evidente no decorrer seu trabalho, porém, é que importaria, principalmente, a relação do governo Kirchner nesses dois quesitos, já que demarcou-se um conflito simbólico entre o grupo e essa base governista.

O contexto de conflito entre os dois foi o que catapultou um processo de transformação no cenário da mídia argentina, já que esse campo midiático representou “um espaço central na gestão de conflitos entre outros campos sociais” (Dias, 2015, p.157). Nesse caso, fica evidente também que o grupo midiático teve importante papel no campo social, intervindo inclusive na ambiência política da Argentina.

Mais recentemente, no que tange as últimas eleições na Argentina, não se deve ignorar o fato de que a divergência entre o Grupo Clarín e Cristina Kirchner decorre, também, da implementação da lei que regulariza os meios audiovisuais na Argentina. Através da ‘*Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual (LSCA)*’, promulgada em 2009, provocou-se um impacto social intenso que terminou por evidenciar o conflito de interesses ligados a grandes empresas, setores políticos e grupos da grande mídia: “La disputa entre el mayor grupo de medios: el Grupo Clarín y el Gobierno de CFK instituyó un espacio dicotómico de división entre el poder corporativo concentrado y el poder de democratización de la expresión” (Di Paolo, 2016, p.2). Essa divisão de opiniões entre os atores sociais sobre a implementação da lei gerou uma tensão que refletia nos discursos produzidos pela imprensa durante esse período.

Em uma análise sobre os discursos circulados na época, realizado por Di Paolo (2016), foi constatado que Diário Clarín evidencia em maior peso os atores políticos que marcavam oposição a sanção do projeto de lei. Entre os nomes mais citados, estava o do candidato Maurício Macri. A autora segue afirmando que o Clarín construiu estratégias enunciativas e jogos retóricos que insistiam na analogia entre o governo de Cristina Kirchner e os governos populares latino-americanos,

semantizando a relação entre mídia e o governo como uma relação de violência e conflito: “se propone una lectura basada en la tensión entre dos cadenas equivalenciales: “privado-experto-libertad de expresión, exterior, medios independientes”, versus “Estado-ineficiente-ideológico-autoritario, nacional, Proyecto k” (Di Paolo, 2016, p.14).

A partir do que foi exposto acima, é possível compreender que o tratamento midiático dado aos candidatos argentinos remontam aspectos de natureza conjuntural. Embora a pauta econômica seja forte na Argentina, conforme discutido no capítulo anterior, existiu também a divergência de interesses mercadológicos entre o grande grupo midiático e a base governista Kichner. Esse fato reforça a importância da discussão sobre a atuação dos veículos informativos na esfera da política, pois é evidente que a construção pejorativa da imagem dos candidatos nos discursos do jornal demarca uma fronteira entre “nós/eles”. Nessa lógica, a cumplicidade entre enunciador e destinatário aciona códigos axiológicos e valores culturais compartilhados entre os setores conservadores que defendem essa construção (Di Paolo, 2014). O contexto eleitoral de 2018 na Argentina, portanto, remonta à acontecimentos políticos anteriores.

Quanto ao Estado de S.Paulo, este é um dos jornais mais antigos do Brasil. Ao contrário do Diálogo Clarín, o jornal uma trajetória mais antiga. Seu surgimento data o ano de 1875, levando o nome de “ A Província de São Paulo”. Ao lado de outros jornais, como O Globo por exemplo, ele é tido como um dos jornais com maior circulação no Brasil. Atualmente o jornal é administrado pelo Grupo Estado, um conglomerado de mídia brasileiro gerido pela família Mesquita. Segundo Nichols (2018), o jornal cresceu no mesmo ritmo que a sua cidade de origem, São Paulo, uma das mais populosas da América Latina, tornando-se uma das mais influentes fontes de informação no país. Atualmente, em sua página de *Facebook*, o jornal alcança mais de 3 milhões de curtidas.

De modo similar ao Diálogo Clarín, o Estado de S. Paulo também teve influência política em seu local de origem. Motta (2017) explica que durante a ditadura militar no Brasil, os principais veículos de mídia do país e as empresas mais tradicionais professavam um liberalismo restrito aos direitos individuais, às instituições e ao livre mercado. Incluso nessa categoria, o jornal Estadão estabeleceu uma relação

contraditória com relação ao golpe de 64, ajudando a legitimar o regime político construído até então: “Mais do que isso, concorreu para a sua construção ao batalhar para que a ditadura se mantivesse nos limites de uma união tensa entre liberalismo e autoritarismo” (Motta, 2017, p.379).

Anos depois, em 2016, em cenário de crise política, o jornal passa a alinhar-se ideologicamente àqueles que desejavam o afastamento da então presidente petista Dilma Rousseff. Na análise dos editoriais publicados na época, realizado pelos pesquisadores Marques, Mon't Alverne e Mitozo (2018), o jornal constrói de maneira sincronizada com o desenrolar do processo de *Impeachment*, a ideia de legitimidade do afastamento de Dilma, sendo esse um tópico em pauta antes mesmo da ação ter início nas arenas institucionais. A justificativa sustentada pelo Estadão gravitava predominantemente em torno da questão econômica, deixando de lado as discussões jurídicas que o processo exigia:

O Estado de S. Paulo traduz uma preocupação clara com a esfera econômica (que se constitui como uma das diretrizes editoriais do periódico), tanto que boa parte das categorias mais recorrentes no periódico tem a ver com a questão da defesa de que o impeachment deveria acontecer. A ideia parece ser a de que o impeachment se mostraria desejável à medida que poderia acarretar melhora na situação econômica – aqui, uma vez mais, deixa-se de lado a consideração acerca das pedaladas fiscais como sustentação do afastamento de Dilma, contrariando o que é possível verificar a partir da postura da FSP (Marques, Mont'Averne, Mitozo, 2018, p. 239).

Essa primazia da preocupação econômica em detrimento dos aspectos do campo político e jurídico ficam bastante evidente não somente no editorial, mas também no ciclo de reportagens publicadas após o Impeachment, intitulado “A reconstrução do Brasil”³. Nelas, é destacável o esforço argumentativo voltado para as soluções que o país deveria buscar com a nova administração, sugerindo corte de gastos públicos e reformas nas legislações.

Tal situação não se configura necessariamente como uma novidade, tendo em vista que desde meados dos anos 2000 o jornal declarava preferência explícita aos candidatos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), na medida em que

³ Para acessar as reportagens, acessar:
<https://www.estadao.com.br/tudo-sobre/a-reconstrucao-do-brasil>

Lula era insistentemente citado pelo jornal com a intenção de dar continuidade a crítica ao governo que se iniciara em 2002 (Aldé, Mendes e Figueiredo, 2007). Tido como um jornal assumidamente político, o Estado de S. Paulo tende a associar-se aos candidatos opositores do Partido dos Trabalhadores.

Na produção de notícias do jornal são notáveis as diferenças de tratamento dos candidatos, onde há uma “amplificação de certos temas negativamente associados a Lula, contraposto à benevolência no tratamento de temas espinhosos relacionados aos seus adversários” (Aldé, Mendes, Figueiredo, 2007, p.170). Para Mundin (2018), essa posição reflete uma necessidade comercial do jornal, que diferencia-se de seu concorrente, Folha de S. Paulo, no que diz respeito ao posicionamento da marca.

O desalinhamento entre o Estado de S. Paulo e o Partido dos Trabalhadores se manteve, em certa medida, também durante a eleição presidencial de 2018. A exemplo disso, temos uma matéria publicada em editorial no dia 8 de outubro, véspera de eleição, cuja manchete reforçava “uma escolha muito difícil” entre Bolsonaro e Haddad⁴. No corpo do texto, o jornal lamenta o fato de, pela primeira vez desde a redemocratização do Brasil, não haver um candidato de centro na etapa final da disputa. Sugere-se, também, que o eleitorado estava deixando de portar-se moderadamente, justificando tal afirmação com a retórica de que o brasileiro tem optado pelos extremos.

É possível perceber que o Estado de S. Paulo toma a liberdade de enfatizar seu descontentamento quanto aos dois candidatos da disputa, produzindo sentidos que sugerem ao leitor referências negativas a respeito das opções de voto para aquele momento. No entanto, chama atenção o fato de que o jornal parece intencionalmente equiparar o radicalismo de Jair Bolsonaro com o de Haddad. Escolha difícil naquele caso seria, então, escolher qual votar, já que ambas as opções eram “extremas demais”. Pelo histórico de preferência eleitoral e o perfil do veículo, parece evidente uma frustração com o desempenho dos outros candidatos em 2018. No entanto, a polarização entre PT e PSDB, tradicional em eleições anteriores, em nada tem a ver

⁴ Editorial acessado através do link:
<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,uma-escolha-muito-dificil,70002538118>

com a radicalização assistida em 2018, conforme foi explicado nos capítulos anteriores.

Ademais, fica evidente, tanto no caso do Estado de S. Paulo quanto no Diário Clarín, que apesar de existir algumas diferenças estruturais, eles portaram-se de modo semelhante no que diz respeito a tópicos político-eleitorais e econômico de seus países. A relevância do elemento contextual dos jornais consiste no argumento de que o jornalismo enquanto instituição exerce uma função histórica, social e política. Mesmo nas eleições de 2018 e 2019, tidas como atípicas se comparadas as suas antecessoras, a cronologia histórica dos veículos informativos nos mostra que determinados comportamentos eram previsíveis, já que ambos possuíam suas preferências eleitorais.

Ainda no que diz respeito a história de origem desses dois jornais, o Clarín, assim como em outros países da América Latina e no próprio Brasil, foi erguido a partir de uma relação convergente entre empresa jornalística e o poder político (Silveira, 2014). É digno de atenção aqui o fato de que o cenário econômico e principalmente o político tiveram papel influente e decisivo na configuração da imprensa desses dois países. Portanto, há algumas aproximações também na própria trajetória fundante dos dois jornais do corpus da pesquisa.

Sabe-se que o advento da internet e o crescimento exponencial em número de usuários no *Facebook* alterou não somente o hábito de consumo de informação das pessoas na rede, já que se compete com fontes alternativas, não necessariamente orientadas pelos critérios de noticiabilidade, mas sobretudo, é evidente o impacto econômico que isso causou na atividade jornalística.

Hoje, raros são os jornais que, como a Folha de S. Paulo, não mantêm um perfil para divulgação na rede social. No caso do Clarín, as matérias são postadas no *Facebook* e possuem acesso livre para todos os usuários. Já o jornal Estado de S. Paulo opta por manter o acesso restrito aos seus assinantes. Nesse caso, a rede social serve mais como ferramenta para captar clientes e gerar engajamento. Por o foco da análise deste trabalho ser os comentários das matérias, isso não representa um problema para a aplicação do estudo comparativo.

O interesse aqui foi o de selecionar dois jornais que tivessem características em comum, que facilitassem a equiparação. Conforme explicado anteriormente, o que o

Clarín e o Estado de S. Paulo possuem em comum é, primeiramente, que ambos são instituições jornalísticas tradicionais, de ampla circulação, que migraram para as plataformas digitais, disputando por fatias de mercado semelhantes. Em segundo lugar, destaca-se o perfil histórico e político de ambos, que pode ser percebido pelo posicionamento e tratamento de imagem dos candidatos.

Conforme será demonstrado no capítulo de análise é possível identificar que a *fanpage* do Clarín publica mais notícias quando comparado ao Estado do S. Paulo. No entanto, as matérias de política competem com outras de perfil mais *soft news*. Ao passo que o jornal Estado de S. Paulo tem um perfil visivelmente mais centrado em *hard News*. Essas diferenças de material são compreensíveis porque a consolidação de ambos como empresas jornalísticas aconteceu por meio de trajetórias distintas. Enquanto o primeiro integra um dos maiores grupos de comunicação da América Latina, o segundo foi um jornal que se iniciou a partir da administração de um grupo de proprietários menor.

Para além da justificativa política, o último e não menos importante ponto em comum que merece destaque entre esses jornais diz respeito a categoria de *quality paper*. Essa classificação acontece em virtude de que, historicamente, a literatura preocupou-se em separar os jornais com perfil sensacionalista dos “jornais de qualidade”. Nichols (2018) afirma que um dos diferenciais desses jornais está ligado aos tipos de leitores pelos quais esses jornais direcionam suas notícias. Outros aspectos também estão relacionados, como estrutura da redação, impacto no debate público e em campanhas eleitorais, bem como índices de circulação. Campos (2004) explica que o conceito de *quality paper* tem origem na literatura anglo-saxônica e é usado para diferenciar os jornais daqueles tido como “periódicos mais populares”. Com isso, quatro pontos os diferenciam, são eles:

- i) mirarem num leitorado pertencente às elites políticas, econômicas e intelectuais, ii) empregarem mão de obra profissionalizada em suas redações, iii) conferirem um espaço relativamente maior ao noticiário político em comparação a outros nichos temáticos e iv) obterem a maior parte de seus lucros da publicidade em suas páginas (Campos, 2004, p. 380).

Por pertencerem a um perfil jornalístico específico, que aproximam Diário Clarín e Estadão, bem como lhes acrescentam credibilidade, a comparabilidade entre ambos

é permitida em razão da influência que ambos possuem para a opinião pública de seus países. Mesmo que os jornais, originalmente impressos, convivam com outras fontes de informação e, portanto, já não pautam os outros veículos midiáticos como em tempos anteriores, a expressividade de acesso e comentários que são registrados em suas notícias mostram a aderência que estes ainda possuem entre a população. Por fim, com a descrição dos jornais já realizadas, o próximo capítulo apresentará o percurso metodológico e as discussões dos resultados.

4.2 Estratégia metodológica: análise de conteúdo comparativa e lexicometria automatizada

A presente seção é responsável por descrever quais foram os procedimentos adotados para trabalhar os dados da pesquisa. A fase empírica da dissertação se realizou a partir da análise de conteúdo quantitativa dos comentários postados em matérias de cobertura eleitoral da *fanpage* do jornal Estado de S. Paulo durante a disputa presidencial de 2018; e da *fanpage* do jornal Diário Clarín durante a cobertura eleitoral de 2019. Esta fase quantitativa esteve atrelada à raspagem dos dados via auxílio de software para, posteriormente, integrar a parte que é também qualitativa, envolvendo o método estatístico de lexicometria.

No entanto, levando em conta que esta pesquisa tem por fio condutor a comparação entre os dois objetos de estudo, conversadores do Brasil e Argentina, é importante salientar que os resultados dos procedimentos quanti-qualitativos estão amarrados à uma interpretação essencialmente qualitativa, que só seria possível com o suporte do material teórico e seus elementos norteadores. Isso porque é por meio da literatura científica que os conteúdos finais ganham significado e sentido dentro de um dado contexto político e eleitoral, conforme foi esmiuçado nos capítulos anteriores.

De acordo com Wirth e Kolb (2009) a discussão sobre métodos comparativos no campo da comunicação está atrasada em relação as outras disciplinas da grande área das ciências sociais aplicadas, como na ciência política, sociologia e psicologia, por exemplo. "A metodologia de comparações culturais nas

ciências sociais foi desenvolvida por várias disciplinas ao mesmo tempo. Surpreendentemente, a correspondência dos resultados entre as disciplinas tem sido muito limitada” (Wirth, Kolb, 2009, p.107). Por sua vez, essa situação indica, também, uma falta de conhecimento compartilhado entre essas disciplinas, o que reforça a importância da orientação teórica e do uso atento dos fatores de contexto durante a aplicação de um estudo comparativo, como faz este trabalho.

No caso de Brasil e Argentina, existe a presença de elementos de contexto político e social que se relacionam e que nos permitem coloca-los em equivalência sem perder no horizonte as pequenas nuances que os diferenciam e que enriquecem os resultados. Por ser sabido que as tecnologias de informação e o uso das redes sociais crescem de maneira díspar ao redor do mundo, em função das diferenças políticas nacionais e dos próprios meios adotados (Cárdenas, Ballesteros, Jara, 2017), os momentos eleitorais de Brasil e Argentina nos levam a crer que os discursos circulados nos espaços de conversação acionaram vocabulários específicos, influenciados pelos diferentes apropriações das redes sociais na América Latina.

O fato de já ter sido identificado pela literatura que países europeus e países latino-americanos fazem diferentes usos de campanha digital, justificando isso em razão das estruturas tecnológicas e da própria cultura política, seria relevante estabelecer um objetivo de pesquisa que esteja centrado no propósito de estabelecer quais são as similaridades e diferenças entre as conversações eleitorais nos espaços de conversação online dos países estudados. Ademais, o estudo comparativo como parte integrante da metodologia aqui aplicada nos oferece um novo prisma de leitura do fenômeno do uso das redes sociais para fins políticos e eleitorais, principalmente porque leva em consideração o ineditismo dos estudos que tomam as conversações como objeto de investigação.

Outro aspecto que deve ser elencado é o fato de que, apesar existirem trabalhos científicos na área da comunicação política esmiuçando como latino-americanos utilizam as redes sociais, tanto na realização da campanha política quanto na interação, o esforço aqui é diferenciar-se no sentido de acrescentar uma outra interpretação do fenômeno, que revelaria quais são características de conversadores brasileiros e argentinos quando colocados em perspectiva

comparativa. Leva-se em conta que precisamente as eleições dos anos de 2018 e 2019 manifestaram elementos de novidade para a conjuntura política desses dois países, o que permite que o comparativo seja um método investigativo pertinente para alcançar os objetivos dessa pesquisa.

Os autores Gurevitch e Blumer (2004) afirmam que o ponto central da qualidade da pesquisa comparativa é que ela pode variar não apenas no aspecto científico, mas também na capacidade de “revelar aspectos fundamentais e amplamente influentes sobre as características das estruturas e culturas das sociedades que estão sendo examinadas” (Guvertich, Blumer, 2004 p.325). Nesse caso, acredita-se que características específicas dos anos eleitorais de 2018 e 2019 no Brasil e Argentina remetem comportamentos políticos e a formação de discursos específicos que particularizam o momento político desses dois países.

Além disso, quando posta em perspectiva comparativa a análise torna-se mais rica porque facilita compor resultados que dialogam em conjunto com outras pesquisas empíricas envolvendo países latino-americanos. Mesmo que no caso deste trabalho específico se reconheça, em acordo com o material teórico, que os comentadores não possuem algum tipo de princípio deliberativo, é identificável que existem variáveis de contexto que influenciam na forma com que brasileiros e argentinos manejam as redes sociais para comentar sobre eleições. Os discursos que circularam no espaço de conversação do *Facebook* são relacionados pelas pautas e necessidades políticas que surgiram nos países, e cada estética de campanha influencia de maneira particular na maneira como os conversadores demarcam posicionamentos, por exemplo.

Nesse caso, nos estudos que apoiam-se em elementos contextuais, a análise fica aberta para explicações alternativas, muitas vezes levando a maiores avanços teóricos, já que se compreende que uma maior riqueza de dados advém das diferenças culturais e históricas de cada lugar. Por ser de conhecimento que poucos trabalhos dedicam esforços comparativos em suas fases empíricas, olhar para os conversadores brasileiros e argentinos oferece um novo prisma de leitura para o campo da comunicação e política. Isso levando em consideração os aspectos já descobertos e mencionados em outras literaturas, pois a produção de dados que não se orienta a partir dos seus pares científicos correria o risco de desconsiderar fatores

de contexto e, conseqüentemente, se limitaria apenas a descrever diferenças e semelhanças entre os objetos envolvidos na análise (Wirth, Kolb, 2009).

Uma das vantagens que existe atualmente, entre tantos outros, é que o uso da internet torna mais fácil o acesso a dados de diferentes locais sem que o pesquisador necessariamente precise se deslocar. A maior dificuldade em adotar um procedimento que envolva redes sociais seria a padronização, considerando o alto volume de informação que as bases oferecem. Por o atual trabalho intencionar a comparação entre dois países distintos, se fez necessário utilizar de ferramentas que facilitassem tanto na adaptação linguística dos instrumentos, quanto na viabilização tecnológica para condensar em planilhas os dados retirados de todas as conversas publicadas em matérias eleitorais durante o período de campanha.

Por isso, a ideia de automatizar uma análise de conteúdo padronizada se justifica pela expressividade da amostragem, que integra numerosos volumes de dados sobre as interações na rede social em questão. Isso permite com que o pesquisador mensure o material e identifique padrões estatísticos em um corpus extenso, entendendo que essas informações são representativas em sua totalidade, úteis para o exercício de posteriores correlações, que seriam inapreciáveis a olho nu, já que o quantitativismo é um conjunto de técnicas que, se aplicadas adequadamente, “permite relacionar descobertas sobre padrões de comportamento social com implicações nas teorias sociais já existentes” (Cervi, 2017, p. 9).

A partir deste ponto, essa investigação se desenvolve nos moldes da proposta metodológica presente no manual de métodos quantitativos de Cervi (2018), cuja finalidade é orientar as análises de conteúdo que tomam por objeto de estudo os textos originados em redes sociais online, bem como elucidar aspectos da mineração de dados via software estatístico. Para o autor, a análise de redes sociais é uma técnica aplicada em pesquisas empíricas que medem níveis de interação entre indivíduos e atores políticos no espaço das redes sociais. “O ponto forte da técnica de análise de redes sociais é permitir uma superação da dicotomia macro x micro. Nela, o objetivo é estudar como os atores políticos se organizam de modo relacional tanto entre si quanto em um ambiente maior” (Cervi, p. 130, 2019).

Essa pesquisa, portanto, investiga como conversadores sobre o tema eleitoral interagem entre si estando dentro da extensa estrutura de comentários

disponibilizada pela rede social. O ponto forte da questão é compreender, com auxílio da teoria social e política, aspectos comuns das conversas sobre o tema eleitoral publicadas durante a cobertura eleitoral, sobretudo porque entende-se que há diferenças comportamentais quando estas conversas são transpostas do espaço físico para o meio online.

O método científico pelo qual esta proposta se desenvolve consiste na coleta de informações através de técnicas computacionais, com a finalidade de oferecer um resultado que tente, ao máximo, ser objetivo, evitando as distorções. Por o *Facebook* registrar diariamente um número alto de informações, permitindo um fluxo de interação instantâneo, a raspagem dos comentários deve ser automatizada para que a captação das mensagens seja o mais uniforme possível durante o período da coleta.

Para além da precisão na raspagem, a pesquisa quantitativa automatizada também possibilita projetar os resultados e auxiliar na análise comparativa. Conforme explica o autor Cervi (2017), a melhor técnica de pesquisa é aquela que se adequa às exigências específicas do objeto de pesquisa a ser estudado:

É preciso evitar duas armadilhas principais. A primeira é o excesso de quantitativismo, que não raras vezes transforma a ferramenta estatística, que deveria servir como forma de acesso à realidade social, em finalidade última da pesquisa empírica. A segunda é o debate estéril entre quantitativista e qualitativistas que procura, indefinidamente, identificar a melhor técnica de pesquisa entre as duas. Esse debate não produzirá nenhum resultado porque ele desconsidera solenemente que os métodos de pesquisa só existem em função de um objeto de análise, sem o quê perdem qualquer sentido(Cervi, 2017, p.195).

Em síntese, o método quantitativo aqui seria um caminho para se chegar a um resultado específico, relacionando conceitos para evidenciar dados de um caso de estudo específico, bem como para quantificar qualidades (Cervi, 2017). Nesse sentido, o objetivo é analisar e categorizar as informações contidas nos comentários dos conversadores brasileiros e argentinos, bem como comparar os discursos político-eleitorais utilizados pelos conversadores. Isso só é possível com o auxílio da

literatura, que previamente compartilha as características da conversação política transferida para os espaços online.

Portanto, os principais pontos de investigação desta pesquisa dizem respeito às conversações políticas presentes nos comentários dos leitores, considerando o grau de relação com as questões de conhecimento sobre o tema que já foram levantadas na literatura sobre conversações e redes sociais online.

Como a ideia é analisar como são distribuídos os termos mais relevantes estatisticamente dentro do corpus de conversas sobre o tema eleitoral no *Facebook*, foi necessário recorrer ao uso de software para aplicação da análise de lexicometria, que integra o método de análise quanti-qualitativo automatizado. Tal escolha se dá em virtude da grande quantidade de textos enunciadas em alta velocidade e escala e por sujeitos diversos. Por o corpus ser extenso e agregar informações diárias, a lexicometria foi uma solução encontrada para se pudesse fazer generalizações sobre os textos publicados na rede.

A lexicometria tem origem no campo da linguística e é um sistema de análise estatística recomendado para auxiliar as investigações metodológicas que trabalham com corpos verbais, que podem ser oriundos de entrevistas, redes sociais e afins. De acordo com Conde (2015), uma crescente ocorrência e disseminação de termos pode ser rastreada e descrita dentro de um panorama linguístico-textual, que se liga a efeitos de sentido. Isso também facilita a compreensão de como relações de sentido se conectam à determinadas manifestações discursivas.

A principal função da aplicação do método de lexicometria é tratar dados textuais, e portanto qualitativos, a partir da estatística, combinando elementos lexicais de um corpus previamente definido, com o objetivo de “traçar a trajetória do discurso, por operações conhecidas e controladas, seja balizada, e a topologia e a combinatória dos elementos lexicais do corpus caracterizadas” (Damasceno, 2008 p.1116). Tal técnica é relevante porque permite captar dados implícitos e co-relações de palavras registradas em um corpus textual.

No caso dos conversadores brasileiros e argentinos, a submissão de seus enunciados ao teste estatístico facilita a visualização da ocorrência de termos estatisticamente relevantes e em como estas palavras integram padrões de dependência entre si. Em outras palavras, a base de lexicometria nos mostra como

os termos mais utilizados pelos conversadores tendem a aparecer relacionados a outros em específico, definindo padrões ou desvios esperados dentro de classes de palavras; o que por vez facilita o agrupamento e o processamento dos numerosos textos gerados na rede social do *Facebook*.

Na pesquisa elaborada por Sindorski (2020), cuja aplicação do método objetiva medir as conversações sobre maioridade penal na internet, a autora defende que a aplicação da lexicometria funciona adequadamente em corpus extensos, porque possibilita a extração do que se chama por “medula do texto”, indicando as suas questões centrais que emergem do material, bem como a verificação de sua evolução a partir das fontes e dos meses analisados. A autora segue afirmando que, embora boa parte das pesquisas que desenvolvem esse tipo de análise no Brasil estejam centrados na área da saúde, alguns esforços tem sido feitos na área das Ciências Sociais, o que representa, nesse caso, uma novidade ao campo da Comunicação, que dá seus primeiros passos com relação à lexicometria automatizada⁵.

As ferramentas de computação desenvolvidas para facilitar a aplicação metodológica de lexicometria mais famosas são o *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*), concebido pelo pesquisador francês Max Reinert; e o *software* livre Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), pensado inicialmente por Pierre Ratinaud. Este último, também baseado no método de classificação de Reinert, conta com outras possibilidades de análise que seu antecessor Alceste não contém. Porém, para este trabalho específico, os dados foram minerados com auxílio do pacote *Rainette*⁶, devido à dificuldade causada pela instabilidade do Iramuteq, bem como nas limitações identificadas, principalmente no que diz respeito a sua incompatibilidade com as versões mais recentes do *software* R.

⁵ Existe hoje um domínio considerável de pesquisas fora do Brasil que utilizam a Lexicometria. Tais trabalhos podem ser encontrados nos seguintes sites: <http://lexicomtrica.univ-paris3.fr/>; <http://syled.univ-paris3.fr/cla2t-projets.html>

⁶ O site do pacote pode ser encontrado em: <https://juba.github.io/rainette/>.

O *rainette* é uma implementação em pacote R do algoritmo de agrupamento textual proposto por Reinert (1993)⁷. Tal método, também conhecido como sistema de “Classificação Hierárquica Descendente” (CHD), é responsável pela classificação de segmentos de um texto em função de seus vocabulários e na busca por similaridades de palavras. Esse tipo de análise permite integrar em classes ou grupos termos que são estatisticamente relevantes de acordo com o contexto das classes lexicais (Camargo, Justo, 2013). A aplicação do algoritmo, portanto, é orientada pelo objetivo de medir a proximidade das palavras que compõem um léxico textual.

O método da lexicometria é, geralmente, automatizado porque o algoritmo é capaz de segmentar os textos em função dos vocabulários que o compõem. Por vez, essas classes são organizadas de acordo com um vocabulário de palavras semelhantes entre si, agrupadas desta maneira justamente porque se identifica uma diferença de ocorrência entre palavras de diferentes classes. Isto é, as palavras agrupadas em um determinado grupo *x* tem relação de uso dentro do contexto temático do grupo *x*, que é diferente do grupo *y*, porque este associa-se à correspondência de outros termos, utilizados em um contexto diferente se comparado à *X*.

O uso do método é relevante para o exercício da atual pesquisa porque permite visualizar como determinados temas são representados estatisticamente dentro do corpus. Como o interesse é analisar sob o ângulo comparativo as conversações online de brasileiros e argentinos, a formação de classes lexicais oferecidas pela Classificação Hierárquica Descendente nos ajuda a compreender como a recorrência de determinadas palavras, relacionadas entre si, são identificadas a partir de eixos temáticos específicos de conversadores.

Pela visualização destas palavras e observando como as classes diferem entre si, é possível obter informações a respeito de como o tema da disputa eleitoral é representado nas páginas de *Facebook* que servem de suporte para os comentários. Ao olhar as classes da fanpage brasileira e argentina, podemos perceber as diferenças dos vocabulários acionados pelos comentadores e aferir sobre possíveis usos mais ou menos agressivos, por exemplo.

⁷ Detalhes sobre o funcionamento do algoritmo podem ser encontrados através do link: https://juba.github.io/rainette/articles/introduction_en.html

Embora a presença ou ausência de palavras não nos autorize a avaliar aspectos de natureza qualitativa em profundidade, o simples fato de determinadas palavras estarem mais próximas ou distantes umas das outras em um contexto/classe nos diz como determinadas estéticas discursivas eram acionadas por grupos lexicais específicos. Para além disso, e de modo complementar, o método nos permite aferir sobre quais termos léxicos definiram as disputas eleitorais dentro do universo dos conversadores no *Facebook*.

Cabe ressaltar, por fim, que os *softwares* não se enquadram como as técnicas de análise e seus s relatórios em si não são a análise dos dados. Este é apenas um caminho facilitador para atender aos objetivos propostos pela pesquisa, onde são feitos cálculos estatísticos em cima de variáveis estritamente qualitativas que, portanto, compõem um conteúdo simbólico produzido – os textos (Camargo; Justo, 2013). Desta forma, entendemos que há informações que não são diretamente expressas a partir dos dados estatísticos, exigindo do pesquisador a faculdade de assimilar as mensagens e o contexto das relações que estas implicam no discurso.

Acredita-se, nesse caso, que compreender como os principais termos utilizados na conversação dos comentadores brasileiros e argentinos, a partir da lexicometria, fornecerá novas contribuições para os estudos sobre eleições e redes sociais na área da comunicação política, principalmente pelo viés comparativo, que depende essencialmente do pesquisador e o grau de conhecimento prévio oferecido pela literatura de base.

4.2.1 Considerações sobre a coleta e operacionalização dos dados

Este tópico tem por finalidade esclarecer ao leitor quais foram as etapas percorridas para a aplicação das técnicas que integram a fase empírica e metodológica da pesquisa. Conforme dito anteriormente, pela natureza extensa do corpus textual aqui utilizado, e também pelas características das redes sociais online, este trabalho contou com o auxílio de softwares estatísticos para a automatização de algumas fases desta etapa investigativa.

Nesse sentido, a fase empírica/metodológica da pesquisa está dividida da seguinte maneira: A primeira fase esteve voltada exclusivamente para a coleta do material. Em seguida, na fase de tratamento do corpus textual, os comentários foram

extraídos e compilados em planilha para a preparação do banco. A terceira etapa contou com a rodagem dos dados e geração dos gráficos e tabelas que servirão de material de análise comparativa.

Na fanpage do jornal *Diário Clarín*, foi feita uma filtragem manual de todas as matérias que se enquadravam como cobertura eleitoral. Importante ressaltar aqui que o que orientou essa seleção foi a leitura dos títulos das matérias. Optou-se por um monitoramento seletivo das notícias devido ao recorte eleitoral pré-orientado que sustenta a pesquisa, não interessando, desta forma, conversações que não atendam ao teor político proposto para este trabalho. Também, pensa-se que, justamente por existir um foco temático em específico, não haveria necessidade de ler as notícias em sua completude, já que se trata de um trabalho sobre conversadores no *Facebook*, sendo essa a fonte de informação principal da análise.

Com relação a *fanpage* do jornal Estado de S. Paulo, o levantamento das matérias foi feito com auxílio da ferramenta *Netvizz* disponibilizada na plataforma do *Facebook*. Esta era uma extensão da rede social que possibilitava a extração de dados públicos contidos na plataforma, como por exemplo informações sobre o nível de engajamento em posts, medidos por número de comentários, reações e compartilhamentos. Como o aplicativo não permitiu uma filtragem por termos específicos, foi necessário um ato posterior de filtragem das matérias da planilha gerada pelo *Netvizz* que abordavam exclusivamente o tema eleitoral de 2018. Por a compilação em planilha reunir todas as informações em um documento de fácil visualização, não foi necessário fazer um acompanhamento diário da página, como foi feito na *fanpage* argentina.

A diferença de coleta inicial entre os dois objetos se deu em razão da nova política adotada pela empresa do *Facebook*, que restringiu o acesso aos dados com o fechamento da sua API (Interface de Programação de Aplicação), o que tornou-se uma barreira para as pesquisas acadêmicas independentes, como é o caso desta, que não compõem a miríade de grupos de pesquisa que trabalham em parceria corporativa com a plataforma. Os dados relacionados a campanha eleitoral brasileira foram coletados em cooperação pela equipe de pesquisadores grupo de pesquisa Comunicação Política e Opinião Pública (Cpop – UFPR), no qual a autora faz parte.

Por o Netvizz ter seu funcionamento interrompido no ano de 2019, somente o jornal argentino ficou restrito a seleção manual dos links das notícias.

O período de coleta no Brasil compreendeu os meses de julho até o dia das eleições do segundo turno, em outubro de 2018. Na Argentina, o procedimento, iniciado também em julho, terminou dia 27 de outubro de 2019. Tais datas foram definidas de modo a contemplar a coleta das matérias publicadas durante a cobertura eleitoral dos dois países, passando pelo início das campanhas até os últimos dias de votação de segundo turno. A escolha em acompanhar todos os meses da disputa eleitoral foi importante para que se pudesse acompanhar o fluxo e a média das interações dos usuários mensalmente.

Após o recolhimento dos *links* das notícias do Diário Clarín, utilizamos como ferramenta um *webscraper*⁸, gerado partir de um *script*, recurso que foi desenvolvido em linguagem Python⁹ para a raspagem e mineração automatizada dos comentários publicados nos links dessas matérias da *fanpage* dos jornal. No jornal brasileiro os comentários foram cedidos via *Netvizz*. A única diferença, portanto, foi que o jornal argentino contou com uma atividade prévia de seleção manual.

A terceira etapa contou com a preparação do banco de dados para a posterior codificação e comparação dos resultados estatísticos, na fase interpretativa da análise de conteúdo. Esse passo consiste basicamente na transformação das planilhas geradas automaticamente em corpus para leitura e rodagem pelo algoritmo de aplicação da lexicometria. Para isto, escolhemos o *software* estatístico de criação livre chamado Rstudio (*software* livre integrado em linguagem R para o desenvolvimento de gráficos e cálculos estatísticos) devido às possibilidades que ele oferece para análises textuais, bem como as facilidades de operacionalização dos dados. Nele, o material resultou na forma adequada para a aplicação do pacote Rainette, que implementa a variante do método de Reinert, ou Classificação Hierárquica Descendente.

Portanto, para fazer esse processamento do banco de dados, primeiramente foi preciso tratar as planilhas geradas durante o procedimento de raspagem. Após isso,

⁸ Técnica de extração de dados na web feita através de um software.

⁹ Linguagem específica de programação

criou-se duas variáveis: post e mês. Com as correções e distribuições já feitas, foi necessário adequar o banco para rodagem em linguagem em R. Nisso, utilizou-se o pacote *quanteda*¹⁰ para transformar o banco em *data frame matrix*. Essa função permitiu a remoção das *stopwords*. As *stopwords* são palavras ausentes de significado e que aparecem repetidamente no corpus. É importante que estes artifícios sejam identificados e retirados porque por serem comuns na língua, eles se repetiriam com muita frequência, mas não adicionam nenhuma informação relevante para a análise-- e até enviesariam o resultado final de lexicometria. Um exemplo de stopwords seriam “essa; isso, rs” etc.

Vale destacar, também, outra habilidade permitida pelo *quanteda*, que foi a conversão de todo o documento em palavras minúsculas, levando em conta que “PT”, em maiúsculo, e “pt” minúsculo, por exemplo, significam coisas diferentes para o leitor de dados computadorizado. Por conta disso, foi removido todos os casos que apareciam menos que dez vezes no banco, já que estas seriam palavras que não fariam sentido na análise, principalmente considerando a totalidade do corpus, que é extensa.

O procedimento subsequente à operacionalização do banco de dados foi a aplicação do pacote *Rainette*, que permitiu implementar o método de agrupamento textual Reinert. Nesta função foram configuradas cinco classes com no mínimo 20 palavras por grupo. O universo de dados a ser analisado conta com um total de 904.160 comentários retirados das duas *fanpages* escolhidas para análise.

O passo seguinte de análise do material gerado conta a interpretação das classes geradas via Classificação Hierárquica Descendente. Conforme dito anteriormente, o dendograma gerado pelo algoritmo permite que o pesquisador visualize as palavras que obtiveram o maior percentual de frequência média entre elas e também da diferença entre essas palavras. Essas classes de palavras são geradas de acordo com as suas ocorrências dentro do corpus, suas raízes de classificação e a relação entre essas classes, resultando na criação de um dicionário com formas reduzidas através do teste do qui-quadrado (Souza, Wall, Thuler, Lowen, Peres, 2018).

¹⁰ indicado para processamento automatizado de discursos

De acordo com Sindovski (2020), a categorização funciona porque a presença dos termos apresentadas pela Classificação Hierárquica Descendente são a característica de cada um dos grupos, algo que só é alcançado através da aplicação do teste estatístico do qui-quadrado de Pearson. O teste é aplicado para que medir o quão provável seria que uma diferença identificada em um dado categórico tenha ocorrido de modo acidental ou ocasional. Nesse caso, o software retira o viés do pesquisador e deixa com que o software atue orientado exclusivamente pela aplicação técnica dos critérios de co-ocorrência de palavras e seus contextos dentro dos sistemas. Por fim, como análise complementar, aplicaremos dois pacotes via R: Structural Topic Model (STM) e quanteda. Eles oferecerão os tópicos estruturados e a matriz de co-ocorrência dos corpus.

Em acordo com o exposto, a análise deste trabalho será constantemente atravessada pela interpretação comparativa dos resultados obtidos pela CHD. Conforme esclarecem os autores Sindovski (2020) e Camargo e Justo (2013) os relatórios oferecidos pelos programas não devem ser considerados a etapa final da pesquisa, pois os softwares são automáticos e desprovidos da capacidade de atribuir significados: “A interpretação de seus contextos e sentidos e a exploração das nuances do material é de responsabilidade do pesquisador” (Sindovski, 2020, p.65). No próximo tópico, serão apresentadas as categorias de análise e interpretação dos resultados.

4.3 Apresentação dos resultados

Esta seção é responsável pela apresentação dos resultados empíricos obtidos pela rodagem dos dados da pesquisa. Optou-se, primeiramente, por realizar um esforço inicial descritivo, demonstrando numericamente questões referentes às frequências simples. Dessa forma, os dados mais gerais serão apresentados antes e, após esse panorama, traremos os resultados mais aprofundados sobre a aplicação da lexicometria nos bancos do Brasil e Argentina, que serão discutidos de modo comparativo posteriormente.

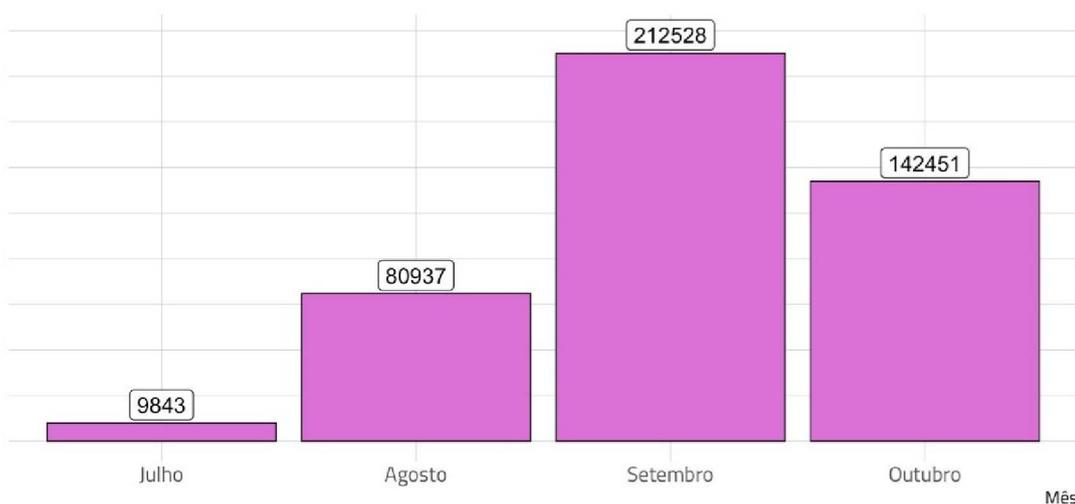
4.3.1 Resultados gerais

O primeiro dado aqui apresentado é sobre o fluxo de postagem de conteúdo da *fanpage do jornal brasileiro, Estado de S. Paulo*. O gráfico a seguir nos mostra como os comentários foram distribuídos entre os meses de julho a outubro durante a cobertura eleitoral no país.

Gráfico 1 – Número de comentários distribuídos por mês no Estado de S. Paulo

Número de comentários por mês

N'O Estado de São Paulo



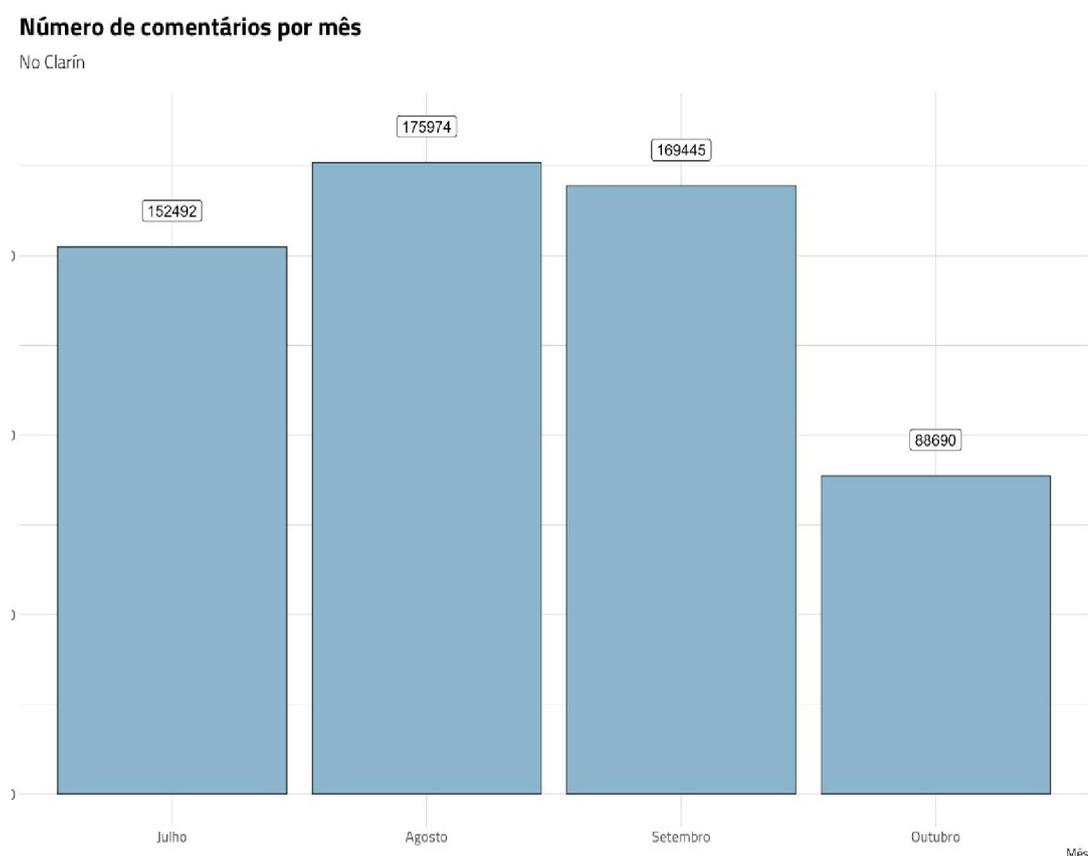
Fonte: autora (2021)

O gráfico 1 nos mostra que, conforme naturalmente esperado, os meses de setembro e outubro possuem um número maior de postagens e comentários. É válido ressaltar que este resultado diz respeito apenas as matérias que se configuravam como eleitorais. Conforme explicamos no capítulo responsável pelo percurso metodológico da pesquisa, os resultados são apresentados a partir do recorte temático eleitoral.

O mês de setembro, que teve o maior ritmo de postagem e, conseqüentemente, de comentários, era o mês mais próximo da data das eleições, que ocorreram no dia 7 de outubro de 2018. O segundo turno aconteceu no dia 28 de outubro, restando apenas 21 dias de cobertura, enquanto que setembro contava com 9 dias a mais. Dessa forma, no mês de julho, a *fanpage* do Estado de S. Paulo publicou 31 matérias eleitorais, seguido por 48 posts no mês de agosto, 98 em setembro e 77 em outubro. O total de posts sobre cobertura eleitoral foi de 254 links. Pelo que se pode perceber, os comentários foram distribuídos de maneira uniforme, em acordo com a quantidade de postagens do jornal. A soma dos comentários resulta em 445.759.

Isso se explica porque são períodos mais próximos das datas de votação, o que por consequência motiva uma cobertura maior dos jornais e uma maior atenção dos cidadãos também. A seguir, apresentamos a tabela referente ao número de comentários do banco de dados do jornal Diário Clarín no *Facebook*:

Gráfico 2 – Número de comentários distribuídos por mês no Diário Clarín



Na Argentina, as PASO (Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias) aconteceram no dia 11 de agosto de 2019 e foram responsáveis por definir quais seriam os candidatos que iriam competir em outubro. Esse momento é importante no país porque além de definir quais partidos poderão participar da eleição, ele também oferece um panorama das intenções de voto dos argentinos.

De modo particular, a página de Facebook do Clarín teve o ritmo desacelerado no mês de outubro. Isso pode ter relação com o cronograma eleitoral do país, que desde o dia 12 de junho já estava formando as coligações eleitorais. O mês de agosto teve o maior fluxo de publicações e comentários porque é nesse período que aconteceu as eleições internas das coligações para a definição dos candidatos. Tradicionalmente na política argentina, essa data é importante porque aponta os resultados preliminares das eleições.

No ano de 2019 especificamente, a chapa de oposição ao então presidente, Maurício Macri, formada entre Alberto Fernández e a ex-mandatária Cristina Kirchner havia surpreendido com larga vitória. Os dados que sinalizavam a vitória da dupla já em primeiro turno causaram uma movimentação maior especialmente durante o mês de agosto.

Quanto aos meses de setembro e outubro, a mesma lógica aplicada ao Estado de S. Paulo é válida aqui, na medida em que setembro precedia o mês de votação e, portanto, é quando as campanhas eleitorais e a imagem dos candidatos ganham maior destaque entre os noticiários. O interessante aqui é observar que os acontecimentos que precedem o mês das eleições de fato na Argentina parecem ser mais intensos do que o mês de outubro, onde acontecem os dois debates presidenciais obrigatórios.

É importante explicar aqui que, por a coleta do Diário Clarín ter sido executada inicialmente via *netvizz* e posteriormente por raspagem de dados em *webscraping*, não será possível detalhar esses números de posts separadamente por mês. Lembrando que o total de links raspados na página de *Facebook* do Clarín foi de

1092 matérias eleitorais, gerando 1346 comentários que forneceram o material de análise.

O gráfico 2 nos mostra que o Diário Clarín manteve um número de publicações bastante superior ao Estado de S. Paulo, com uma diferença de 838 matérias, mais que o triplo do jornal brasileiro. Outra diferença interessante está no fato de que os meses de agosto e setembro foram os mais aproveitados pelo jornal. Isso pode ser explicado pela diferença entre os dois sistemas eleitorais, que possuem calendários diferentes. Como explicado anteriormente, as eleições primárias na Argentina são importantes porque indicam os potenciais candidatos eleitos. No Brasil, não existe prévia. Por isso os eleitores se baseiam nas pesquisas eleitorais feitas pelos órgãos oficiais de pesquisa de intenção de voto.

Para saber quais foram os termos que apareceram em maior recorrência em todos comentários, foi preciso gerar a nuvem de palavras dos comentaristas argentinos e brasileiros. Esta ferramenta é útil aqui porque nos oferece uma perspectiva macro de tudo que foi publicado na seção dos comentários do *Facebook* durante a cobertura das eleições. Dessa forma, a figura a seguir traz uma representação visual hierarquizada e proporcional dos itens mais citados ao longo do período.

Figura 1 - Nuvem de palavras gerada pelos comentaristas do Estado de S. Paulo

presença de termos como “B17”, “Haddad” e “Ciro” em grande proporção dentro da nuvem nos mostram os espaços de comentário eram utilizados com a finalidade de manifestar preferência de voto ou endosso ao candidato.

Durante o período da coleta dos links, percebeu-se que em muitos casos, o comentador publicava em grande quantidade e repetidamente o mesmo conteúdo, de forma que “b17” e “pt”, por exemplo, apareciam sempre no topo da lista de comentários, fazendo com que os outros comentários ficassem menos visíveis. Isso também tem a ver com a tese de Mouffe (2005), quando afirma que articulações hegemônicas se desenvolvem sempre em uma arena de conflito.

Tal arena é permeada de antagonismos, de modo que a política estaria fundamentalmente associada ao conflito. Por a internet não ser exatamente um canal democrático de expressão das diferenças, criam-se polos de divergência ainda mais discrepantes. O que aparenta acontecer no caso brasileiro, é que adversário ou o comentador que divulga o candidato de oposição deve desaparecer ou ser anulado naquele espaço.

Quanto aos outros termos que aparecem em menor proporção, é válido destacar alguns adjetivos que chamam atenção. Em verde temos as palavras que associam mais ao polo “B17”, que faz referência ao candidato Jair Bolsonaro. Neste grupo, vemos termos como ‘Haddad’; “PT” “urnas fraudadas”; “Venezuela”; “mito”; “covarde”; “mariele”; “faca”, “elenão”; “caixa2 do bolsonaro” e “fascismo”, por exemplo. Ao passo que em azul apareceram as palavras “bandido”; “tucano”; “coroné”; “presidente”; “estado livre”; “moro”; “preso” e “lula”. Esses termos estavam mais próximos do polo “2018 Ciro”, fazendo referência ao candidato Ciro Gomes.

As palavras acima nos mostram que muitos dos comentários acompanhavam as correntes de notícias polêmicas que circularam em outros suportes, a exemplo do *WhatsApp*, como é o caso da palavra “Venezuela”, tópico bastante discutido entre uma parte dos eleitores, que alertavam os riscos de o governo de Haddad gerar uma crise econômica no Brasil tão grave quanto aquela que acontece no país fronteiriço¹¹. Este e outros termos contribuíram para a construção de sentidos que tornavam

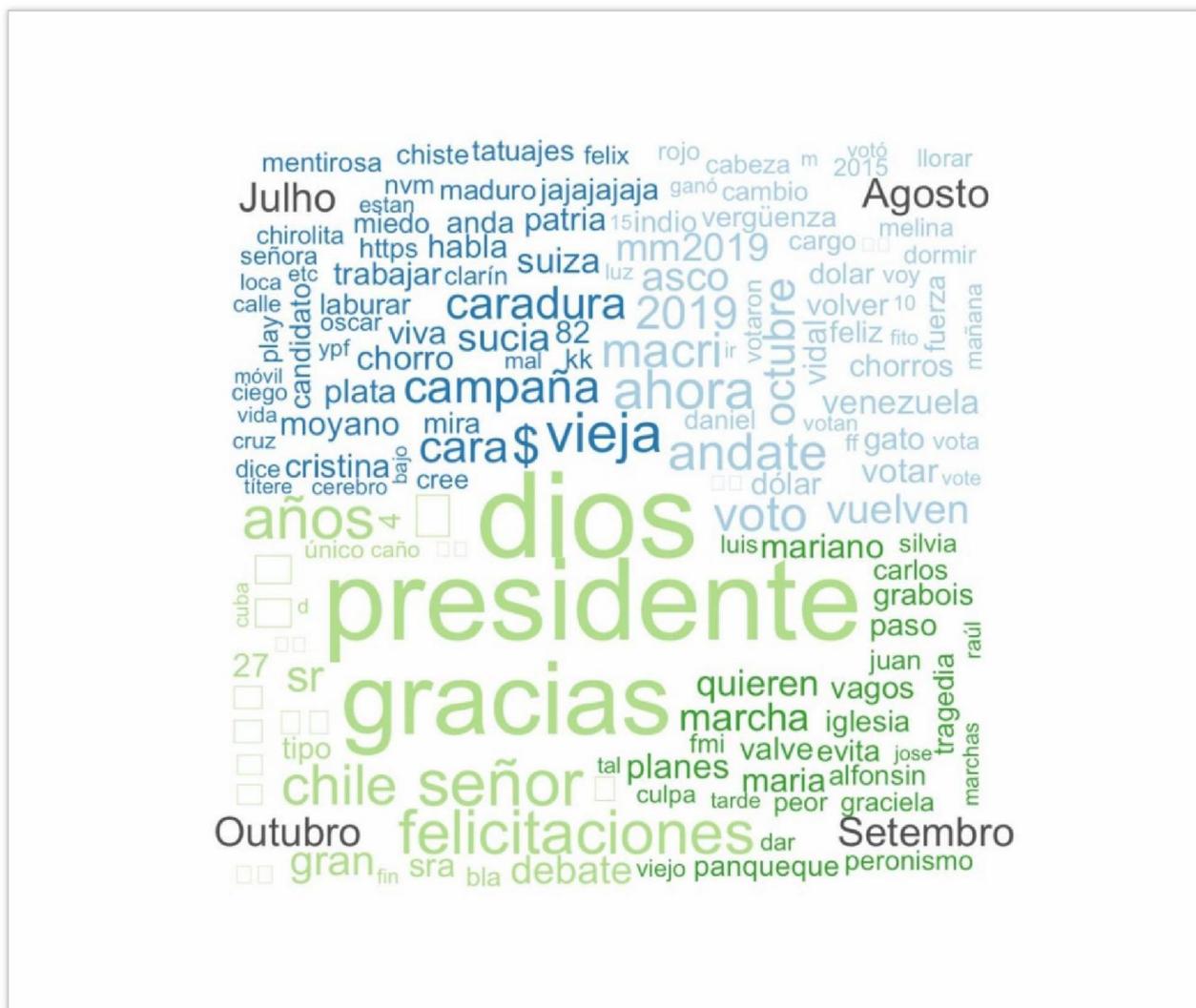
¹¹ O jornal Folha de S. Paulo publicou matéria no mês de setembro de 2018 sinalizando a disseminação de informações falsas a respeito da Venezuela: <https://apublica.org/2017/06/fake-news-is-threatening-democracy-in-venezuela/>

comum e aceitável enxergar os apoiadores dos candidatos de oposição como inimigos, alimentando desconfianças sobre a existência de projetos mal intencionados para desmontar o país economicamente.

A construção das identidades políticas de 2018 fica evidente na nuvem, também, pela adição de termos que, ao serem incansavelmente proliferados, criaram eixos hegemônicos de opinião. Nesta operação de diferenciação entre o polo apoiador de Bolsonaro, e o polo localizado à oposição, como de Haddad e Ciro, representa a relação “nós-eles” de Mouffe (2005), na medida em que a construção do “nós”, apoiadores do ‘mito’, preocupados com a “ameaça comunista” e “contra a política tradicional”, dependemos da existência do “eles”, “comunistas, corruptos e fraudulentos”. Isso quer dizer que “a constituição de um ‘nós’ específico depende sempre do tipo de ‘eles’ do qual o ‘nós’ se diferencia (Mouffe, 2005, p.17).

Percebe-se, através da nuvem de palavras do caso brasileiro, que circularam, em grande escala, termos que gravitavam em torno dos dois representantes mais hegemônicos naquele ano eleitoral, que no caso eram o candidato do PT, Haddad, e Jair Bolsonaro, do PSL. Embora o nome de Ciro Gomes apareça com força, este também esteve muito associado ao PT, por conta da posição crítica em que manifestou seu descontentamento quanto ao partido ao longo de sua campanha política. Deste modo, os nomes de Bolsonaro e Haddad-Lula serviram como objetos em que os usuários despejavam diversos significados, ora atrelados a coisas negativas, ora atrelados a coisas positivas, dando rosto ao nome daquilo que não necessariamente os correspondia, de fato. Sabendo disso, o próximo passo é verificar quais termos foram mais repetidos no caso eleitoral Argentino. Nesse sentido, a figura a seguir trará o resultado dos comentadores argentinos em 2019:

Figura 2 – Nuvem de palavras gerada pelos comentadores do Diário Clarin



Fonte: Autora (2021)

Com resultado bastante diferente em comparação com a nuvem de palavras do Estado de S. Paulo, a figura 2 mostra que no Diário Clarin os comentadores argentinos parecem utilizar menos o espaço dos comentários para publicar o nome de seus candidatos. A imagem destaca palavras como “miedo”; “pátria”; “maduro”; “trabajar”; “campana” e “vieja” na parte azul do quadro. Enquanto que em verde temos “dios”; “presidente”; “gracias”; “chile”; “marcha”; “peronismo” e “debate”. Chama atenção aqui a referência aos países Venezuela e Chile serem pautados entre os conversadores argentinos. Um exemplo de comentários citando esses países são: “estos peludos no saben cómo está argentina. un pasó falta y serán

como Venezuela..x CRISTINA”; “los globoludos váyanse a viver a chile mientras nosotros arreglamos el desastre que hicieron, busquense un país si este no les gusta. Chauuu”. Contextualmente, assim como no Brasil, a chapa formada por Cristina Kirchner e Alberto Fernández também esteve associada à crise da Venezuela. A polarização que se deu a partir da competição eleitoral estabeleceu modalidades de sentido opostas entre aqueles que não desejam governos populistas, em alguns casos citando não só Maduro, como também Lula, e aqueles que acusavam Macri e seus apoiadores “globoludos” de associarem-se as perspectivas econômicas Chilenas.

No entanto, no caso da nuvem Argentina, os termos mais comuns são adjetivos, palavras usadas com o objetivo de qualificar algo. Nomes como o de Macri e Cristina também aparecem, de uma forma menos incisiva, o que demonstra, como no caso do Brasil, uma polarização em torno de dois candidatos específicos. Vale ressaltar, porém, que na Argentina a presença de termos que remetem a questão econômica se sobressaí ao endosso aos candidatos.

Enquanto no Brasil as disputas deixam de ser meramente polarizadas para tornarem-se radicais, os argentinos divergiam quanto a projetos de governo. O radicalismo associado ao Brasil em 2018 decorre do fato de que as conversas estavam muito mais atreladas a questões morais do que políticas. O que não deixa de apontar a existência de um grau mínimo de semelhança quanto ao personalismo, revelando matizes de identificação nos dois casos eleitorais.

Ademais, mesmo que no Brasil a identificação tenha sido expressada de maneira profundamente mais radical, esta componente também aparece na Argentina, em menor proporção. Isso é também resultado do processo histórico e político desses dois países. Conforme foi discutido no capítulo contextual eleitoral, a América Latina vivencia um processo de crise de representação política, desencadeada pelos problemas econômicos e sociais que se intensificam desde a última década.

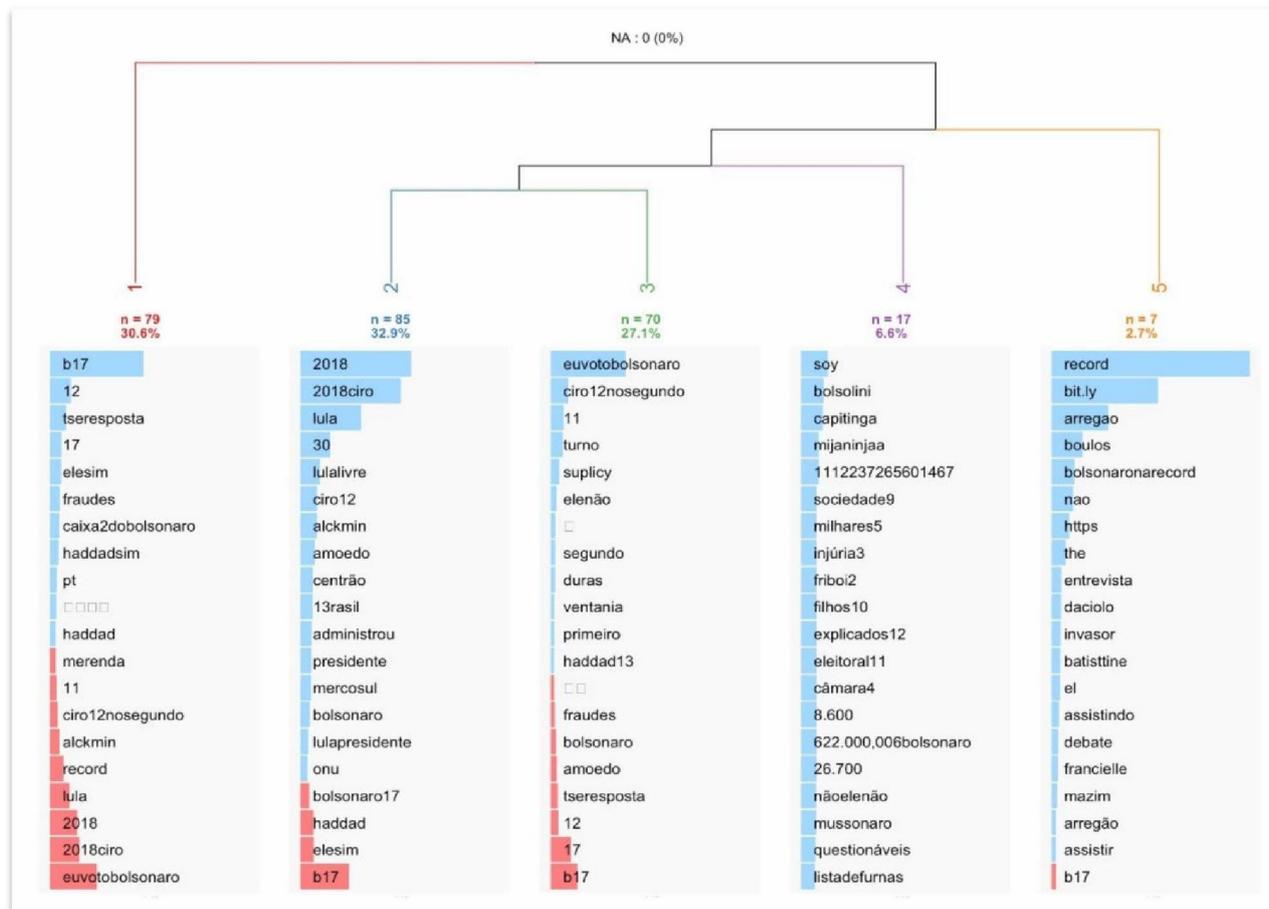
O personalismo é uma tendência aderida de modo bastante evidente na eleição brasileira de 2018, com a disputa entre apoiadores de Lula e Haddad e Jair Bolsonaro. Na Argentina, a força maior vem da vertente policlassista e partidária peronista, que dialoga com diferentes bases ideológicas, motivo que levou Alberto Fernández a ser colocado estrategicamente como candidato à presidência em 2019.

Com a apresentação visual das nuvens de palavras já colocada, é importante compreender como as palavras distribuíram-se em seus eixos temáticos. O próximo tópico apresentará os resultados da lexicometria, a frequência com que os termos se distribuem nos textos dos conversadores, bem como suas articulações dentro de cada contexto.

4.3.2 Distribuição dos grupos lexicais e discussão comparativa dos resultados

Os dados que serão apresentados nesta seção nos ajudam a compreender como os comentários publicados na rede social se distribuíam entre grupos. O objetivo era identificar como os termos utilizados com maior frequência apareciam probabilisticamente assimilados entre si. O dendograma a seguir nos mostra a probabilidade associada dos conjuntos de termos publicados pelos comentadores brasileiros.

Gráfico 3 - Distribuição de termos por classes (CHD) da página Estado de S. Paulo



Fonte: Autora (2021)

Após a rodagem do banco de dados pela execução do pacote *Rainette*, o método do Reinert permitiu as classes gramaticais estatisticamente relevantes. Ao submeter o material referente aos conversadores brasileiros, o software resultou em cinco classes gramaticais que agrupam 20 termos estatisticamente relevantes presentes nos comentários sobre as matérias de cobertura eleitoral. O pacote *Rainette* permite que mais termos significantes apareçam. No entanto, o número de seleção de palavras é arbitrário. A opção por trabalhar somente com somente 20 palavras se justifica pela necessidade em representa-las visualmente em gráfico.

Conforme é possível perceber, a classe número 1 está estatisticamente mais distante em relação as classes 2, 3, 4 e 5. Uma característica em comum em todas as classes é que grande parte dos usuários utilizaram os espaços de comentário para

manifestar algum tipo de apoio ao candidato, como é o caso por exemplo dos termos “b17”, “ciro12” e haddad13”. Através dos resultados da figura 1 já era esperado que essa situação se repetisse no dendograma lexical.

Cada uma das 5 classes agrupa os termos que estatisticamente apareciam mais próximos dentro do corpus textual da pesquisa. É importante esclarecer aqui que muitas das palavras se repetem ao longo dos clusters. A semelhança dos termos aconteceu, em grande parte dos casos, porque uma mesma pessoa pode usar o nome do opositor e do candidato que apoia na mesma frase, a exemplo do seguinte comentador: “Só há intelectuais ao lado de **Haddad13**, já com o **eleNÃO** só aqueles que faltaram às aulas de história”. O fato da maioria dos termos serem similares dentro do corpus configurou-se como uma barreira encontrada durante o percurso da pesquisa. A solução encontrada foi focar nas categorias de palavras que diferem e, portanto, ajudam a definir as classes.

Nesse sentido, o primeiro cluster vem acompanhado de palavras como “haddad”; “merenda” ;“Alckmin”; “caixa2dobolsonaro”; “pt”; “12”; “b17”; “fraudes”. A classe 1 apresenta uma perspectiva temática mais voltada para a construção da imagem dos candidatos, de modo que em alguns momentos aparecem termos de endosso aos postulantes, enquanto em outros momentos há a presença de termos que indicam deslizes morais dos candidatos.

Nos textos formados dentro da classe 1 era comum que os conversadores apresentassem argumentos com a finalidade de justificar a escolha de seu voto. A presença do termo merenda, por exemplo, era seguida de comentários que explicavam porque não votar no candidato Alckmin, já que este ficou estigmatizado com a abertura do inquérito “CPI da Merenda”, onde seu nome era citado como envolvido em um esquema de desvio de dinheiro de alimentação escolar em São Paulo. A exemplo disso, temos o seguinte comentário: “Imagina teu estado , com a turma do rodoanel, merenda escolar , colapso de água e muitos etc., sabe de nada inocente. .. CIRO 2018”.

A emissora de televisão, Record, também esteve entre os termos mais presentes na classe 1. A rede foi citada principalmente por conta da divulgação das pesquisas eleitorais, servindo como um instrumento de credibilidade para os usuários, que desejavam demonstrar a força de seu candidato, conforme fizeram os autores dos

comentários: “todo mundo sabe q é fake, bolso ta c 57 dos válidos e addad c 16 , ...FONTE TV Record TV”; “Pesquisa divulgada nesta terça feira pela rede Record aponta a candidatura do Capitão e do nosso General Hamilton Mourão em primeiro lugar”. Paradoxalmente, em outros momentos, a rede de televisão é tida como parcial e ilegítima: “a record que concedeu uma entrevista ao bostonaro completamente ilegal Record TV deu o ultimo resultado ontem, 57 p bolso dos votos validos e addad com apenas 16 (se for pensar é muito ainda, p quem roubou até mandar parar)”.

Ainda sobre a classe 1, o termo fraude aparece com força e esteve associado a desconfiança quanto aos métodos de apuração de voto e as instituições jornalísticas, principalmente a Record e o próprio jornal Estado de S. Paulo: “Estadão, não adianta todo dia e o dia todo postar sobre sua preferência. Se não houver fraudes, a eleição matematicamente acabou! Isso está cansativo já”; “URNAS ELETRÔNICAS dando problemas ÁGORA no 2 TURNO o POVO deve parar as ELEIÇÕES não deixem trocar as URNAS pra continuar as fraude devem parar as ELEIÇÕES em todo Brasil é fazer voto IMPRESSO ou no papel se deixar continuar vai ter fraude BRASIL. Somos TODOS BOLSONARO 🇧🇷”.

Vale ressaltar, também, que a presença forte dos termos de apoio a candidatos, como “b17” e “haddad” se explica pelo fato de que esses eram termos colocados soltos em meio aos comentários, quando os usuários objetivavam apenas engajar o nome dos candidatos e hashtags. A exemplo disso temos o comentário “bolsonarocorrupto caixa2bolsonaro haddadpresidente haddadsim”, um enunciado panfletário, sem considerações mais vagarosas sobre a acusação de Bolsonaro e a sua preferência eleitoral. A própria *hashtag* “caixa2bolsonaro” foi performada insistentemente, o que indica uma tendência entre os comentaristas em utilizar o espaço de interação com finalidade de engajamento.

A classe 2 foi a mais forte dentro do corpus, com N = 85, isto é, com maior número de ocorrências, compondo 32,9% do total. Seus termos diferenciadores foram “30”; “lulalivre”; “amoedo”; “centrão”; “13brasil”; “administrou”; “presidente”; “mercosul”; e “onu”. Com um perfil mais institucionalista, os textos dessa classificação abordavam temas políticos relevantes para o ano eleitoral de 2018, como a prisão do ex-presidente Lula, que era rebatida entre as hashtags “lulalivre” e “lulapreso”.

Outra novidade da segunda classe foi os apoios direcionados ao candidato Amoedo, que comparado aos outros candidatos como Bolsonaro e Haddad, era citado em comentários mais elaborados e menos panfletários: “Vamos transformar nossa indignação em ação, se todo mundo que diz que "o Amoedo é o melhor candidato, mas não têm chance", votasse no Amoedo, ele, no mínimo, iria para o segundo turno. É inconcebível para o sistema democrático ter Cabo Daciolo presente e João Amoedo ausente nos debates de TV, o eleitor e o país perdem ao não tomarem conhecimento das propostas do candidato sobre a redução da máquina pública. O foco do Novo 30 é justamente na gestão dos custos e recursos públicos”; “onda laranja. João Amoedo , currículo impecável , capacitado, conhece profundamente os problemas do Brasil. FICHA LIMPA”.

Chama em primazia a atenção na classe 2 para a presença de termos incomuns em outros grupos lexicais, como ONU e Mercosul. O interessante é que, ao fazer uma filtragem pelos termos, os comentários também destoavam dos outros por serem mais extensos e explicativos, como foi o caso dos exemplo a seguir: “Sinto muito! v Vergonha tenho desse governo corrupto ... E outra depois dos discursos pavorosos de Dilma e de seu amigo cachaceiro , Bolsonaro n deve e nem vai estar preocupado com o a ONU vai pensar ou dx de pensar sobre ele!! Mesmo pq BRASIL acima de tudo inclusive deles. Marcos Vinícius Do Canto n me lembro de nenhum dos dos discursando para ONU e prefiro nem lembrar. B17 Hoje a nação mostrará quem manda no país!!”.

Quanto a presença significativa do termo “administrou” na classe 2, esta se justifica pelo fato de que a palavra era acompanhada de argumentos de cobrança quanto a credibilidade e experiência política dos candidatos: “O que o seu candidato já administrou até agora?”; “O QUE BOLSOLIXO JÁ ADMINISTRAR ALÉM DE FUNCIONÁRIO FANTASMA ?”. Como é possível notar, os comentários localizados dentro da segunda classe variam entre cobranças quanto a credibilidade e competência de Bolsonaro para governar o Brasil, e associações negativas quanto as entidades que representam a defesa dos direitos humanos.

Passando adiante para a Classe 3, aparecem os termos “Suplicy”; “turno”; “primero”; “segundo”; “curo12nosegundo”. As palavras restantes eram similares aos termos mais comuns às outras duas classes, utilizadas para endossar o número dos

candidatos. O perfil da classe 3 nos indica que o foco estava na discussão sobre a votação de primeiro e segundo turno. As palavras “primeiro” e “segundo” remontam as posições dos candidatos no resultado eleitoral: “Bolsonaro primeiro turno só de acabar com o mst tem todos os votos da minha família”; “Geraldo Alckmin vai para o segundo turno e vence de lavada”. A hashtag de Ciro também performou bastante, sendo utilizada no mesmo contexto em que as apostas de primeiro e segundo turno. O nome de Suplicy apareceu com expressão nesta classe devido a sua candidatura para o senado, que era comentada pelos usuários com entonação negativa, geralmente associado a corrupção dos políticos tradicionais do país: “Só de considerar Suplicy e FHC “os de bem” dos partidos já não merece meu voto”; “Suplicy só que está lá quietinho recebendo os benefícios da função!! Vai incomodar!”.

A classe 4, com baixa ocorrência (n=17) comparada as outras, apresentou as palavras “bolsolini”, “capitinga”, “mussonaro”, “mijaninja”, “Friboi”; “injurias”; “questionáveis”, “filhos10”, “explicados12”. Com um perfil mais debochado, os termos aqui utilizados faziam trocadilhos com o nome de Bolsonaro, associando-o pejorativamente a Mussolini: “Só sei que o Bolsolini Mussonaro NÃO EleNão ElesNão”; “MUSSONARO COVARDE”. Ou então associando Ciro Gomes à imagem de Nelson Capitinga, personagem humorístico brasileiro. O veículo de informação independente, Mídia Ninja, também esteve propositalmente grafado da maneira errada, com o mesmo intuito de acrescentar humor ao comentário. A palavra injúria aparece de maneira bastante assimilada ao nome de Bolsonaro, quando o comentador tinha a intenção de acusar possíveis crimes cometidos pelo candidato: “1- Bolsonaro Recebeu via caixa 2, R 200.000,00 de doações da JBS (**FRIBOI**) 2- Ele é réu de 2 processos no STF (por incitação ao estupro e outra por **injúria**)”. Ao passo que a Friboi era associada ao PT, devido os escândalos envolvendo o nome do ex-presidente Lula: “e a verba da friboi hein?”; “E a Friboi apoia os PETRALHAS! simples assim!”.

Por fim, a classe 5, com o número de ocorrência mais baixo de todas as classes (n = 7) foi a que mais divergiu quanto a presença de termos. Isso indica que os comentadores, de um modo geral, não divergiam significativamente em suas conversações sobre o tema eleitoral, o que muitas vezes dificulta a diferenciação entre as classes. Os termos estatisticamente relevantes foram: “arregão”; “boulos”;

“entrevista”; “daciolo”; “assistir”; “assistindo”; “invasor” e “debate”. Nesse grupo lexical, os comentadores utilizavam o termo “arregão” para referir-se a Bolsonaro pelo fato de ter se negado a comparecer aos debates tradicionalmente divulgados pelas principais emissoras: “Mesmo antes do atentado a assessoria dele já havia informado que este ARREGÃO não iria participar mais de debates. Sabe por quê? Porquê a assessoria dele sabe que ele só fala merda! Arregão ontem, arregão hoje, arregão amanhã. Não tem desculpa. Ciro12 é MUITO MAIS preparado!”. Por esse mesmo motivo, a palavra debate foi mais usada dentro desse contexto. Outros nomes como Boulos e Daciolo, candidatos também da disputa presidencial, apareceram na classe de menor frequência. Sobretudo, Boulos estava associado a palavra “invasor”, utilizada pelos comentadores para deslegitimar o candidato, cujo envolvimento político maior está relacionado à causa da moradia e ocupação urbana, como fizeram os seguintes comentadores: “O invasor de propriedade alheia, senhorio demiseráveis, ocupante de imóveis públicos, o que falou não sei, estava assistindo a Record, mas deve ter sido um monte de besteiras e mentiras. Se foi aplaudido, é porque seus assessores estão lá para isso”; “Votem nele então, Boulos queimador de Pneus invasor de terras comandado por Lula”.

Pelo que se pode perceber, os comentadores brasileiros portavam-se majoritariamente de maneira rasa e ofensiva, utilizando os espaços de interação do *Facebook* para satirizar e ofender seus opositores. É válido lembrar que o comportamento radicalizado foi identificado em trabalhos prévios à essa pesquisa, situação que orientou uma busca por um aporte teórico que levassem em consideração a aderência do conflito na política e na sociabilidade num geral. Por os conversadores não variarem na forma com que conversavam sobre o tema eleitoral, é possível dizer que os posicionamentos se aproximavam, de modo homogêneo. A principal contradição encontrada decorre da polarização entre PT e Bolsonaro. Mas os termos utilizados gravitavam em torno dessas duas figuras principalmente.

Isso pode acontecer, porque segundo Mouffe (2005), baseada no filósofo Derrida, a identidade é vista em uma perspectiva relacional, já que a criação de uma identidade implicaria também no estabelecimento de uma diferença. O problema, na visão da autora, não é a identidade em si, mas a diferença que constrói uma ordem de hierarquia, estabelecendo uma relação antagonística. Como podemos notar

A matriz de co-ocorrência é responsável por dizer as chances de ocorrência de determinadas palavras aparecem juntas, permitindo aferir sobre quais termos estão mais ou menos conectados. No caso deste resultado, as linhas mais grossas indicam quais palavras tem chances de ocorrerem juntas.

Por o dendograma léxico ter apresentado a formação de cinco classes bastante relacionadas entre si, divergindo em poucos termos, a ideia aqui é entender de que maneira as palavras mais relevantes estatisticamente são utilizadas. Isso nos ajuda, também, a diagnosticar como as palavras se combinam dentro dessa matriz de ocorrência simultânea.

O que a imagem nos mostra é que no centro estão os termos “presidente”, “pt”, “Bolsonaro”, “brasil”, “ciro”, “votar”, “haddad” e “17”. Em todas essas palavras, a linha mais forte dentre todas as distribuições gravita em torno dos termos “presidente”, “Bolsonaro” e “17”. Vale destacar, também, que o volume de ocorrências de Bolsonaro e variância são expressivamente maiores que os demais, indicando a centralidade desta figura política na conversação dos brasileiros em 2018.

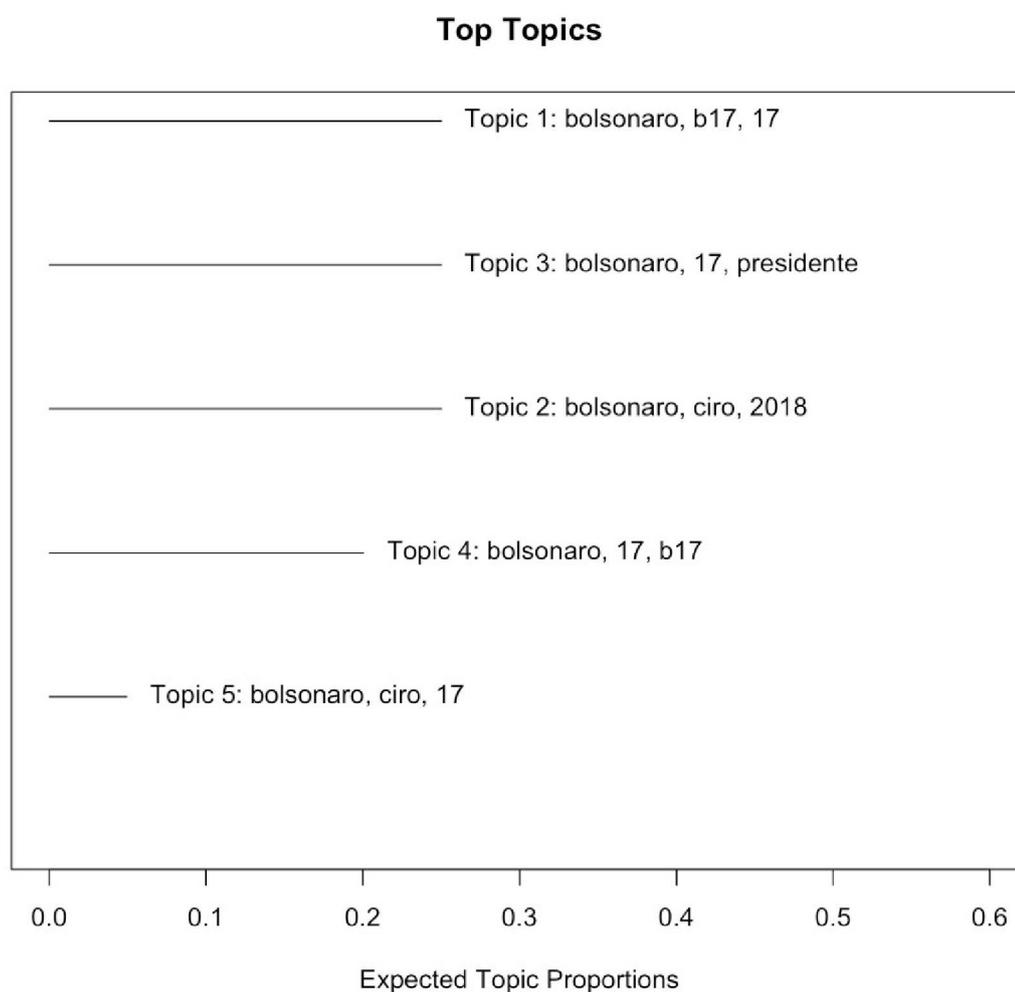
Conforme nos ajudam a entender os resultados anteriores, essas palavras tendem a ser utilizadas juntas porque a maior tendência dos comentadores era engajar o nome de seus candidatos. No caso de Bolsonaro e Haddad isso ficou bastante nítido, já que o nome de outros candidatos, com a exceção de Ciro, sequer aparecem. É importante considerar, no entanto, que o candidato Ciro Gomes posicionava-se criticamente frente aos dois nomes da polarização eleitoral, motivo que o fez ser citado junto dos nomes de Haddad e Bolsonaro, na maior parte das vezes.

Interessante perceber que a ligação entre as linhas “b17”, “elesim” e “bolsonaro17”; e “pt”, “Bolsonaro”, “haddad”, “13” nos mostra, também, o quanto a polarização eleitoral de 2018 esteve enraizada nas discussões entre os simpatizantes do PT e do candidato Jair Bolsonaro. Ao pegar os termos que mais apareceram e submetê-los à matriz de co-ocorrência, podemos compreender que o endosso aos candidatos exerce uma influência muito mais forte nas conversações entre os brasileiros do que qualquer tentativa de produzir uma ação discursiva, de fato. De acordo com os autores Marques e Guimarães (2018), o Facebook serve muitas vezes como um local de exclusão e marcação da diferença. As diferenças,

que no caso seriam as pessoas que entrariam nesses espaços para conversar de maneira mais vagarosa, mesmo que não deliberando, acabam ‘apagados’ de certa maneira, pois são enunciados que se perdem em meio ao emaranhado de ideias pró PT ou Bolsonaro.

A imagem a seguir traz a modelagem dos tópicos de discussão dentro do corpus da pesquisa:

Figura 3 – Tópicos estruturados em Estado de S. Paulo



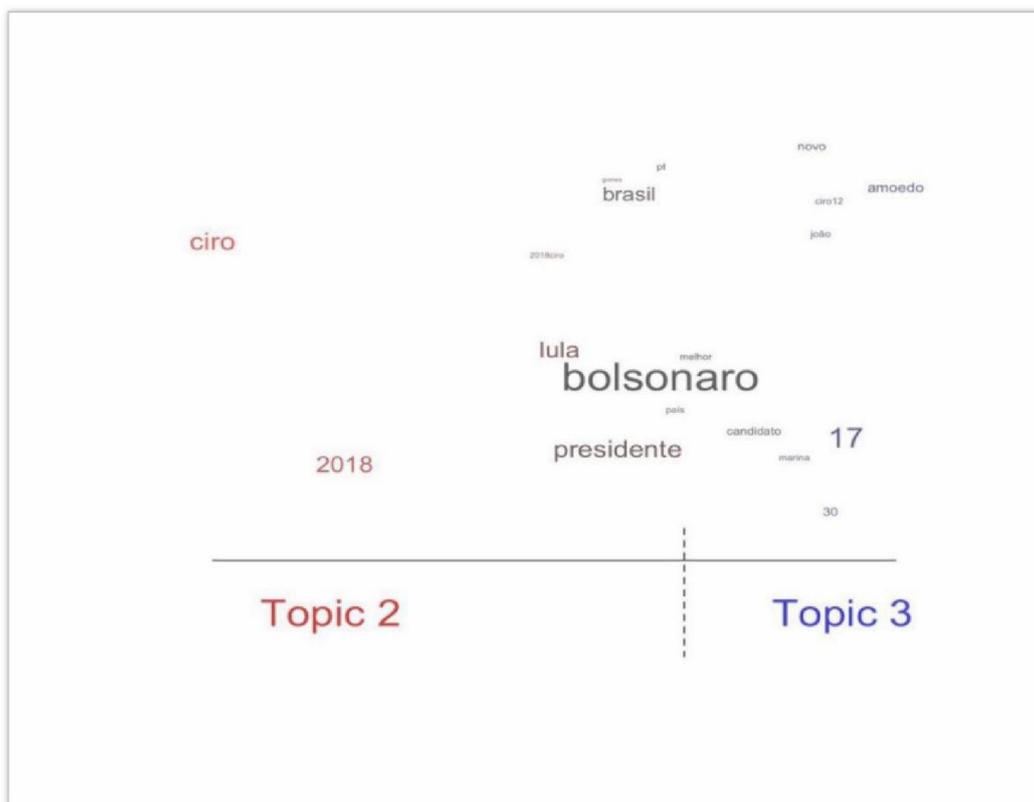
Fonte: autora (2021)

A modelagem de tópicos é uma técnica utilizada para extrair os tópicos ou termos de dentro de um documento. Semelhante ao método de Reinert, ela é indicada para o

tratamento de informações, auxiliando na rotulagem e na formação de grupos temáticos, de acordo com as suas probabilidades de aparição dentro do corpus. Cada tópico aqui apresenta quais termos são mais comuns no corpus e as chances destes de aparecerem associados nos textos dos interlocutores da *fanpage* do jornal.

Nesse sentido, o resultado da figura 3 mostra as proporções esperadas dentro do corpus, ou seja, os tópicos que possuíam mais relevância de acordo com a frequência de aparição dentro do universo de comentários publicados. Os três primeiros tópicos (topic 1, topic 3 e topic 2) são os que prevalecem em presença no corpus. Em sintonia com os materiais apresentadas anteriormente, a aplicação dos tópicos estruturados segue indicando a homogeneidade do nome de Bolsonaro e seu número nas conversações. Porém, dentre os três tópicos mais fortes do corpus, os tópicos 2 e 3 apesar de muito similares, apresentaram diferenças entre termos como “presidente” e “Ciro”. Pensando nisso, a próxima imagem colocará essas diferenças em perspectiva para entender melhor sobre esse caso específico:

Gráfico 5 – Perspectiva comparada entre tópicos 2 e 3



Fonte: Autora (2021)

Aqui temos uma demonstração ampliada nos indicando que os dois planos que não polarizaram nas conversações dos comentadores correspondiam a Ciro Gomes e o candidato João Amoedo, localizados nos dois extremos do canto superior de cima do gráfico. O contrário acontece com Lula e Bolsonaro, que correspondem um ao outro. Isso significa que dentre os tópicos mais comentados durante a cobertura eleitoral da *fanpage*, além da tendência em endossar a imagem dos candidatos, outro ponto forte foi, de fato, a centralidade das conversações em torno desses dois nomes. Nesse caso, os termos Bolsonaro e Lula tinham maiores chances de ocorrerem juntos dentro do corpus.

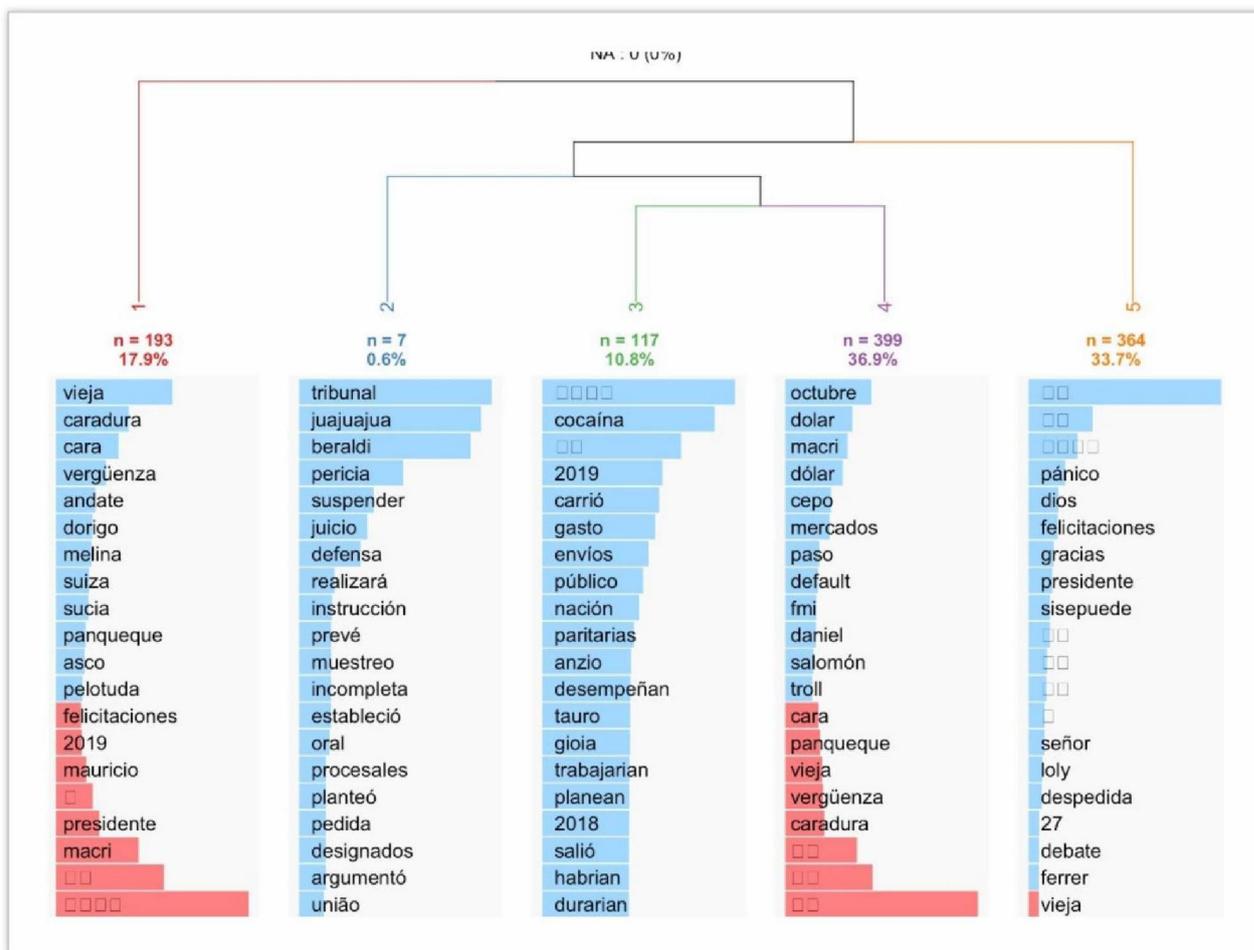
Por o nome de Haddad, oficialmente candidato do PT, não constar nesse gráfico, também podemos deduzir a relevância que o ex-presidente teve para as eleições de 2018, sendo tratado muitas vezes como um candidato pelos comentadores. Ao buscar no corpus exemplos em que o nome de Lula era usado, foi percebido que este era citado, em primazia, pelos apoiadores de Bolsonaro, que objetivavam lembrar que o ex-presidente estava preso: “mimimimi o choro e livre e o Lula preso é Bolsonaro presidente”. Ao passo que alguns comentadores referiam-se à Haddad como o candidato do Lula: “vamos dar uma surra no seu candidato nas urnas com apoio total do povo, povo do Lula, candidato do Lula 13 neles”.

Quanto aos outros candidatos, o tópico 2 esteve mais relacionado a Ciro, enquanto que o tópico 3 teve mais relação com João Amoedo, o que demonstra que esses nomes também tiveram forte presença dentro do corpus, já que localizam-se entre os 3 tópicos mais fortes no teste de modulação dos tópicos. O que os tópicos 2 e 3 tiveram em comum diz respeito aos termos que apontam para o assunto mais polêmica da eleição de 2018: a polarização entre PT e Bolsonaro. A predominância desses tópicos nas conversações já haviam sido identificados tanto na nuvem de palavras, quanto no dendograma, que inclusive resultou pouco heterogêneo. A ideia aqui foi testar o bando de dados a partir da modelagem de tópicos para que pudéssemos confirmar os resultados sob outra perspectiva.

Para que se possa dar sequência a análise dos dados, os próximos materiais dizem respeito ao banco de dados argentino. O que se espera nessa etapa é que se possa identificar como os principais termos foram distribuídos a partir de grupos

temáticas contextuais. O gráfico a seguir nos mostra a formação de grupos lexicais entre os comentadores da *fanpage* do Diário Clarin.

Gráfico 6 - Distribuição de termos por classes (CHD) da página Diário Clarin



Fonte: Autora (2021)

O dendograma da figura 8 mostra a formação de cinco classes lexicais dominantes do corpus de análise. Diferente da figura brasileira, o nome dos candidatos não apareceu como um fator predominante nas conversações argentinas. O nome do candidato Macri chega a aparecer nas classes 1 e 4, mas de forma menos representativa. Ao passo que os nomes de Cristina Kirchner e Alberto

Fernández estão ausentes em todas as categorias apresentadas. Tal fato leva a concluir, de antemão, que as conversações entre os argentinos pautaram tópicos mais heterogêneos e menos centralizados na polarização entre os candidatos opositores.

A classe 1 aqui é a que menos se relaciona probabilisticamente com as outras classes do gráfico. Com a terceira maior ocorrência dentro do corpus (N= 193), palavras como “vieja”; “caradura”; “vergüenza”; “asco” e “pelotuda” nos mostram que nesta classe havia uma tendência ao uso dos adjetivos de xingamento, algo que era percebido dentro do corpus brasileiros, mas que no entanto não se configurava como uma das características mais frequentes no banco de dados, já que não chegaram a aparecer nas classificações. Pelotuda, que no idioma equivale-se a xingar alguém de idiota, era usado em comentários como: “Nos.merecemos lo peor ... ojalá nos hundamos por culpa de.la.gente pelotuda que.tenemos.en este.pais”. Outros termos como asco também transmitem sentimentos negativos por parte do interlocutor: “Alberto es bueno, pero se junto con una parva de chorros que da asco”. Ao procurar pela palavra caradura, este era utilizado para descrever pessoas que agiam com descaro ou falta de respeito, estando geralmente direcionado a Cristina e Alberto: “Sos muy caradura Cristina. No te vote y nunca te votaría! cinica!!manchando los colores pátrios”.

A classe 1, nesse caso, se mostrou carregada de recursos de expressão linguística. Os comentários desse grupo temático apresentavam uma descarga emocional que parecia exceder um comentário equilibrado, apelando para comportamentos sarcásticos e ofensivos. Isso acontece porque conforme Mouffe (2005) explica, quando um projeto democrático não oferece canais legítimos para a expressão das diferenças, as relações tendem a aprofundar-se e tornarem-se cada vez mais antagônicas. Nesse tipo de situação, o outro deixa de ser um adversário e passa a ser visto como inimigo.

Na classe 2, com menor índice de ocorrência dentro do corpus (N = 7), a presença de termos como “tribunal”; “pericia”; “suspender”; “juicio”; “defensa”; “instruccion”; “prevê”; “planteó”; “designados”; e “argumento” sugerem um grupo lexical mais preocupado com questões institucionais, na medida em que são palavras que remetem atos formais. Ao buscar por estes comentários dentro do corpus, foi

percebido que tais termos faziam relação com as notícias que foram publicadas, que geralmente traziam informações sobre trâmites oficiais da justiça da Argentina.

Os comentários da classe 2, portanto, foram motivados por uma série de notícias publicados por Clarín, onde os comentaristas cobravam posturas éticas por parte da justiça e dos nomes envolvidos nos processos, como nos seguintes exemplos: "Vaya a tribunales señor y haga las presentaciones debidas. Esa es su responsabilidad"; "todos los jueces actuales fueron designados por el menemismo y el kirchnerismo y, por algo no avanzaron en las causas de corrupción, las PASO les dió la excusa perfecta para no juzgar a sus AMOS, pero en octubre se les dará vuelta la tortilla".

Dando sequência a análise, a Classe 3, mais próxima estatisticamente das classes 2 e 4, trouxe tópicos de discussão semelhantes, utilizando termos como "gastos"; "envios"; "públicos"; "nação"; "desempenham"; "trabalharam"; e "paritárias". Esta, no entanto, está centrada em uma espécie de cobrança pública, onde os interlocutores comentavam, principalmente, desempenho dos candidatos quanto à administração gastos do Estado, execução de projetos e uso do dinheiro público. A exemplo disso, temos os comentários: "Viaja con la custodia presidencial ???Y quien lo paga a esos gastos ???"; "ANTES..AHORA..CUANTO SE NOS VA DEL GASTO PÚBLICO EN MANTENER A ESTOS TAMBIÉN?????????". A partir desta classe podemos observar que, assim como acontece no caso eleitoral brasileiro de 2018, a desconfiança quanto aos abusos e corrupções oriundas da elite política tradicional também é uma pauta forte na Argentina. Ao olhar para o material do corpus, identificou-se que essa desconfiança era alimentada sobretudo quando o nome de Cristina Kirchner e seus relacionados eram citados.

Já na Classe 4, com maior número de ocorrências no corpus, a temática é nitidamente econômica. As palavras mais arquetípicas são "octubre"; "dólar"; "macri"; "mercados"; "cepo"; "default"; "fmi"; "vergüenza". Por a crise econômica do país ser um ponto forte de discussão não só durante as eleições de 2019, como em anteriores também, inclusive em 2015, quando Macri foi eleito, esta classe reflete a importância que o voto econômico exerce na Argentina.

Os comentários dessa classe faziam duras críticas a gravidade da crise que o país enfrenta, por isso que instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) estão também relacionadas ao nome de Macri, já que este solicitou assistência ao

FMI durante o exercício de seu mandato. A insatisfação quanto ao desfecho das medidas tomadas no passado pelos presidentes é expressada em comentários como: “Pase todos los gobiernos, en 2001 perdi ahorros en dólares y aún así me recupere y vivo bien! Disfruto de mi flia y mi profesión! Vos dependes de quien gobierne el país? ignorante te aclaro que ningún gobierno regala nada, al contrario nos sacan a los trabajadores para mantener vagos...”; “Es muy importante que cada argentino sea conciente de que el daño ya esta hecho...que las consecuencias de los desequilibrios macro economicos que deja Macri seran inevitables. Default, hiperinflacion, dolar y tasa de interes a mas del 100, Banco Central ”.

Considerando que a classe número 4, com perfil econômico, é a mais forte dentro do corpus, pode-se afirmar que a conversação dos argentinos sobre o tema eleitoral em 2019 agrupou um léxico predominantemente voltado para a crise econômica do país. Essa classe também esteve probabilisticamente mais próxima da classe 3, que tinha preocupações direcionadas à prestação de contas e transparência no uso de recurso público por parte dos candidatos.

Conforme explicou Ratto (2020), o cenário de crise tende a ser um fator determinante nos resultados eleitorais da Argentina. A autora segue explicando que a avaliação da gestão econômica dos governos é um dos aspectos mais considerados para explicar o voto dos argentinos. Por as medidas adotadas por Macri desempenharem negativamente entre 2015 e 2019, acentuando a complexidade do cenário econômico, as taxas de juros ficaram mais altas e desvalorização do peso argentino frente a moeda mais forte do mercado, o dólar, também cresceu. Tal situação fez com que os conversadores mantivessem a economia como preocupação central na classe mais forte do corpus.

Por fim, na Classe 5, segundo grupo lexical mais frequente do banco (N= 364), aparece no gráfico como um subproduto da primeira classe, que foi representada como a classe dos xingamentos e ofensas pessoais. Utilizando palavras como “pánico”; “felicitaciones”; “gracias”, “vieja”; “despedida”; “sisepuede”, a classe 5 parece também estar mais relacionada ao uso de termos emocionais, atrelados à necessidade de gerar efeitos emocionais a partir da linguagem utilizada nos comentários.

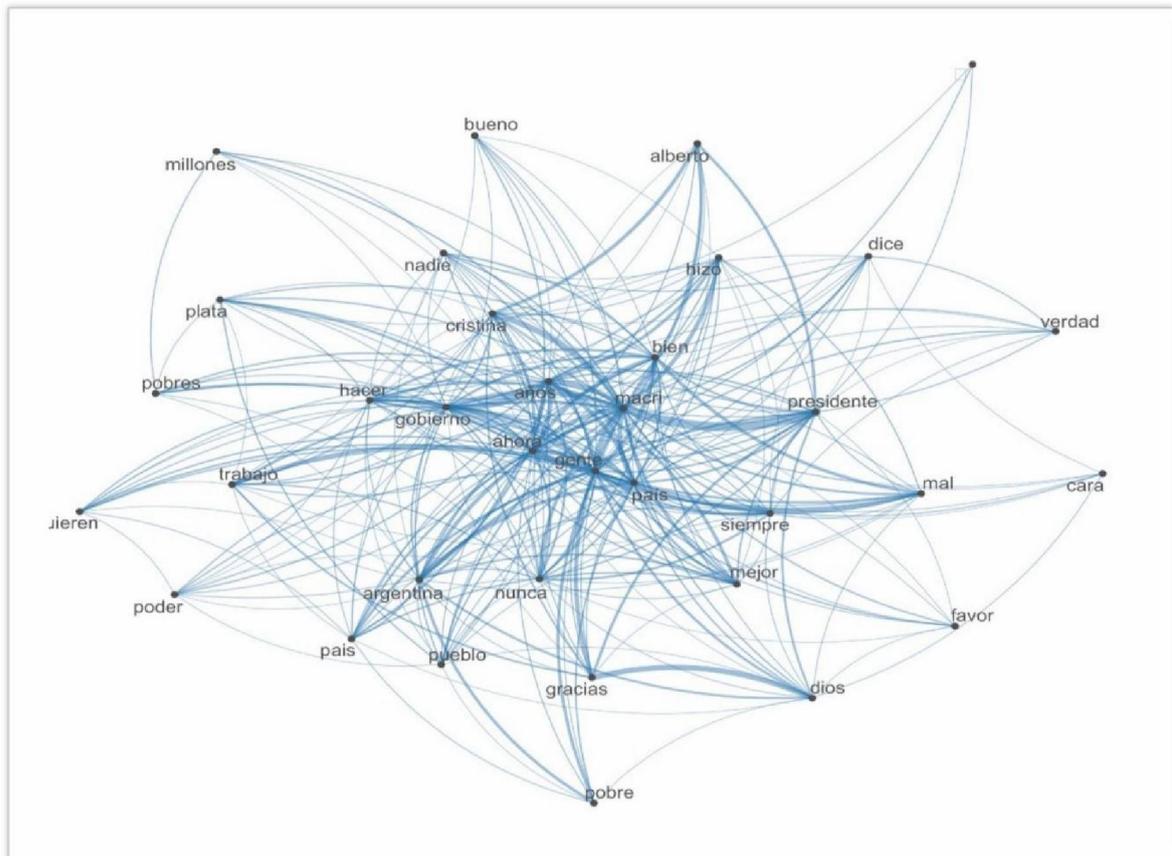
Ao buscar por aqueles termos no corpus, temos os seguintes exemplos: “Te voy a votar, no por macrista, si no como muchos, por pánico a que velvan los K”; “El único PÁNICO que tengo es que vuelvan los CHORROS, AUTORITARIOS, ANTIDEMOCRATICOS, etc o sea USTEDES”; “FELICITACIONES!!!! Cada vez sus discursos se parecen más a los de Mandela!”. Quanto ao “sisipuede”, esta era uma hashtag performada por grupos de apoio pró-Macri. Dessa forma, fica esclarecido que o recurso linguístico utilizado pelos comentadores da classe 5 tinham mais a ver com a manifestação emocional de medo ou felicidade, onde se agradecia, felicitava ou se expressava algum tipo de sentimento, como o medo.

Ao analisar as classes como um todo e colocando-a em perspectiva com o dendograma gerado pelo corpus do jornal Estado de S.Paulo, podemos perceber que a conversação argentina não se manifestou de maneira tão hegemônica quanto as interações dos brasileiros. A formação de classes no Diário Clarín nos permitiram fazer a rotulagem dos tópicos de conversação com mais facilidade, na medida em que os tópicos estatisticamente relevantes são semanticamente mais coerentes. As palavras aqui encontradas nos sinalizavam características sobre as eleições que já eram previamente conhecidas, a considerar pela base interpretativa gerada pelo material teórico. O caso da Classe 4 sobre economia é um exemplo disso.

Nesse sentido, é afirmável que o dendograma argentino, devido a sua heterogeneidade, facilitava a identificação dos temas. No caso brasileiro os comentários eram menos desenvolvidos em sua estrutura, onde o endosso ao candidato era rapidamente expressado via uso de hashtags e palavras-chave que, em sua grande maioria, referiam-se ao PT e Bolsonaro. Na Argentina, embora seja inegável a existência de uma divergência entre apoiadores de Macri e da chapa peronista Alberto Fernández e Cristina Kirchner, estes nomes não se sobressaíram a outros termos-chave nas classes.

Ademais, com a visualização da distribuição dos termos entre os grupos lexicais, para dar prosseguimento aos testes do corpus argentino, aplicamos o teste de distribuição de co-ocorrência. Isso nos facilitará a entender melhor sobre os usos dos termos que apareceram no diagrama léxico, conforme mostra o gráfico 7:

Gráfico 7 – Matriz de co-ocorrência na página do Diário Clarin



Fonte: Autora (2021)

O objetivo da aplicação da matriz de co-ocorrência é verificar como os termos apareciam conectados entre si, isto é, em como as palavras mais frequentes apareciam conectadas com outros termos. O gráfico 7 demonstra que a organização dos termos da conversação no corpus argentino está muito mais interligada em comparação com o caso brasileiro.

Com uma apresentação visivelmente mais mesclada, as palavras que possuem maior ligação está em “gobierno”, “cristina”, “país”, “macri”, “bien”, “mejor”, “nunca”, “pueblo”, apenas para citar alguns. Palavras como “pobre”, “poder”, “millones” e “bueno”, ainda que interligadas no gráfico, estão localizadas em uma parte mais

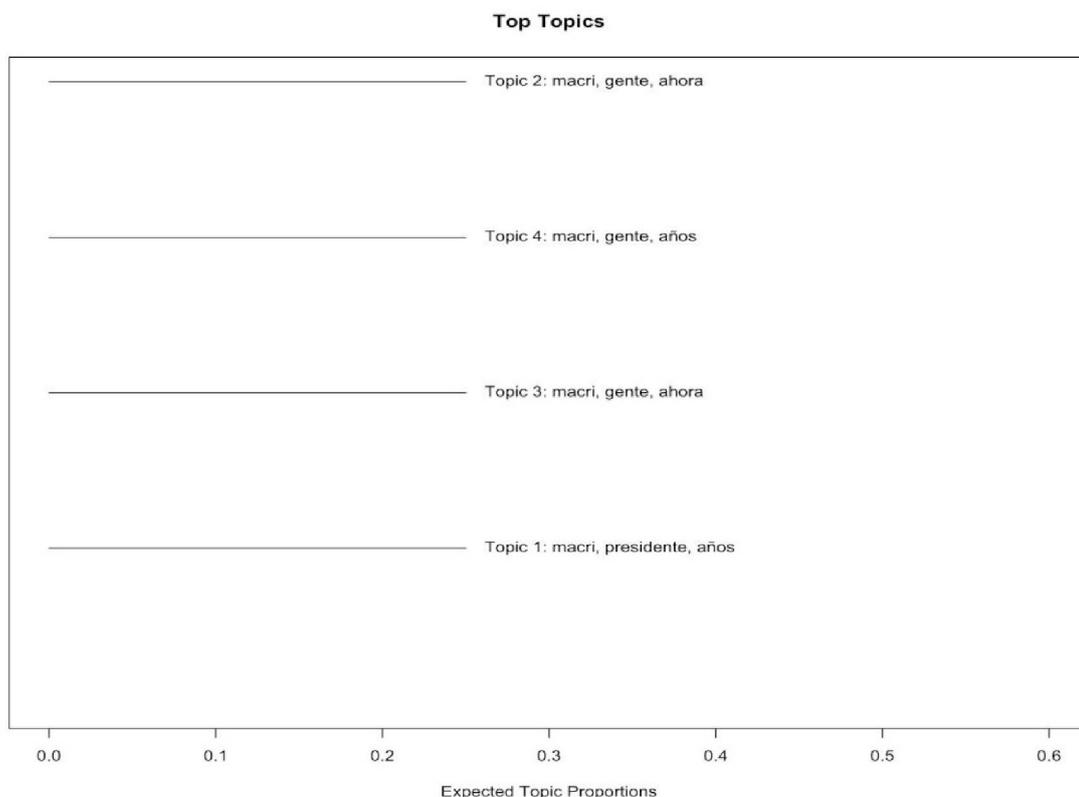
distante das palavras mais centrais. Nessa perspectiva, os principais nomes da disputa, Cristina e Macri, eram citados, porém estes acompanhavam outros termos-chave que atribuíam contexto e sentido as conversas que eram registradas nos comentários.

A considerar pelo resultado do dendograma e a matriz de ocorrência dos conversadores do Diário Clarín, é possível confirmar que a polarização no caso de estudo brasileiro era mais aprofundada e os usos eram panfletários. Os argentinos utilizaram em suas conversações uma estrutura enunciativa mais estruturada, adicionando termos linguístico-afetivos e que se relacionavam com a temática eleitoral, como é o caso das palavras “pais”; “mejor”, “gobierno”, “pueblo”, “trabajo” e “pobre” por exemplo.

Como se pode perceber, no Diário Clarín há mais equilíbrio entre os termos centrais, situação que não se aplica ao caso do Estado de S. Paulo. Esses resultados nos mostram, por fim, que os comentadores, apesar de suas divergências, tinham pautas em comum, de modo que o gráfico se dissipou entre os termos. Fato esse que não nos deixa saber com precisa clareza, como aconteceu no gráfico brasileiro, quais palavras estão mais fortemente associadas dentro do corpus.

O próximo passo é testar o corpus a partir da modelagem de tópicos estruturados do banco de dados argentino, para agrupar essas estruturas temáticas a partir de um procedimento que é similar ao método de Reinert. A seguir, será apresentado os tópicos estruturado.

Figura 4 – tópicos estruturados em Diário Clarin



Vale ressaltar aqui que optou-se por configurá-lo em 4 categorias, em razão de que o teste com cinco tópicos apareciam desproporcionais. O resultado nos mostra que os quatro tópicos estão distribuídos de maneira uniforme. Também, em perspectiva mais macro, os comentadores sobre temas próximos. O nome do candidato Macri e outros termos como “gente” e “ahora” aparecem em praticamente todas os tópicos.

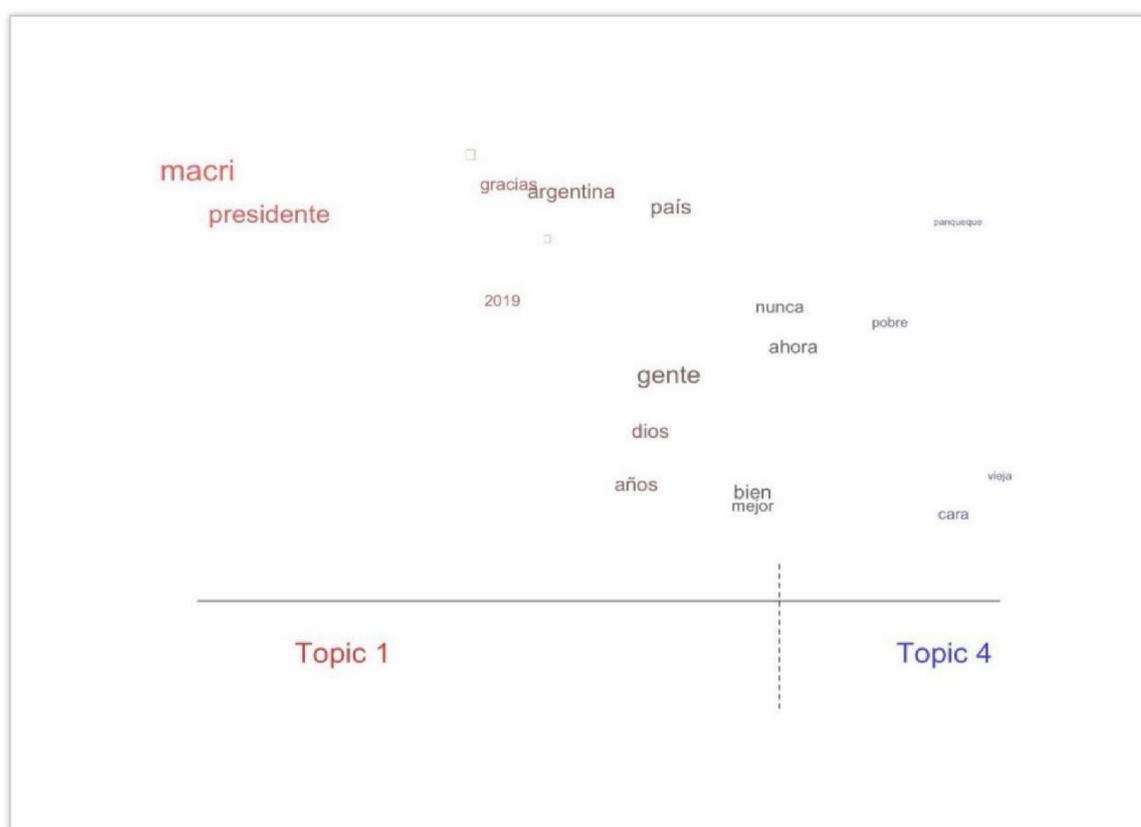
Para entender o motivo pelo qual o nome do ex-presidente Macri apareceu em todas as categorias, foi necessário filtrar por seu nome dentro do banco de dados. Ao fazer isso, percebe-se que isso acontece dentro porque enquanto a oposição referia-se à Cristina Kirchner utilizando termos como “los K”, Macri, por sua vez, era citado tanto por seus apoiadores quanto por aqueles que não eram seus votantes, demodo que esse nome tendia a aparecer mais, já que os apoiadores de Cristina grafavam seu nome inteiro.

Essa situação fica evidente nos seguintes comentários: “Cuando viste que los kk respetaran algo?”; “el mismo traspaso democrático y republicano que hicieron los KK

con la porota a la cabeza, que rumfla más desagradable queriendo parecer demócratas, no tienen ética ninguna, menos autoridad”; “Tranquilos, Cristina VUELVE 🇲🇯”. Percebe-se, também, olhando para o corpus, que o nome de Cristina Kirchner parece atrair mais *haters* do que o nome principal da chapa, que é Alberto Fernández. Isso se explica porque Alberto é um candidato considerado mais “centro”, o que o tornou estratégico dentro da chapa peronista, já que a imagem dos Kirchners estava desgastada desde suas últimas gestões. Algo semelhante aconteceu no Brasil, onde o nome de Lula tinha peso e aparecia na mesma proporção que Haddad, mesmo estando ilegível.

Por fim, o que se pode perceber a partir da figura acima é que em perspectiva mais macro, os comentadores falam sobre temas semelhantes, o que suscita conferir os tópicos 2 e 4 em perspectiva comparada. O próximo e último gráfico traz esse resultado:

Gráfico 8 - Perspectiva comparada entre tópicos 4 e 1



Fonte: Autora (2021)

O gráfico 8 nos mostra que as palavras “Macri” e “presidente”, que fazem relação, estão juntas no mesmo quadrante. Por se tratar de um recorte temático eleitoral, estas palavras fazem sentido ao estarem estatisticamente associadas. O que chama atenção aqui é o fato de que a chapa de oposição ao ex-presidente não era associada a palavra presidente com a mesma intensidade. Uma possível resposta para isso seria o fato de que Macri era uma palavra mais citada, tanto por apoiadores quanto para discordantes.

No outro espectro do quadrante temos palavras como “pobre”, “vieja”, “cara” encontram se localizadas no tópico 4. Entre os tópicos 1 e 2 estão termos como “gracias”, “argentina”, “años”, “bien” e “mejor”, termos que foram bastante presentes nos outros dois tópicos (2 e 3), conforme mostrou a Figura 10 sobre os tópicos estruturados do corpus argentino.

Por fim, com todos os dados apresentados e as análises realizadas, temos um panorama de como se organizam as conversações eleitorais nas *fanpages* de dois jornais tradicionais do Brasil e Argentina

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi a de realizar um estudo comparativo entre as conversações sobre o tema eleitoral registradas por brasileiros e argentinos nas *fanpages* dos jornais Estado de S. Paulo e Diário Clarín. O material coletado compreendeu o período de campanha eleitoral em 2018 no Brasil e 2019 na Argentina. Discutimos que o fenômeno das redes sociais alteraram as formas de intera o entre as pessoas, potencializando efeitos diversos que refletem na política e em outras instâncias sociais, como por exemplo na radicaliza o e no antagonismo.

De um modo geral, observamos o impacto do digital nas formas de engajamento político da atualidade, manifestando características distintas daquelas observadas no período anterior   era da conexão móvel, o que suscitou um arcabouço teórico e empírico próprio (e que está em constru o) na comunica o. Esse embasamento reforçou, precisamente, a importância do uso das conversas informais da internet como objetos capazes de oferecer reflexões importantes para o campo da comunica o política. Ressaltamos, também, o papel que os recursos linguísticos emocionais exercem sobre a política, principalmente nos espaços não institucionalizados. Isso porque são nessas arenas que a cr nica cotidiana incorpora questões políticas de interesse comum.

Deixou de ser novidade, portanto, o fato de que das múltiplas rela es que nascem nesses espaços, pouco aut nomos, conforme discutimos teoricamente, agregam-se amplos grupos e identidades dotados das mais distintas vozes possíveis. Estes, por sua vez, viram nos canais de circula o virtual um potencial inesgotável de propaga o e de registro de suas posi es ante as questões públicas.

A populariza o da internet não significou, no entanto, como se esperava nos primeiros trabalhos acadêmicos, grandes efeitos cívicos e democráticos, já que a capacidade de atrair usuários e fazer circular informa o transformou as informa es pessoais em fonte de lucro para as empresas que ali operam. Por existir uma economia algorítmica influenciando na configura o dessas plataformas, bem como pela forma com que elas são utilizadas, privilegiando a circula o em detrimento do conteúdo, dificilmente poder mos ler estes espaços em chave deliberacionista.

Outro fato que também dificulta esta aplicação teórica é o próprio uso que dos espaços discursivos, onde os usuários aprofundam relações antagônicas e desejo de eliminação de seus adversários.

É reconhecível que apesar de as ferramentas discursivas se destinarem à diversas funcionalidades, os usos narrativos nelas registrados demonstraram agressividade, sentimento de intolerância e pouca interação entre os sujeitos. Estas características podem ser encaradas como animosidades, barreiras que dificultam a avaliação da qualidade discursiva dessas arenas enquanto esferas públicas. O que, por outro lado, não significa que o conflito seja um elemento negativo para uma democracia. Pelo contrário, conforme aponta Mouffe (2015), negar o caráter conflituoso da política é uma atitude perigosa, na medida em que dificulta a criação de canais legítimos de expressão das diferenças, contribuindo ainda mais para aprofundar os antagonismos.

Sabendo disso, a tarefa desta pesquisa, trabalhando a análise em função da teoria, foi também a de fazer uma reflexão sobre as maneiras pelas quais os eleitores e as conversas políticas mudaram - e mudam em aparência e funcionalidade em reação à presença do *Facebook*. Como objetivo geral, a ideia foi analisar as conversações no *Facebook* a partir dos nichos temáticos formados pelos comentadores das matérias dos jornais publicadas em suas linhas do tempo. Por o corpus do trabalho agregar um alto volume de informações, a considerar pelo fato dele ter sido gerado em rede social, local de interação contínua e diária, foi preciso buscar formas metodológicas para ajudar com a interpretação destes objetos.

A técnica de lexicometria e as outras ferramentas probabilísticas complementares aqui aplicadas foram importantes para que pudéssemos agrupar grandes quantias de textos em nichos temáticos. Através destas ferramentas, a visualização e distribuição dos termos mais utilizados entre os conversadores foi facilitada, nos possibilitando verificar quais características aproximam ou distanciam os brasileiros dos argentinos a respeito da disputa eleitoral. Durante o exercício da análise, levou-se em conta as diferenças contextuais entre os dois ciclos eleitorais em questão, que apesar de semelhantes, também diferiram-se em alguns aspectos históricos e da própria cultura e agenda política de cada país.

Como objetivos específicos, tivemos: 1) Comparar entre as duas *fanpages* (Clarín e Estadão) os termos que foram mais utilizados nas conversas sobre as disputas eleitorais para, posteriormente, contrastar as diferenças entre os conversadores de cada país; 2) verificar, por meio da co-ocorrência de termos, como o tema eleitoral está sendo pautado pelos conversadores a partir de nichos temáticos; 3) compreender, com auxílio da literatura, em que medida os contextos eleitorais explicam posições mais ou menos radicais entre os comentadores.

O que se pode perceber é que a estruturação dos comentários, não raro, alimentava-se de recursos emocionais, cuja característica mais destacável era o exagero propositado na expressão linguística. Dentre esses usos, o caso brasileiro apresentou forte tendência à performance, onde a ideia de ação pelo desempenho e engajamento prevalecia. Isso foi observado pelo uso insistente de *hashtags*, como “B17” e “Lulalivre”, que conforme se observou durante a análise, eram repetidos até que outras mensagens ficassem escondidas na seção de comentários.

Outra característica específica dos conversadores brasileiros foi a formação dos dois grupos identitários polarizados, que se representavam de maneira tão incisiva que as conversações ficaram, de certo modo, restrita a defesa de um ou outro lado, não abarcando outras questões importantes para serem faladas durante um período eleitoral. Na prática, portanto, a conversação registrada na *fanpage* da Folha de S. Paulo era marcada por formas essencialistas de identificação, algo que Mouffe (2015) identifica como uma substituição do confronto democrático por valores morais rígidos.

Quanto ao caso argentino, os comentadores pareceram variar mais em seus temas de conversação, não restringindo-se apenas ao endosso dos candidatos. O resultado de agrupamento dos textos do corpus argentino indicou, de maneira visível, o efeito de catarse que o espaço dos comentários representava para estes conversadores. Nos termos estatisticamente frequentes, existia uma descarga emocional que parecia exceder um discurso racional e equilibrado.

Nossas duas hipóteses eram: H1) existem diferenças qualitativas no uso do espaço dos comentários entre brasileiros e argentinos; H2) comentadores brasileiros e argentinos utilizam os comentários para panfletar suas preferências eleitorais. Os resultados aqui apresentados nos possibilitaram enxergar, em perspectivas variadas, como o dois corpus se organizavam tematicamente.

Com isso, pode-se dizer que a H1 está confirmada, pois de fato os comentadores brasileiros divergiam muito mais na questão ética e radical que separavam os dois polos, Bolsonaro e PT, enquanto que na Argentina a utilização dos recursos linguísticos eram melhor exploradas. Voltando ao resultado dos dendogramas léxicos, no Brasil a distribuição de termos entre os grupos são semelhantes entre si. A classe de maior ocorrência, com 32%, trazia elementos semelhantes a classe de menor ocorrência, com 2,7%, não diferindo muito entre as palavras e, quando isso ocorria, eram nomes de candidatos ou uma *hashtag* diferente. Mudavam os nomes, mas o perfil e intencionalidade eram os mesmos. No caso Argentino, a visualização das diferenças se fez mais clara. A classe 4, mais forte, com 39,9%, tem perfil predominantemente econômico. Em comparação, a classe menos frequente, com 0,6%, foi rotulada pelos termos institucionais que apresentava, como palavras técnicas relacionadas ao judiciário. Tivemos também classes com adjetivos mais emocionais (33,7%) e de insulto (17,9%), o que revela uma heterogeneidade lexical.

A confirmação da H1 fica evidente, também, porque os comentadores brasileiros utilizavam *hashtags* e termos simples para engajar o nome seus candidatos, como “B17”, por exemplo. A julgar pelo resultado da matriz de co-ocorrência (gráfico 4), as ocorrências do termo Bolsonaro e suas variâncias são probabilisticamente mais utilizadas entre os conversadores do que os demais termos da conversação. Sabendo do contexto em que seu nome surge como liderança na sigla do partido PSL e os seus discursos, previamente publicizados pela televisão brasileira, que o tornaram peça-chave na disputa de 2018, tais resultados empíricos nos indicam a predominância da radicalização e da ideologia no caso eleitoral do país. Na Argentina, os termos centrais da matriz de co-ocorrência estão visivelmente mais equilibrados.

Dessa forma, os temas no Estado de S. Paulo não variavam muito, e quando o faziam, eram em função desses dois nomes fortes da disputa de 2018. Já na Argentina, os interlocutores apelavam para questões adicionais à questão central da disputa eleitoral. Ao filtrar os comentários com os termos, percebemos que apesar de existir também um comportamento radicalizado, expresso pelas palavras de xingamento, o léxico encontrado era mais denso e heterogêneo, de modo que as classes eram mais facilmente diferenciadas entre si. Essa situação nos leva a concluir, desta forma, que as diferenças de uso dos termos da conversação é

qualitativa, onde os argentinos tendem a utilizar um número mais variado de expressões em seus enunciados.

Quanto a H2, esta é parcialmente confirmada, na medida em que esse comportamento online, que assemelha-se ao ato de divulgar o nome e número do candidato, é muito mais comum entre os brasileiros do que os argentinos. Embora o nome de Macri seja estatisticamente frequente, vimos que a pauta econômica estava localizada na classe com maior número de ocorrência. Talvez aí se justifique a forte

menção ao candidato entre os comentários, já que este foi o último político a governar a Argentina até o ano de 2019. A economia era pauta importante na agenda midiática do país e, em muitos casos, o nome do ex-presidente era associado à crise, em virtude das medidas administrativas adotadas durante sua gestão que, conforme vimos no capítulo contextual, não desempenharam positivamente como se esperava.

A H2 não poderia ser confirmada em plenitude, também, porque comparando o dendograma léxico do Estado de S. Paulo e Diário Clarín, o primeiro consta o nome de Bolsonaro e Haddad em todas as classes, acompanhados também de siglas e números de candidaturas, termos esses presentes nos cinco grupos lexicais. No segundo jornal, o único candidato a aparecer nas classes é Macri, e este nome fica de fora das classes 2, 3 e 4. Por isso, é possível afirmar que estes espaços de comentário foram utilizados para panfletagem, mas não foi a característica mais destacável no caso eleitoral argentino.

Ademais, sob as perspectivas obtidas através do resultado dessa pesquisa, é inegável que a circulação e o engajamento dos usuários contidos na plataforma do *Facebook*, em especial, o uso do espaço dos comentários, se configuram hoje como uma das principais formas de manifestação de opinião no que diz respeito à política e outras questões comuns da atualidade.

Isso porque tais práticas reconfiguram os usos dessas plataformas e são importantes instrumentos para a avaliação dos seus efeitos nas práticas de sociabilidade. Se boa parte de nossas atividades e diálogos estão registradas em um site de rede social, também parece razoável a ideia de que os sinais dessa interatividade ecoem na vida política e democrática. A análise das conversações entre brasileiros e argentinos em 2018 e 2019 nos mostra, por fim, a importância que a investigação empírica voltada para os países latino americanos agrega para as

pesquisas já existentes, na medida em que cada região contém suas particularidades, que variam conforme suas conjunturas eleitorais.

A pergunta que guiou o trabalho era: como o contexto eleitoral de cada país diferencia a conversação entre brasileiros e argentinos sobre o tema eleitoral no *Facebook* e quais foram os principais temas articulados por eles? A resposta está na principal diferença encontrada entre conversadores brasileiros e argentinos: uma vez comparados, os dois ambientes eleitorais, que são expressivos e estavam relacionados pelo fator da crise econômica, percebeu-se que somente na Argentina isto era pauta de conversa, ao passo que no Brasil predominava a ideologia.

A análise das conversações entre brasileiros e argentinos em 2018 e 2019 nos mostra, por fim, a importância que a investigação empírica voltada para os países latino americanos agrega para as pesquisas já existentes, na medida em que cada região contém suas particularidades, que variam conforme seus ciclos políticos. Embora os dois casos parecessem muito semelhantes em uma perspectiva mais geral, devido a polarização entre os Kirchners- Macri e Bolsonarismo-PT, percebemos que resgatar as conjunturas políticas é um fato central ao aplicar um estudo comparativo, pois esse esforço coloca o pesquisador em familiaridade com o material empírico, habilitando-o a diferenciar os aspectos mais micros do objeto do estudo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio. **Polarização radicalizada e ruptura eleitoral**. In: Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 7-27.

ALBUQUERQUE, A. A Comunicação Política depois do Golpe: notas para uma agenda de pesquisa. **Compolítica**, n. 8, . 2, 2018, p. 171-206. Disponível em: <<<https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2018.8.2.193>>. Acesso em: 12/08/19

ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs depolítica. **Famecos**, Porto Alegre, v. 33, p.29-40, ago. 2017.

ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. 2007.

ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. **Tomando partido**: imprensa e eleições presidenciais em 2006. 2007.

ALONSO, Daniela; BRUSSINO, Silvina. ENVOLVIMENTO POLÍTICO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DEMOCRACIA NA ARGENTINA. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

ANTOUN, Henrique. Conversação, Mediação e Transformação na cultura da Rede. **Logos**, v. 23, n. 2, 2016.

ARCHETTI, Cristina. (2015). Terrorism, communication and new media: Explaining radicalization in the digital age. **Perspectives on Terrorism**, 9(1), pp. 49-59. En: <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/issue/view/50>

BARROS, S; CARNEIRO, R. (2015). A discussão pública e as redes sociais online: os comentários de notícias no Facebook. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, 17(2), pp. 175-185. En: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.172.05>

BENTES, Ivana. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciadores digitais. **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, p. 151-169, 2018.

BERARDI, Franco. **A Fábrica da Infelicidade**: trabalho cognitivo e crise da new economy. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. Tradução de: Orlando dos Reis.

BRAGA, Adriana. Ecologia das Mídias: uma perspectiva para a comunicação. In: **VIII NUPECOM–ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, Natal. 2008.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 7, n. 21, p.99-129, jan. 2015.

BRUNO, Fernanda Glória; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 3, p. 33095, 2019.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. Unesp, 1995.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Iramuteq: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p.513-518, jan. 2013. doi:10.9788/TP2013.2-16

CÁRDENAS, Alejandro; BALLESTEROS, Carlos; JARA, René. Redes sociales y campañas electorales en Iberoamérica. Un análisis comparativo de los casos de España, México y Chile. **Cuadernos. info**, n. 41, p. 19-40, 2017.

CARUNCHO, Lucía. Partidos de derecha y estilos de liderazgo. Notas sobre el PRO argentino y el PSL brasileño. **Colombia Internacional**, n. 103, p. 85-109, 2020.

CARVALHO, Fernanda Cavassana; CERVI, Emerson Urizzi. Mais Populismo, Menos Representatividade: Monitoramento e Lógica Populista da Comunicação Política em Redes Sociais Online. **Revista Estudos Políticos**: a publicação semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol.9 |N.1, pp. 86 -103, julho de 2018. Disponível em:<http://revistaestudospoliticos.com/>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMPOS, Luiz Augusto. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **Opinião Pública**, v. 20, n. 3, p. 377-406, 2014.

CERVI, Emerson Urizzi. **Métodos quantitativos nas ciências sociais**: uma abordagem alternativa ao feitichismo dos números e aos debate com qualitativistas. 2017.

_____. Análise de Conteúdo aplicada a Redes Sociais Online. In: CERVI, E. U. **Manual de Métodos Quantitativos para iniciantes em Ciência Política**. v. 2. Curitiba: CPOP, 2019. p. 101-128.

CHAMBERS, Simone. Deliberative democratic theory. **Annual review of political science**, v. 6, n. 1, p. 307-326, 2003.

CLETO, Murilo Prado; CORRÊA, Murilo Duarte Costa. A hipótese bolsonarista: as trincheiras e as linhas. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 54, p.266-290, jul. 2019. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/1564694757Revista%20Lugar%20Comum%20n.%C2%BA%2054.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

COCCO, Giuseppe. Le Brésil, entre démocratie radicale et tournant autoritaire. **Plateforme D'Enquêtes Militantes**. Paris, nov. 2018. Disponível em: <http://www.platenqmil.com/blog/2018/11/29/le-bresil-entre-democratie-radicale-et-tournant-autoritaire>. Acesso em: 25 set. 2020

CONDE, Dirceu Cleber. Lexicometria e análise do discurso. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, 2015.

DAMASCENO, Elizabete Aparecida. Lexicometria, geração de descritores, construção de ontologias e ensino de línguas: implicações e perspectivas. **Múltiplas Perspectivas em Linguísticas. 1a ed. Uberlândia: EDUFU**, v. 1, p. 01-3037, 2008.

DEAN, Jodi. Why the Net is not a Public Sphere. **Constellations**, v. 10, n. 1, p. 95-112, 2003.

DE MOOR, Aldo et al. An argumentation analysis of weblog conversations. In: **The 9th International Working Conference on the Language-Action Perspective on Communication Modelling (LAP 2004)**. 2004. p. 23.

DIAS, Eduardo Covalesky. Mídiação da política na Argentina: Governo Kirchner versus Grupo Clarín e as transformações midiáticas e políticas no contexto de aplicação da Lei de Meios Audiovisuais. 2015

DI PAOLO, Brenda. Retórica y producción de sentido: las noticias del diario Clarín y Página/12 en el debate sobre el proyecto de la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual.

FONTENELLE, André; GUAZINA, Liziane. O uso de pesquisas eleitorais no colunismo político: uma comparação entre O Globo e La Nación nas eleições presidenciais de Brasil (2014) e Argentina (2015). **Compólitica**, Brasília, v. 6, n. 1, p.65-91, jun. 2016.

FREIRE, Fernanda Alcântara. **Eleições da Zueira: Memes, humor e política nas eleições presidenciais de 2014**. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. 2016: o ano da polarização? **Friedrich-ebert-stiftung**, São Paulo, n. 22, p.5-20, 2017.

GUREVITCH, Michael; BLUMLER, Jay G. State of the Art of Comparative Political. **Comparing political communication: Theories, cases, and challenges**, p. 325, 2004.

GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, n.3, 2005.

GOMES, Gilberto. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. FAMECOS, Porto Alegre, 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Declaração: isto não é um manifesto. São Paulo: **n-1 edições**, 2014.

HAN, Byung-chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017. Tradução de: Enio Paulo Giachini.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

LATTMAN-WELTMAN, F. (2015). "Democracia e revolução tecnológica em tempos de cólera: influência política midiática e radicalização militante". Anais do VI Congresso da Compólitica, Brasil, Rio de Janeiro

LEMOS, André. **Nova esfera Conversacional**, in Dimas A. Künsch, D.A, da Silveira, S.A., et al, Esfera pública, redes e jornalismo., Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2009, ISBN 978857650243- 2, pp. 9 – 30.

MACHADO, Elias. Sistemas de Circulação no Ciberjornalismo. **Eco-pós**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.21-37, 2008.

MAIA. Dos dilemas da visibilidade midiática para a deliberação pública. In: LEMOS, A. et al. *Livro do XII Compós – Mídia.br*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 09-38

MALAMUD, Carlos. América Latina 2017-2019: un balance del ciclo electoral. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 82, n. 2, 2020.

MANSBRIDGE, Jane. On the idea that participation makes better citizens. **Citizen competence and democratic institutions**, p. 291-325, 1999.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; GUIMARÃES, Bruno Menezes Andrade. Conversações políticas e mediatização no Facebook: interações e conflitos a partir dos comentários sobre as ações da Frente Parlamentar Evangélica. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 41, n. 3, p. 87-103, 2018.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Aspectos teórico-metodológicos do processo comunicativo de deliberação online. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 6, p. 19-40, jul./dez. 2011.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro.; MAIA, Rousiley. Everyday conversation in the deliberative process: an analysis of communicative exchanges in discussion groups and their contributions to civic and political socialization. *Journal of Communication*, v. 60, n. 4, p. 611-635, 2010.

MARQUÊS, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, p.164-187, maio 2006.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil; MONT'ALVERNE, Camila; MITOZO, Isabele Batista. A empresa jornalística como ator político: Um estudo quanti-qualitativo sobre o impeachment de Dilma Rousseff nos editoriais de Folha e Estadão. **Observatorio (Obs*)**, v. 12, n. 3, p. 224-245, 2018.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CERVI, Emerson Urizzi. Tipos de engajamento e circulação de notícias nas redes sociais: A relação da audiência com os temas publicados nas fanpages de jornais regionais brasileiros. **Eptic**, São Cristóvão, v. 20, n. 3, p.193-214, set./dez. 2018.

MASSUCHIN, Michele Goulart; MITOZO, Isabele Batista; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Eleições e debate político on-line em 2014: os comentários no Facebook do jornal O Estado de S. Paulo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 23, p.295-320, maio/ago. 2017.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana de; MITOZO, Isabele Batista. Eleições, radicalização e redes sociais: os comentários no Facebook durante a disputa presidencial em 2014. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 40., 2016, Caxambu. Anais. Caxambu: Anpocs, 2016. p. 1 – 28.

MAURO, Sebastián. 2020. “Coaliciones electorales y nuevos partidos políticos en Argentina. El caso de Propuesta Republicana”. *Convergencia Revista de Ciencias Sociales* 27: 1-24

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SAMPAIO, Rafael Cardoso; SAMPAIO, Samuel Anderson Rocha. Deliberação Online no Brasil entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação. Belo Horizonte: E-livros (edufba), 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19267>>. Acesso em: 12 set. 2019.

MENEZES, Renato Contente Freire de. **Entre a anormalidade e a abjeção dos corpos**: egularidades temáticas do discurso LGBTfóbico nos comentários da página do Facebook do Diário de Pernambuco. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MODESTO, Michelle. Propaganda política e discursos de verdade nas redes sociais colaborativas: as eleições de 2016. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Entre a liberdade e a ordem: o jornal O Estado de São Paulo e a ditadura (1969-1973). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 43, n. 2, p. 367-379, 2017.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. Tradução de: Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MUNDIM, Pedro Santos. O viés da cobertura política da imprensa nas eleições presidenciais brasileiras de 2002, 2006 e 2010. **Revista brasileira de ciência política**, n. 25, p. 7-46, 2018.

NATANSON, José. Argentina: Elecciones en tiempos de grieta. **Nueva sociedad**, v. 281, p. 4-11, 2019.

NETO, fausto, A. (2008). **Fragmentos de uma «analítica» da midiatização**. *MATRIZES*, 1(2), 89-105.

NICHOLS, Bruno Washington. A participação radicalizada relacionada a Aécio Neves e Dilma Rousseff nas fanpages de quality papers brasileiros em 2014. 2018.

ORTELLADO, Pablo. Los brasileños leen Facebook: Izquierdas y cultura política digital. **Nueva Sociedad: democracia y política en América Latina**, Buenos Aires, n. 269, p.127-136, jun. 2017.

POPPER, Karl Raimund. **The open society and its enemies: The spell of Plato**. Princeton University Press, 1971.

QUINTAR, Aída; ARGUMEDO, Alcira. Argentina: os dilemas da democracia restringida. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 49, p.35-64, 2000.

RATTO, María Celeste. Otra vez la economía. La influencia de la agenda económica en las elecciones 2019. **Más poder local**, n. 40, p. 38-45, 2020.

RECUERO, Raquel. **Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet**.n: Alex Primo. (Org.). *Interações em Rede*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**, p. 259-274, 2012.

_____. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 38, p. 118-128, 2009.

_____ ; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 31-47, 2019.

REINERT, H. K. 1993. Habitat selection in snakes. *In*: SEIGEL R. A. & COLLINS, J. T. eds. **Snakes, ecology & behavior**. New York, Mc Graw-Hill. p.201-240.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FRIZZERA, Luciano. A conveniência dos algoritmos. **Compolítica**, v. 10, n. 1, p. 35-58, 2020.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Penso Editora, 2009.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; BRAGATTO, Rachel Callai; NICOLÁS, Maria Alejandra. A construção do campo de internet e política: análise dos artigos brasileiros apresentados entre 2000 e 2014. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 20, n. 1, p.285-320, dez. 2016.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Quão deliberativas são discussões na rede?: um modelo de apreensão da deliberação online. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 20, n. 42, p. 121-139, jun. 2012.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; BARROS, Samuel Anderson Rocha and MORAIS, Ricardo. Como avaliar a deliberação online?: um mapeamento de critérios relevantes. *Opin.Publica* [online]. 2012, vol. 18, n. 2, pp. 470-489. ISSN 0104-6276. [http://dx. doi. org/10.1590/S0104-62762012000200010](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762012000200010).

SAMPAIO, Rafael Cardoso; BARROS, Samuel Anderson Rocha. Os sites de notícias podem estimular a deliberação online? Um estudo dos comentários de leitores postados no Folha. com. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 2, p. 192-211, 2012.

SANTOS, Marcelo Alves dos. Cartografia das Redes da Revolta: fluxos políticos de oposição radical no Facebook. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p.106-120, 2014.

SANTOS, Matheus Lock. **Comunicações transversais: cruzamentos e confrontos de opiniões nas redes digitais sobre o preconceito pós-eleitoral**. 2012. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SASSEN, Saski, *Globalization and its Discontents*. Ney York: The New Press, 1998.

SCHUDSON, Michael. Why conversation is not the soul of democracy. **Critical Studies in Media Communication**, v. 14, n. 4, p. 297-309, 1997.

SILVEIRA, Mauro César. Em busca de uma visão mais abrangente da história do jornalismo e o exemplo argentino do grupo Clarín. **Faces da História**, v. 1, n. 1, p. 6-23, 2014

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Direita nas redes sociais online**. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. *Direita, Volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SINDERSKI, Rafaela, CERVI, Emerson. Conversação Política na Fanpage do Movimento Brasil livre: uma análise das discussões sobre a redução da maioria penal entre 2015 e 2018. **Teoria e Pesquisa**, v.28, n.3, 2019.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de et al. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018.

STRANDBERG, K., e Berg, J. (2013). Online newspapers readers comments – Democratic Conversation Plataforms or virtual Soaboxes. *Comunicação e Sociedade*, 23, pp. 110-131. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23\(2013\).1618](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23(2013).1618).

SVAMPA, Maristella. Posprogresismos, polarización y democracia en Argentina y Brasil. **Nueva Sociedad**, n. 282, p. 121-134, 2019.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TAVARES, Camila Quesada; MASSUCHIN, Michele Goulart. **Interesse do público ou entretenimento: que tipo de informação o leitor procura na internet?** 2017. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1338>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

TEIXEIRA, Antonio Claudio Engelke Menezes. As paixões, os interesses e a Internet. **Perspectivas**, Revista de Ciências Sociais, São Paulo, n. 40, p.201-221, dez. 2011.

TUCHERMAN, Ieda. Subjetividade contemporânea, dispositivos móveis e afetos. **Revista Dispositiva**, v. 6, n. 9, p. 9967.20, 2017.

VAN DIJCK, José. **La cultura de la conectividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VOMMARO, Gabriel; GENÉ, Mariana. Argentina: el año de Cambiemos. **Revista de ciencia política (Santiago)**, v. 37, n. 2, p. 231-254, 2017.

WIRTH, Werner; KOLB, Steffen. Designs and Methods of Comparative Political Communication Research. **Comparing Political Communication**, Cambridge, p.87-112, nov. 2009. Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/cbo9780511606991.006>.

ZOVATTO, Daniel Domingo . El súper ciclo electoral latinoamericano 2017-2019: el voto de enojo en tiempos de fatiga democrática y malestar con la política. **Análisis Carolina**, n. 3, p. 1, 2020.